



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS**  
**Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica**

**MARIA JULIETA RAMOS COUTO DE CARVALHO**

**Aprender com coração:  
Os afetos, hoje, em educação**

**Um contributo pedagógico a partir da Unidade Letiva 3  
«Riqueza e sentido dos afetos» do sétimo ano de  
escolaridade**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada**

**Sob orientação de:  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Isabel Pereira Varanda**

**Braga  
2022**

## AGRADECIMENTOS

Chegada ao fim de mais uma etapa da minha formação pessoal e académica, desejo agradecer a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para que este processo se concretizasse.

Em primeiro lugar à Universidade Católica Portuguesa em Braga, local onde trabalho, pela possibilidade de me permitir seguir em frente com este meu sonho. Este agradecimento estende-se também à Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Isabel Pereira Varanda, docente nesta Universidade, pela orientação dedicada, pela partilha de saberes, pela motivação, pela persistência, pelo apoio, pelas palavras de coragem e compreensão com que sempre me acompanhou durante este processo da minha formação.

Deixo, também, um agradecimento à Dr.<sup>a</sup> Maria José Antunes Rodrigues, orientadora cooperante, pelos muitos ensinamentos e aprendizagens transmitidos, contribuindo e muito para a minha formação como docente de EMRC.

Agradeço ao Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches, em particular a todos os alunos e alunas da turma 2 do 8º Ano, em que realizei a minha Prática de Ensino Supervisionada (PES), pela simpatia com que me acolheram, pela paciência e dedicação com que sempre desempenharam as atividades pedidas, ajudando-me a ultrapassar dificuldades e receios, próprios de uma professora estagiária.

Um grande obrigada aos colegas do meu núcleo de estágio, pela amizade, pela partilha, pela ajuda nos momentos de angústia e tristeza, bem como nos de alegria e felicidade. Bem hajam!

Às minhas amigas Susana e Rosa, companheiras de todos os dias, pela amizade, pela escuta, pelo apoio, pelo incentivo. Obrigada!

Aos meus irmãos e irmãs, pelas palavras de força e coragem com que sempre me incentivaram.

Aos meus pais, pelo amor gratuito e sem medida que sempre dedicaram aos filhos.

Ao meu marido, Pedro, e à minha filha, Leonor, pelo amor e afeto que sempre me dedicaram, pela paciência e confiança que sempre me transmitiram, mesmo quando privados da minha atenção e do meu tempo. Amo-vos!

## RESUMO

A adolescência tem início na puberdade, mas desconhece-se, em rigor, quando termina. Só há pouco tempo é que foi reconhecida como um período de desenvolvimento humano, tendo tido diferentes significados e formulações, consoante a cultura em que era enunciada, pois o modo como cada cultura lida com os seus jovens resulta do seu contexto sociocultural e histórico.

A noção de si mesmo, do seu corpo, a capacidade de lidar com as transformações constantes, seja do ponto de vista físico, psicológico, cognitivo, emocional e espiritual, afetam o jovem adolescente durante este processo de amadurecimento.

Saber posicionar-se num contexto espacial, tendo por referência um determinado quadro de valores, pertença da comunidade em que se insere; atender aos fatores condicionantes da relação consigo mesmo e da relação com os pares e demais membros; tentar compreender e resistir às alterações intrínsecas e extrínsecas de se ser adolescente são, deveras, tarefas árduas para os jovens adolescentes de agora.

Capacitar os jovens adolescentes para o olhar atento, para o cuidado a colocar no encontro e acolhimento a dar ao outro, ao próximo; educar para a afetividade é deveras um desafio e uma necessidade.

A abordagem a uma cultura de cuidado no encontro e acolhimento como dimensão afetiva é assim essencial no contexto escolar, em que a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, que pretende contribuir para o desenvolvimento integral dos jovens, assume preponderância, pois tem como objetivo a formação do ser humano e a sua vivência em comunidade, integração plena na sociedade e na construção de um mundo melhor. Este Relatório pretende demonstrar a importância de educar para a afetividade e para a fraternidade humana.

**Palavras-chave:** acolhimento; adolescência; afeto; cuidado; EMRC; encontro; *Fratelli Tutti*; próximo.

## ABSTRACT

Adolescence begins at puberty, but it is not known exactly when it ends. In fact, only recently it was recognized as a period of human development with different meanings and formulations, depending on the culture in which it was discussed, since the way each culture deals with its young people is a result of its sociocultural and historical context.

The notion of oneself, of one's body and the ability to deal with the constant changes, whether it is from a physical, psychological, cognitive, emotional or spiritual point of view, affects young adolescents during this process of maturity.

Knowing how to position on a spatial context, having as a reference a certain set of values, belonging to the community where one lives; bearing in mind the conditioning factors of the relationship with oneself and the relationship with peers and other members; trying to understand and resist the intrinsic and extrinsic changes of being a teenager are indeed arduous tasks for young teenagers today.

To guide / teach young teenagers to take a closer look, to care about the way they meet and welcome others; educating for affection is indeed a challenge and a necessity.

The approach to a culture of care on the encounter and welcome as an affective dimension is therefore essential on an educational context on which the discipline of Catholic Moral and Religious Education, aiming to contribute to the fully development of young people, assumes preponderance, as its goal is the development of the human being and his experience on the community, complete integration onto society and in building a better world. This Report intends to demonstrate the importance of educating for affectivity and human fraternity.

**Keywords:** hospitality; adolescence; affection; care; EMRC; meeting; *Fratelli Tutti*; close/neighbor

## ÍNDICE

<b>ABREVIATURAS E SIGLAS</b>	<b>7</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO I: ANÁLISE PEDAGÓGICA DA UNIDADE LETIVA 3 DO 7º ANO DO PROGRAMA DE EMRC “RIQUEZA E SENTIDO DOS AFETOS”</b>	
<b>1. Apresentação da Unidade Letiva 3 “Riqueza e sentido dos afetos”</b>	<b>11</b>
<b>2. A pertinência e contextualização da Unidade Letiva 3 “Riqueza e sentido dos afetos” do currículo do 7º ano no programa de EMRC e respectivas aprendizagens essenciais</b>	<b>29</b>
<b>3. O contributo da Educação Moral e Religiosa Católica para o desenvolvimento da afetividade dos adolescentes</b>	<b>35</b>
<b>4. Síntese</b>	<b>40</b>
<b>CAPÍTULO II: A PROBLEMÁTICA DO TEMA “RIQUEZA E SENTIDO DOS AFETOS” À LUZ DA ENCÍCLICA <i>FRATELLI TUTTI</i></b>	
<b>1. Apresentação da Encíclica <i>Fratelli Tutti</i></b>	<b>42</b>
<b>2. A dimensão afetiva da Cultura do Cuidado</b>	<b>48</b>
2.1. <i>A noção de cuidado a partir do pensamento de Leonardo Boff</i>	49
2.2. <i>A Parábola do afeto e do cuidado – O Bom Samaritano (Lc 10,25-37)</i>	51
2.3. <i>O cuidado no encontro e acolhimento afetivo</i>	57
<b>3. Os jovens adolescentes e a atual (in)capacidade afetiva de cuidado no encontro e acolhimento: educar para a cultura do cuidado no encontro e acolhimento afetivo</b>	<b>68</b>
<b>4. Proposta pedagógica com a introdução e desenvolvimento do conceito de cultura do cuidado no encontro e acolhimento como dimensão afetiva no âmbito de uma educação inclusiva e integral na Unidade Letiva 3 “Riqueza e sentido dos afetos”</b>	<b>72</b>
<b>5. Síntese</b>	<b>75</b>

CAPÍTULO III: PRÁTICA LETIVA DA UNIDADE LETIVA 3 “RIQUEZA E SENTIDO DOS AFETOS”

<b>1. Caracterização da escola e da comunidade educativa</b>	76
<b>2. Caracterização da turma</b>	79
<b>3. Propostas de Planificação da Unidade Letiva 3 “Riqueza e sentido dos afetos</b>	82
3.1. <i>Aula 1 – Adolescência: conceitos e etapas</i>	84
3.2. <i>Aula 2 – A formação e o desenvolvimento da personalidade</i>	89
3.3. <i>Aula 3 – Recapitulação das aulas anteriores.</i>	
<i>Introdução do tema – Adolescência: preocupações e desafios</i>	94
3.4. <i>Aula 4 – Adolescência: preocupações e desafios</i>	98
3.5. <i>Aula 5 – Namoro e enamoramento na adolescência: desafio a entender o eu e o outro, a amar e ser amado</i>	102
3.6. <i>Aula 6 – O agir moral e a questão religiosa</i>	106
3.7. <i>Aula 7 – Mensagem cristã sobre a felicidade: somos feitos para amar!</i>	110
3.8. <i>Aula 8 – Continuação da aula anterior. Ficha de avaliação</i>	114
<b>4. Avaliação da Prática de Ensino Supervisionada</b>	117
<b>CONCLUSÃO</b>	120
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	122
<b>ANEXOS</b>	
<b>Anexo I – Ficha de caracterização do aluno</b>	129
<b>Anexo II – Ficha de avaliação e consolidação de conhecimentos</b>	139

## ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>1 Cor</b>	Primeira Carta de S. Paulo aos Coríntios
<b>AEFS</b>	Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches
<b>AL</b>	Exortação Apostólica <i>Amoris Laetitia</i>
<b>AP</b>	Aprendizagens Essenciais
<b>AT</b>	Antigo Testamento
<b>CA</b>	Contrato de Autonomia
<b>CCE</b>	<i>Catechismus Catholicae Ecclesiae</i> (Catecismo da Igreja Católica)
<b>CDSI</b>	Compêndio da Doutrina Social da Igreja
<b>CEP</b>	Conferência Episcopal Portuguesa
<b>ChV</b>	Exortação Apostólica <i>Christus Vivit</i>
<b>DCE</b>	Carta Encíclica <i>Deus Caritas Est</i>
<b>E@D</b>	Ensino à Distância
<b>EB</b>	Escola Básica
<b>EG</b>	Exortação Apostólica <i>Evangelii Gaudium</i>
<b>EMRC</b>	Educação Moral e Religiosa Católica
<b>FT</b>	Carta Encíclica <i>Fratelli Tutti</i>
<b>GAAF</b>	Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família
<b>GE</b>	Declaração Sobre a Educação Cristã <i>Gravissimum Educationis</i>
<b>Gn</b>	Livro do Génesis
<b>GS</b>	Constituição Pastoral <i>Gaudium et Spes</i>
<b>JI</b>	Jardim de Infância
<b>Lc</b>	Evangelho segundo S. Lucas
<b>OMS</b>	Organização Mundial de Saúde
<b>PASEO</b>	Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória
<b>PE</b>	Projeto Educativo
<b>PES</b>	Prática de Ensino Supervisionada
<b>REEI</b>	Rede de Escolas de Educação Intercultural
<b>RTP</b>	Relatório Técnico-Pedagógico
<b>SMS</b>	Short Message Service (Serviço de Mensagens Curtas)
<b>TEIP</b>	Território Educativo de Intervenção Prioritária
<b>UL</b>	Unidade Letiva

## INTRODUÇÃO

Falar em adolescência é falar de uma fase de transição em que se manifestam grandes mudanças em todas as áreas da vida, desde logo, a nível físico, como também a nível psicológico e afetivo. Neste período de vida emoções, sentimentos, sensibilidades, vulnerabilidades e afetos são vividos intensamente, alternando a alegria e felicidade para tristeza e solidão com a maior rapidez.

A família tem um lugar privilegiado quando se fala em afetividade na adolescência, uma vez que é no seu seio que existem e se desenvolvem as primeiras emoções. Contudo, lamentavelmente, sabemos que nem sempre é esta a realidade para algumas, bastantes, crianças ou jovens adolescentes.

A afetividade na adolescência é muito influenciada pela família, pela escola e pelo grupo de amigos. Nesta fase, o jovem adolescente estabelece relações com as pessoas que lhe são mais próximas e importantes, criando assim vínculos afetivos que lhe permitirão desenvolver plenamente a sua maturidade emocional. A afetividade pode ser vivida e expressada de variadas formas: no comportamento, na comunicação e diálogo e no modo de interagir, manifestando-se nas ações e emoções do ser humano.

Na adolescência nem sempre é fácil o convívio com o outro e por isso é fundamental, de modo a valorizar as relações, que devamos aprender a fazê-lo cuidadosamente. É neste cuidado na relação com o outro que se manifesta a preocupação, a responsabilidade e envolvimento afetivo e de amor para com o próximo.

Esta aprendizagem sobre o modo de se relacionar, no encontro e acolhimento com o próximo, é fundamental para o desenvolvimento íntegro e inclusivo do jovem adolescente; é estruturante para criar laços de empatia, diálogo, cooperação e respeito pelos outros, sem esquecer a diversidade de cada ser humano, da sua cultura, da sua identidade, dos seus valores, costumes, diferenças, numa procura pelo bem comum.

Considerando que é em meio escolar que o jovem adolescente passa a maior parte do seu tempo, a educação, dita formal, é o maior suporte e alimento cognitivo, psicológico, emocional e relacional. Neste sentido procurarei demonstrar, através deste Relatório da Prática de Ensino Supervisionada, que a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica - EMRC tem um importante contributo a dar na formação e crescimento afetivo dos jovens adolescentes.

Com efeito, partindo da Unidade Letiva 3 “Riqueza e sentido dos afetos”, do currículo do 7.º ano de escolaridade, e tendo por base a Encíclica *Fratelli Tutti*, pretende-se

propor, do ponto de vista pedagógico, a introdução do conceito de cuidado no encontro e acolhimento como dimensão afetiva.

O presente Relatório apresenta-se estruturado em três capítulos. Os dois primeiros incidem num referencial teórico e científico. O terceiro capítulo procura ser um passar à prática dessa teoria, ainda que assente num enquadramento teórico subjacente, mas onde a práxis assume um lugar preponderante. Em todos eles há lugar à reflexão crítica, num registo assumidamente pessoal, que resulta da aprendizagem ao longo de todo o Mestrado.

Deste modo, no primeiro capítulo far-se-á uma análise pedagógica à Unidade Letiva (UL) 3 do 7º ano “Riqueza e sentido dos afetos”, do 3.º ciclo do ensino básico, apresentada no Manual do Aluno «*Quero saber!*» que nos permite aprofundar vários temas importantes para compreender a adolescência, entendendo-a num contexto mais alargado, considerando as várias dimensões: corporal, psicológica, familiar, social, escolar, moral e religiosa, que contribuem, de forma integral para o desenvolvimento da identidade pessoal do adolescente e na construção da sua personalidade.

Far-se-á ainda uma abordagem à pertinência e contextualização da UL 3 no Programa de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) e respetivas Aprendizagens Essenciais (AE), bem como, o contributo da disciplina de EMRC para o desenvolvimento da afetividade nos adolescentes, ao longo do processo de ensino-aprendizagem.

No segundo capítulo dar-se-á enfoque à Encíclica *Fratelli Tutti* com a sua apresentação, que permitirá conhecer a mensagem pedagógica e cristã que o Papa Francisco envia para as pessoas de boa vontade. Partindo do pensamento do teólogo Leonardo Boff faremos uma aproximação ao conceito e dimensão de cuidado, para depois aprofundarmos esta temática na Encíclica *Fratelli Tutti* vertida na parábola do Bom Samaritano (Lc 10,25-37), expoente máximo do cuidado pelo próximo. Partindo deste texto bíblico, refletiremos, em harmonia com a *Fratelli Tutti*, sobre o cuidado no encontro e acolhimento afetivo e o impacto que esta temática, num formato de proposta de vida ou para a vida, tem na educação dos jovens adolescentes.

Por fim, apresentar-se-á um contributo em forma de proposta pedagógica com a introdução e desenvolvimento deste tema “conceito de cultura de cuidado no encontro e acolhimento como dimensão afetiva” no currículo da disciplina na UL 3 do 7.º ano de escolaridade.

No terceiro capítulo abordarei a experiência letiva no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES) em contexto de sala de aula, bem como a experiência enquanto docente em contexto escolar. Neste capítulo efetuarei a caracterização do agrupamento e da sua comunidade educativa; posteriormente, incidirei na análise dos dados relativos à turma e

apresentarei uma proposta pedagógica sobre a Unidade Letiva em apreço, num espaço temporal muito específico, o da pandemia da Covid-19.

Com efeito, a Prática de Ensino Supervisionada sofreu influências e constrangimentos resultantes do contexto pandémico que vivemos. A minha reflexão também se debruçará sobre a forma como os discentes aprenderam num tempo marcado por adaptações, receios, confinamentos e como isso os marcou do ponto de vista relacional e afetivo.

Aprender é um processo complexo pois envolve pessoas e processos em dinâmicas fortemente estruturadas e tendencialmente estanques. No entanto, refletindo sobre o processo de ensino-aprendizagem, deparamo-nos com a interdisciplinaridade de temas, conteúdos e áreas curriculares, que têm mais a ganhar com a mobilização de saberes e a respetiva articulação entre si; deste modo, possibilitam a criação de um manancial de perspetivas e cenários educativos para os alunos de hoje que queremos formar para um futuro que desconhecemos.

Ensinar e aprender implica disponibilidade e adequação de recursos, vontade dos interlocutores, estratégias eficientes e propósitos claros para os envolvidos. As ciências da educação e a própria prática educativa mostram que há circunstâncias, contextos e intervenientes que irão afetar o processo de ensino-aprendizagem; no entanto, isso não nos deve desmobilizar de querer uma educação de qualidade científica e, sobretudo, afetiva e humanizante.

## CAPÍTULO I: ANÁLISE PEDAGÓGICA DA UNIDADE LETIVA 3 DO 7º ANO DO PROGRAMA DE EMRC: “RIQUEZA E SENTIDO DOS AFETOS”

Como educadores, é fundamental fazer uma reflexão sobre a adolescência e o perfil de um adolescente, numa tentativa de compreender e clarificar que esta etapa de vida acarreta grandes e complexos desafios para todos os envolvidos; é importante perceber que não se pode falar de adolescência de uma forma banal nem generalizadora, bem como, a relevância da afetividade no processo do seu desenvolvimento e crescimento, nomeadamente na relação familiar, educacional e social.

Neste primeiro capítulo começaremos por fazer uma análise, sustentada por um referencial teórico, à Unidade Letiva (UL) 3 do 7º ano, do 3.º ciclo do ensino básico, apresentada no Manual do Aluno «*Quero saber!*». De seguida, mencionarei a pertinência e contextualização da UL 3 no Programa de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) e respetivas aprendizagens essenciais. Por último, debruço-me sobre o contributo da EMRC para o desenvolvimento da afetividade nos adolescentes.

### **1. Apresentação da Unidade Letiva 3 “Riqueza e sentido dos afetos”**

A Unidade Letiva (UL) 3 do 7º Ano do Programa de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC): “Riqueza e sentido dos afetos” é abordada no manual do aluno «*Quero saber!*» que nos refere importantes temas para compreender *a adolescência e o desenvolvimento da pessoa, a construção da personalidade, preocupações e desafios, o agir moral e a questão religiosa e a mensagem cristã sobre a felicidade.*

Logo no primeiro tema sobre a importância de compreender *a adolescência e o desenvolvimento da pessoa* saltam-nos à vista as várias interrogações e procura de respostas, características dos adolescentes: «Por que é que ninguém me compreende? Por que me chateiam tanto os outros? Afinal quem sou eu? O que está a acontecer comigo?»<sup>1</sup>

A vida do ser humano, após a fecundação, é um processo contínuo composto por várias experiências que permitem a construção da sua história individual, única e irrepetível. «Conhecer-me é compreender quem sou e o que quero fazer com a minha própria vida».<sup>2</sup> É em

---

<sup>1</sup> António Cordeiro et al., *Quero Saber!: Manual do Aluno do 7.º Ano de Educação Moral e Religiosa Católica* (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015), 89.

<sup>2</sup> Cordeiro et al., 89.

frente ao espelho que o adolescente se identifica, mas também que percebe que está diferente, que existem mudanças.

«Na adolescência vive-se como que num mundo entre dois mundos: já não se quer ser criança e ainda não se consegue ser adulto».<sup>3</sup>

É nesta fase da adolescência, em que a vida é marcada por grandes transformações fisiológicas, psicológicas, pulsionais, afetivas, intelectuais e sociais, que se descobre e define a personalidade. «[...] o adolescente enfrenta tarefas hercúleas, como rever a sua vida e o seu *eu*, compreender e lidar com as alterações do seu corpo, dos seus pensamentos, das suas expectativas e das suas emoções».<sup>4</sup>

No sentido de esclarecer e compreender melhor a adolescência, o manual do aluno explica-nos a diferença entre os conceitos de “adolescência” e de “puberdade”:

Adolescência (do latim *adolescere*) significa “amadurecer”, “crescer”, “desenvolver-se” não se explica pela biologia, mas define-se de forma diferente em cada cultura e vida segundo a história da pessoa e do meio social.

Puberdade (do latim *pubescere*) significa “cobrir-se de pelos” é o processo de maturação biológica, sexual e reprodutora que se inicia geralmente entre os dez e os doze anos, nas raparigas, e entre os doze e os catorze anos, nos rapazes. Nela tem lugar o aparecimento dos caracteres sexuais secundários (pelos, barba, menstruação, etc.).<sup>5</sup>

A adolescência tem início na puberdade, mas ignora-se quando termina. Alguns especialistas defendem que termina com a independência económica.

A fase de adolescência só há pouco tempo é que foi reconhecida como um período de desenvolvimento humano. Existem vários estudos sobre a história da adolescência onde percebemos que adquiriu significados e formulações diversas, transformando-se conforme a cultura em que são enunciadas, pois o modo como cada cultura lida com os seus jovens resulta do seu contexto sociocultural e histórico.

O conceito de adolescência enquanto período particular, distinto da vida, situado entre a infância e a idade adulta não existiu sempre, só há relativamente pouco tempo foi reconhecido como um período de desenvolvimento humano. Até ao final do século XIX, a adolescência não era reconhecida socialmente pelos adultos como uma etapa do ciclo vital. Antes desta época, entendia-se que o indivíduo passava directamente da infância à idade adulta sem transitar por um estágio intermediário, ou por uma fase com características tidas como diferenciadoras e significativas no plano desenvolvimental.<sup>6</sup>

---

<sup>3</sup> Cordeiro et al., 90.

<sup>4</sup> Margarida Gaspar de Matos, *Adolescentes: As Suas Vidas, o Seu Futuro* (Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2020), 9.

<sup>5</sup> Cordeiro et al., *Quero Saber!: Manual do Aluno do 7.º Ano de Educação Moral e Religiosa Católica*, 90.

<sup>6</sup> Manuela Ferreira e Paula Batista Nelas, «Adolescência... Adolescentes», *Educação, Ciência e Tecnologia*, Fevereiro de 2006, 142, acedido a 23 de janeiro de 2021 em <http://hdl.handle.net/10400.19/409>.

Falar em adolescência e no perfil de um adolescente não é tarefa fácil, podemos dizer que «não é falar apenas numa fase de transição, mas a essência da vida humana [...]»<sup>7</sup>, e para perceber é importante falar nas suas etapas e nas mudanças que estas trazem relativamente ao corpo, com os pais e família, com os pares, com a sociedade, a nível afetivo e psicológico.

«A adolescência abrange um período de tempo longo, mas com variantes consoante o género e a individualidade de cada um».<sup>8</sup> Assim, temos a primeira etapa dos 10 aos 13 anos a segunda dos 13 aos 18 anos e por fim dos 18 aos... anos. Contudo, a Organização Mundial de Saúde (OMS) considera a adolescência como o período de vida que vai dos 10 aos 20 anos e que a juventude vai dos 15 aos 24 anos de idade.<sup>9</sup>

É no corpo onde se situam as maiores alterações em crescimento e maturação desde o momento em que nascemos até à morte. A nível fisiológico as mudanças são diferentes entre os rapazes e as raparigas, crescimento em altura, aumento da massa muscular, alterações a nível cerebral, nomeadamente a nível de desenvolvimento cognitivo, de pensamento e raciocínio e a nível afetivo e social.

Dos 10 aos 14 anos, a rapariga cresce e toma formas femininas, olha com frequência para o espelho, esvoaça aos bandos aos risos, com evidente cumplicidade, troca confidências, aprende a má-língua, descobre que os rapazes existem e, quando se zangam é a sério.

O rapaz da mesma idade, por seu lado, joga furiosamente futebol ou outros desportos de equipa, é amigo de outros rapazes, com os quais se envolve numa luta física que se assemelha à violência, mas não tem esse significado. Discute em grupo, desportos e jogos da play-station, e sente-se intimidado pelas raparigas, que procura evitar.<sup>10</sup>

Estas alterações no corpo estão associadas a outros sinais de carácter hormonal ou biológicos de cariz sexual, entre eles «a menstruação, a ejaculação, os pelos, o acne, alterações na voz, o aumento de peso, o aumento da estatura, os odores corporais [...]»<sup>11</sup>, provocando no adolescente uma preocupação com a aparência física e o aparecimento de incertezas associadas ao corpo.<sup>12</sup>

Ao abrirem-se no desenvolvimento da sua sexualidade e, portanto, na sua relação com os demais, com o outro, os adolescentes «fazem a descoberta do “tu”, e nela do “eu”»<sup>13</sup>,

---

<sup>7</sup> Maria do Céu Machado, *Adolescentes* (Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2015), 14.

<sup>8</sup> Cordeiro et al., *Quero Saber!: Manual do Aluno do 7.º Ano de Educação Moral e Religiosa Católica*, 91.

<sup>9</sup> Cf. Machado, *Adolescentes*, 16.

<sup>10</sup> Machado, *Adolescentes*, 22.

<sup>11</sup> Matos, *Adolescentes: As Suas Vidas, o Seu Futuro*, 29.

<sup>12</sup> cf. Matos, 29.

<sup>13</sup> Cristina Sá Carvalho, *Guia de Educação da Sexualidade* (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2008), 37.

manifestando-se uma «necessidade de ter nos pares, e no par amoroso, um “espelho” onde reconhecer a sua personalidade em formação, colaborando na procura de resposta para a mais vital das perguntas: “Quem sou eu?»<sup>14</sup>

Daqui se conclui que nesta fase da adolescência a descoberta do feminino e do masculino e das suas diferenças levam a um interesse pela descoberta da sexualidade, que conseqüentemente implica a descoberta de «emoções esmagadoras, reações fortes e súbitas, dramáticas e imprevisíveis».<sup>15</sup>

O corpo tem uma grande importância para os adolescentes, levando-os a preocuparem-se muito com a sua aparência; nesta fase adquirem certa autonomia para desenvolver os seus gostos pessoais, nomeadamente com relação ao que vestem. Existe um padrão de beleza como se de um cartão de visita se tratasse: para uns a roupa, para outros o corte de cabelo, um brinco, o perfume, ou um outro acessório.

A primeira impressão é de maior importância entre os pares e nas suas relações sociais (existem vários papéis imaginados e interpretados pelo adolescente e neles procura sempre ser o centro das atenções). Como sabemos, este conceito de beleza, de belo, é ditado pela sociedade em que vivemos; os adolescentes querem muito ser aceites e seguem todos os padrões de beleza que a sociedade promove. Por isso, é normal encontrá-los em frente ao espelho, como que admirando a sua imagem.<sup>16</sup> Como refere Alfredo Teixeira:

A multiplicação da indústria dos produtos dirigidos aos adolescentes e jovens adultos abre um largo campo de escolha, permitindo a construção de múltiplos códigos de identificação/distinção – o objetivo é construir um «estilo». Sem isto, o adolescente fica exposto ao ridículo, na sua rede de relações: paradoxalmente, para se ter uma identidade pessoal é necessário, antes de mais, ser-se como os outros.<sup>17</sup>

A autoimagem é também um meio que ajuda na construção da identidade, por isso esta deve ser do seu agrado, para não influenciar a sua identidade e personalidade, de modo a evitar que seja depressiva, negativa ou frágil.

A preocupação dos adolescentes com a sua imagem faz parte, na maioria das vezes, de um processo de maturação que fica para a vida. Com esta relativa autonomia adquirida procuram outros espaços distantes da casa e da escola.

Do que aqui já se explanou sobre as etapas de crescimento e de amadurecimento do jovem adolescente, o processo da adolescência leva-nos à pessoa. Joseph Gevaert comenta a

---

<sup>14</sup> Carvalho, *Guia de Educação da Sexualidade*, 37.

<sup>15</sup> Machado, *Adolescentes*, 24.

<sup>16</sup> Cf. Matos, *Adolescentes: As Suas Vidas, o Seu Futuro*, 29–31.

<sup>17</sup> Alfredo Teixeira, «A Adolescência e a Juventude como Culturas», *Theologica* 47, n.º 1 (2012): 101, <https://doi.org/10.34632/theologica.2012.2224>.

este respeito que o homem<sup>18</sup> realiza-se e realça-se através do corpo e manifesta muitos significados e valores por meio dele, o corpo é a expressão da pessoa, local de concretização do acontecimento humano.<sup>19</sup>

Entramos agora no ponto dois do manual do aluno a *construção da personalidade*, sendo um «[...] processo de continuidade no ciclo de vida de cada pessoa e define e dá unidade à identidade de cada um».<sup>20</sup> É ao longo da vida que se constroem, gradualmente, as diversas dimensões da pessoa, tal como a fisiológica, motivacional, intelectual, social, emocional, sexual, moral e religiosa.<sup>21</sup>

O manual do aluno define a personalidade como derivada do vocábulo latino *persona*, que significa a máscara usada pelos atores no teatro.<sup>22</sup> Considero que é uma definição parca e insuficiente, tendo em consideração as diferentes abordagens dadas, por vários autores, àquilo que é o conceito personalidade:

Esta palavra, entre as mais utilizadas na psicologia atual, é talvez a que mais sofreu variações em termos de significado: Allport (1937) listou nada menos que cinquenta significados diferentes. O que a personalidade representa essencialmente é a noção da unidade integradora de um homem, com todo o conjunto das suas diferentes características permanentes (inteligência, carácter, temperamento, constituição) e as suas modalidades próprias de comportamento. A definição dada por Sheldon, inspirada em Warren e Allport, corresponde muito bem a esta noção: personalidade, segundo ele, é “a organização dinâmica dos aspetos cognitivos, afetivos, conativos, fisiológicos e morfológicos dos indivíduos.”<sup>23</sup>

Outros autores acrescentam três sentidos a esta definição de personalidade que nos dá o manual e são elas as seguintes:

1. Em seu sentido filosófico, carácter do indivíduo que se autodetermina ou se afirma como uma pessoa moral ou jurídica.
2. Em seu sentido psicológico, função pela qual um indivíduo toma consciência de si como de um "eu" ao mesmo tempo uno (como sujeito reunindo em sua consciência a diversidade de sua vida mental) e idêntico (enquanto permanece o mesmo através de sua evolução). Neste sentido, os "testes de personalidade" de um indivíduo são aqueles que visam detectar seus aspectos afetivos e ativos (pulsões e volições).

---

<sup>18</sup> Apesar de no título da sua obra Gevaert usar o termo Homem, no corpo do texto aparece homem. Este tipo de grafia é, no meu entender, redutora, discriminadora e não inclusiva. Com efeito, apesar de ter de fazer citações diretas da obra e ter de mencionar homem, demarco-me deste tipo de linguagem.

<sup>19</sup> Cf. Joseph Gevaert, *El Problema Del Hombre - Introducción a La Antropología Filosófica*, 11.ª Ed. (Salamanca: Ediciones Sígueme, 1997), 91.

<sup>20</sup> Cordeiro et al., *Quero Saber!: Manual do Aluno do 7.º Ano de Educação Moral e Religiosa Católica*, 95.

<sup>21</sup> Cf. Cordeiro et al., 95.

<sup>22</sup> Cf. Cordeiro et al., 95.

<sup>23</sup> Henri Piéron, *Vocabulario de Psicología*, Traducción de la 8.ª edición francesa (abril, 1990), (Madrid: Ediciones Akal, 1990), 405–6.

3. Em seu sentido genérico, personalidade é o conjunto das características próprias e das modalidades de comportamento de um indivíduo, tomadas de modo integrado.<sup>24</sup>

«Conjunto de características afetivas, emocionais, dinâmicas relativamente estáveis e gerais da maneira de ser de uma pessoa na forma como reage às situações em que se encontra».<sup>25</sup>

«O conceito personalidade, em seu sentido literal, aparece desde suas origens associado à noção de pessoa. [...], designa, na abrangência do termo, o homem em suas relações com o mundo».<sup>26</sup>

Desde o nascimento que todo o ser humano quer ser mais e melhor, numa procura de ser para os outros, pois só assim se realiza como pessoa<sup>27</sup>; por seu lado, Deus criou o ser humano à Sua imagem, e por ser à Sua imagem, ele possui a dignidade de *pessoa*, capaz de conhecer e de livremente entrar em comunhão com outras pessoas. (Cf. CCE 357)

Pessoa e personalidade aparecem como unidade e propriedade do ser humano. Podemos afirmar que a personalidade constrói-se e existe dentro de cada ser humano desde o seu nascimento e vai-se atualizando ao longo da sua existência. A forma como o adolescente constrói a sua identidade irá influenciar as suas escolhas pessoais e profissionais.

Cada ser humano é único, especial, e só existe em si, na medida em que é para os outros. Só na dinâmica de ser com os outros e para os outros é que se realiza.

A compreensão de si, o re-conhecimento permanente, impedem-no de ficar fragmentado e dividido dentro de si, isto tudo aliado à vivência e experiência de alteridade com o outro, que não ele mesmo.<sup>28</sup>

«Ser pessoa é ser com os outros e para os outros».<sup>29</sup>

As mudanças corporais e de desenvolvimento do pensamento são essenciais para a formação e constituição da personalidade do adolescente, pois nada é estável e definitivo, o seu desenvolvimento precisa de ser motivado por acontecimentos internos e externos. A personalidade no adolescente reflete o seu esforço para se adaptar no mundo dos adultos; nesse sentido podemos afirmar que:

é algo de grande e misterioso o que designamos por "personalidade". Tudo o que se possa dizer sobre ela será sempre singularmente insatisfatório e inadequado; há sempre o perigo de a discussão se perder em palavreado tão abundante quanto vazio. Mesmo o

---

<sup>24</sup> Hilton Japiassú e Danilo Marcondes, «*Dicionário Básico de Filosofia*» (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001), acessado a 3 de janeiro de 2021 em

[http://raycydio.yolasite.com/resources/dicionario\\_de\\_filosofia\\_japiassu.pdf](http://raycydio.yolasite.com/resources/dicionario_de_filosofia_japiassu.pdf).

<sup>25</sup> Larousse, *Grand Dictionnaire de La Psychologie*, ed. Jean-Christophe Tamisier (Montréal: Larousse-Bordas, 1999), 678.

<sup>26</sup> Lígia Márcia Martins, «A Natureza Histórico-Social da Personalidade», *Cadernos CEDES* 24, n.º 62 (April 2004): 83, <https://doi.org/10.1590/S0101-32622004000100006>.

<sup>27</sup> Cf. Cordeiro et al., *Quero Saber!: Manual do Aluno do 7.º Ano de Educação Moral e Religiosa Católica*, 96.

<sup>28</sup> Cf. Martins, «A Natureza Histórico-Social da Personalidade», 94.

<sup>29</sup> Cordeiro et al., *Quero Saber!: Manual do Aluno do 7.º Ano de Educação Moral e Religiosa Católica*, 96.

conceito de personalidade, no uso comum da linguagem, é algo tão vago e mal definido, que será difícil encontrar duas pessoas que pensem o mesmo a respeito disso.<sup>30</sup>

O desenvolvimento do comportamento tanto pode ser hereditário como apreendido no meio ambiente em que vivemos, sendo que a família, os amigos, a escola e os grupos têm uma grande influência na construção da personalidade e na própria definição de identidade.

«A família constitui o primeiro grupo onde se desenvolve o sentimento de pertença».<sup>31</sup> Podemos definir a família como uma instituição social, pois é nela que nascemos, casamos e temos filhos, no entanto, a família foi-se modificando ao longo da história, devido a influências económicas, sociais e políticas, assumindo hoje múltiplas identidades e configurações.

É na família que os jovens encontram as melhores condições para o desenvolvimento da sua personalidade. É nela que a criança inicia a sua vida e a sua aprendizagem, com estímulos e vivências, que devem ser de equilíbrio e estabilidade, permitindo desta forma que a sua personalidade se desenvolva harmoniosamente, desde que o ambiente familiar seja, também ele, equilibrado e harmonioso.<sup>32</sup>

«Os pais ideais serão afectivos, firmes, mas protetores, o que significa um apoio constante e a crítica adequada»<sup>33</sup>, o modo como o afeto é manifestado varia de família para família, mas o mais importante é demonstrar fisicamente e nas suas mais variadas dimensões o quanto o adolescente é amado, valorizado, respeitado e protegido.<sup>34</sup>

À família compete educar, alimentar e completar as restantes necessidades, bem como, estabelecer laços sociais. Todas podem funcionar bem ou mal, dependendo da forma como as suas relações estão estruturadas. É na família que se tem, ou deveria ter, as primeiras relações de amor e afeto, pois só deste modo se podem formar sentimentos positivos e saudáveis. «Muito provavelmente todos os pais fazem “o melhor que podem”, mas muitas vezes isso não chega, ou não está alinhado num bom sentido, ou até está tão desalinhado que carrega muito sofrimento».<sup>35</sup>

O acompanhamento da educação dos filhos, no caso de algumas famílias, passou para a responsabilidades das escolas. Por outro lado, vemos que os relacionamentos em algumas famílias tornaram-se mais cúmplices e com mais companheirismo. Pais e filhos envolvidos em atividades divertidas transmitem uma visão de famílias saudáveis e em harmonia, em clima de

---

<sup>30</sup> Carl Gustav Jung, *O desenvolvimento da personalidade* (Petrópolis: Editora Vozes, 1972), 161–162.

<sup>31</sup> Cordeiro et al., *Quero Saber!: Manual do Aluno do 7.º Ano de Educação Moral e Religiosa Católica*, 97.

<sup>32</sup> Cf. Fabiano Simões Corrêa e Sérgio Kodato, «As redes sociais e a discussão sobre dependência afetiva nas relações virtuais», *Perspectiva em Psicologia* 18, n.º 2 (2014): 161–62.

<sup>33</sup> Machado, *Adolescentes*, 50.

<sup>34</sup> Cf. Machado, 53.

<sup>35</sup> Matos, *Adolescentes: As Suas Vidas, o Seu Futuro*, 65.

afetividade. «[...] as atividades em família criam uma cultura familiar que perdura entre crises e promove a coesão familiar, as trocas afetivas».<sup>36</sup>

A criança necessita do afeto dos seus pais para adquirir autoestima e segurança, o que lhe irá permitir alcançar a sua personalidade, não querendo isto dizer que não precise também de repreensão quando necessário, mas esta deve ser feita com carinho.<sup>37</sup>

«Os adolescentes continuam a precisar de afeto e carinho dos pais tanto ou mais que na infância, mesmo que rejeitem as atitudes paternalistas e maternais».<sup>38</sup> Os pais durante a infância, a adolescência e juventude, influenciam os seus filhos, são os seus modelos, devem ensiná-los a saber dizer não, e fazê-los entender o que é lícito e ilícito. Ter um comportamento que sirva verdadeiramente de modelo, porque educar na afetividade só é possível com a ajuda dos pais, irmãos, amigos, adultos, mestres, meios de comunicação, livros, jogos, etc. Educar é uma tarefa difícil e pouco cómoda, implica muito amor, e esforço para renunciar a muitas coisas, porque educar é amar!<sup>39</sup>

«Uma afetividade estável, serena e equilibrada contribui para a formação e educação integral do indivíduo».<sup>40</sup> Infelizmente, como sabemos, nem sempre isto acontece, uma vez que há crianças, adolescentes e jovens que cresceram e crescem em meios familiares desestruturados, onde o afeto e o amor nem sempre estiveram presentes ou até mesmo estiveram ausentes.

«E quando não se faz a experiência do amor e do afeto na família?»<sup>41</sup>, como resposta a esta questão o Papa Francisco na Exortação Apostólica Pós-sinodal, *Christus Vivit* transmite a todas as crianças, adolescentes e jovens uma mensagem de esperança e conforto:

---

<sup>36</sup> Matos, *Adolescentes - As suas vidas, o seu futuro*, 73.

<sup>37</sup> Como escreve António Damásio ao explicar o propósito do seu livro *Ao Encontro de Espinosa*, «Dado que não sou filósofo e que a finalidade deste livro não é discutir a filosofia de Espinosa, é legítimo perguntar: Porquê Espinosa? A resposta curta é fácil. Espinosa é profundamente relevante para qualquer discussão sobre a emoção e sentimentos humanos. Espinosa considerava as pulsões (drives) e motivações, emoções e sentimentos – o conjunto que Espinosa designava de *afectos* – como um aspecto central da humanidade». Cf. António R Damásio, *Ao Encontro de Espinosa: As emoções sociais e a neurologia do sentir*, 6.<sup>a</sup> edição (Mem Martins: Publicações Europa-América, 2004), 22.

Nas notas ao capítulo 2, no ponto 3, Damásio refere “(...) Espinosa não usa nem a palavra emoção nem a palavra sentimento, mas antes a palavra afecto – em latim, *affectus* – uma palavra que é apropriada para ambos os conceitos. Espinosa diz o seguinte: “Com a palavra *affectus* quero referir-me às modificações do corpo através das quais o poder activo do corpo é aumentado ou diminuído, ajudando ou constringindo, e também às ideias das tais modificações”. (Espinosa, *A Ética*, Parte III). (...) “Julgo que Espinosa acharia bem-vinda a distinção que proponho neste capítulo dado que essa distinção tem como fundamento a identificação de acontecimentos diferentes no processo de “ser afectado”. Cf. Damásio, 333.

<sup>38</sup> Eugenio González, «Educar en la afectividad», *Revista Digital Universitaria* 510 (2011): 2, acessado a 3 de janeiro de 2021 em

<http://www.surgam.org/articulos/504/12%20EDUCAR%20EN%20LA%20AFECTIVIDAD.pdf>.

<sup>39</sup> Cf. González, «Educar en la afectividad», 2–3.

<sup>40</sup> Cf. González, 3.

<sup>41</sup> Cordeiro et al., *Quero Saber!: Manual do Aluno do 7.º Ano de Educação Moral e Religiosa Católica*, 97.

Talvez a experiência de paternidade que tiveste não seja a melhor: o teu pai terreno talvez se tenha mostrado distante e ausente ou, pelo contrário, dominador e possessivo; ou simplesmente não foi o pai que precisavas. Não sei! Mas o que posso dizer-te com certeza é que podes lançar-te, com segurança, nos braços do teu Pai divino, do Deus que te deu a vida e continua a dá-la a cada momento. Sustentar-te-á com firmeza e, ao mesmo tempo, sentirás que Ele respeita completamente a tua liberdade. (ChV 113)

A criança é um ser social desde o seu nascimento e necessita de se desenvolver com afetividade. Os vínculos afetivos que a criança estabelece com os pais, irmãos e amigos são a base do seu desenvolvimento social, cultural, psíquico e pessoal. O processo de socialização implica aprender a evitar condutas consideradas prejudiciais, e para isso é necessário que o sujeito se encontre motivado para se comportar de forma adequada e que desenvolva uma conduta de autocontrolo.<sup>42</sup>

A escola influencia o desenvolvimento da criança, quer na transmissão dos conhecimentos científicos, quer na sua socialização e individualização, no desenvolvimento de relações afetivas, na habilidade de participar em jogos, trabalhos em grupo, entre outros.

«No desenvolvimento afetivo-social a escola e os companheiros ocupam um lugar muito importante. Ser querido e aceite ou, o contrário, rejeitado condiciona a nossa vida, em crianças e em adultos».<sup>43</sup> A escola proporciona ao adolescente ampliar as suas relações de convívio, com novas referências sociais, o seu grupo de amigos.<sup>44</sup>

A ideia de pertencer a um grupo é muito importante, pois existe no adolescente uma necessidade de construir o seu grupo ou integrar outros grupos já organizados de modo a juntar-se aos seus pares.<sup>45</sup> O relacionamento entre os pares é excelente para o adolescente adquirir identidade, aprender o sentido de cooperação, regras, liderança, etc. O grupo de amigos vai fazer o adolescente afastar-se dos seus pais e família e vai tornar-se no seu «capital social» de maior importância, o correspondente ao prestígio social no mundo dos adultos.<sup>46</sup>

O domínio das tecnologias de informação é muito importante nas relações de amizade, pois facilita a expressão das diferenças, onde cada vez mais indivíduos querem tomar a palavra, paradoxalmente estes meios também favorecem a individualização. Tenho um enorme grupo de amigos virtuais, mas estou sozinho em rede, estou somente ligado. As redes sociais são usadas sem o controlo parental e permitem a informação e comunicação entre os pares, numa extraordinária expansão, bem como uma maior exposição pessoal e individual.<sup>47</sup>

---

<sup>42</sup> Cf. González, «Educar en la afectividad», 11–12.

<sup>43</sup> González, 9.

<sup>44</sup> Cf. Cordeiro et al., *Quero Saber!: Manual do Aluno do 7.º Ano de Educação Moral e Religiosa Católica*, 97.

<sup>45</sup> Cf. Cordeiro et al., 99.

<sup>46</sup> Cf. Teixeira, «A Adolescência e a Juventude como Culturas», 102.

<sup>47</sup> Cf. Teixeira, 102–3.

«É em torno das relações com os seus pares que os adolescentes e jovens constroem, preponderantemente, o seu sistema de valores, em particular o justo e o verdadeiro».<sup>48</sup> Contudo, por vezes, os adolescentes, para serem aceites pelo grupo, abrem mão de valores que foram transmitidos no seio da família.

O adolescente pode ser influenciado por outros que fazem parte do grupo e para ser aceite apresenta comportamentos socialmente inadequados. «Boas amizades influenciam bons comportamentos e contribuem para uma personalidade mais segura e, por isso, mais feliz. Uma amizade constrói-se na base da relação confiante, leal, solidária, próxima e atenta ao outro».<sup>49</sup> É muitas vezes no seio do grupo de amigos onde se desenvolvem os relacionamentos íntimos e afetivos, pois é aqui que conseguem expressar os seus sentimentos e se colocarem no lugar do outro.

Vimos que a escola é um local de maior importância, pois é lá que o adolescente passa grande parte do seu tempo e onde cria as suas relações sociais e de amizade, contudo, a escola também pode ser um espaço de dificuldades, quer a nível de integração, de adequação às exigências académicas e de normas e regras a cumprir.<sup>50</sup>

O ponto três do manual do aluno aborda algumas preocupações e os desafios próprios da adolescência e que fazem parte do crescimento e das dificuldades da vida, assentando essencialmente em três níveis.

O primeiro nível é o físico, este mais relacionado com o corpo e a importância que tem para os adolescentes. É importante que os adolescentes percebam que não há pessoas perfeitas. «O desafio passa por perceber que os outros adolescentes sentem o que eu sinto e que é importante aceitarmos quem somos: pessoas especiais e únicas!»<sup>51</sup>

O segundo nível é o afetivo e menciona a forma como o adolescente se relaciona consigo próprio e com o mundo social onde se insere. Sente o despertar do desejo sexual e estímulos no corpo que até ao momento eram desconhecidos, deseja e quer ser desejado, procura ser reconhecido como alguém diferente e único.<sup>52</sup>

Neste sentido, Cristina Sá Carvalho afirma «Sob o ponto de vista da sua dimensão psicológica, a sexualidade não corresponde, apenas, a uma necessidade, mas é um desejo, um comportamento vivencial, uma conduta humana. [...] introduz “sentido” e “significado” na sexualidade, uma vez que a abre à relação, reveste-a de linguagem, encarna-a em símbolos, desenvolve uma dimensão celebrativa».<sup>53</sup>

---

<sup>48</sup> Teixeira, «A adolescência e a juventude como culturas», 104.

<sup>49</sup> Cordeiro et al., *Quero Saber!: Manual do Aluno do 7.º Ano de Educação Moral e Religiosa Católica*, 99.

<sup>50</sup> Cf. Cordeiro et al., 100.

<sup>51</sup> Cordeiro et al., 102.

<sup>52</sup> Cf. Cordeiro et al., 102.

<sup>53</sup> Carvalho, *Guia de Educação da Sexualidade*, 35.

O adolescente vive uma fase de grande sensibilidade; quando contrariado pode cair num profundo desespero, fechando-se em si mesmo podendo mesmo cair no fundo.<sup>54</sup> É nas quatro paredes do seu quarto que encontra o isolamento, aquilo que se chama «idade do armário porque os jovens amuam, tornam-se silenciosos e trancam-se no quarto (uma espécie de armário?). Antigamente fechavam-se a ler, mas agora no quarto têm televisão e computador (ou tablet), telemóvel e enviam e recebem SMS infindáveis aos amigos».<sup>55</sup>

O terceiro nível é o social e faz referência ao perigo do adolescente «se refugiar em si mesmo».<sup>56</sup> O isolamento pode conduzir o adolescente a ter reações de medo ou de agressão, de tristeza, de pessimismo, impedindo-o de viver de uma forma confiante, segura e tranquila, podendo desenvolver aquilo que chamamos de afetos desordenados ou negativos, que o impedem de ser livre e de se relacionar e amar livremente.<sup>57</sup>

Por fim, entramos no tema que após leitura de autores de referência é aquele que mais preocupações e desafios trazem ao adolescente, o amor: amar e ser amado.

O manual do aluno define a afetividade como «a carga emotiva que dinamiza qualquer relação de amizade sincera; é aquilo que nos permite viver e compreender a felicidade».<sup>58</sup> No fundo, a afetividade são os momentos bons e felizes que recordamos: como um abraço, um beijo, uma carícia, um olhar cheio de ternura, um conselho, simbolizando deste modo, verdadeiros gestos de afeto.<sup>59</sup>

Partindo do pensamento de Eugénio Gonzáles a afetividade, assim como as emoções, os sentimentos e as paixões, é de extrema importância na nossa vida, e é junto da família, na escola, na sociedade que elas acontecem. O autor defende dois sentidos para o conceito de afetividade: o sentido restrito como a resposta emocional e sentimental de uma pessoa a outra, bem como, uma resposta a um estímulo ou a uma situação; e o sentido amplo onde o termo afetividade incluiu as emoções, os sentimentos e as paixões.<sup>60</sup>

Quanto às paixões, importa salientar ainda o pensamento de António Damásio:

Espinosa propôs também que o poder dos afetos é tal que a única possibilidade de triunfar sobre um afecto negativo – uma paixão irracional – requer um afecto positivo ainda mais forte, desencadeado pela razão. Um afecto não pode ser controlado ou neutralizado excepto por um afecto contrário mais forte do que o afecto que necessita de ser controlado. Por outras palavras, Espinosa recomendava que lutássemos contras as emoções negativas

---

<sup>54</sup> Cf. Cordeiro et al., *Quero Saber!: Manual do Aluno do 7.º Ano de Educação Moral e Religiosa Católica*, 103.

<sup>55</sup> Machado, *Adolescentes*, 49.

<sup>56</sup> Cordeiro et al., *Quero Saber!: Manual do Aluno do 7.º Ano de Educação Moral e Religiosa Católica*, 103.

<sup>57</sup> Cf. Cordeiro et al., 103.

<sup>58</sup> Cordeiro et al., 104.

<sup>59</sup> Cf. Cordeiro et al., 104.

<sup>60</sup> Cf. González, «Educar en la Afectividad», 3–5.

com emoções ainda mais fortes mas positivas, conseguidas através do raciocínio e do esforço intelectual. A noção de que o subjugar das paixões devia depender de emoções guiadas pela razão, e não pela razão pura, faz parte central do pensamento espinosiano. Esta recomendação não é fácil de realizar mas Espinosa nunca deu grande valor a nada que fosse fácil.<sup>61</sup>

Podemos então concluir que a afetividade é um estado de alma, ou de vários estados de alma, que nos agrupa uns aos outros e ao mundo, está presente nos nossos atos, pensamentos e no nosso mais íntimo, tornando-se o alicerce da nossa personalidade. Logo que nascemos a nossa afetividade centra-se nos cuidados e atenções dados pelos progenitores, já no adulto manifesta-se nas emoções, nos sentimentos, na paixão e no humor. O afeto define-se como elemento essencial da afetividade e pode ser observado e analisado no comportamento e reações do ser humano.<sup>62</sup>

A afetividade está muito relacionada com o amar e ser amado; perceber o que é estar apaixonado. «O adolescente começa a descobrir o outro, diferente de si, e a compreender as diferenças significativas entre o género feminino e masculino».<sup>63</sup> É no período da adolescência que mais intensamente se vivem as emoções e os sentimentos. É nesta fase que se vivem as grandes paixões, o primeiro amor e o primeiro namoro. Se a paixão for correspondida, a vida tem um colorido diferente, vive-se em autêntico êxtase. Existe um sentimento de pertença, de fazer parte do outro, mas se por acaso existe uma rutura, aquele que é abandonado sente como se tivesse perdido uma parte de si, provocando um grande sofrimento, dor e desespero, «Amar alguém não é “um mar de rosas”»<sup>64</sup>

É importante perceber que não existe posse sobre o outro, pois isso acarreta sentimentos perigosos. Embora exista amor e paixão entre duas pessoas, cada uma deve ser encarada como um indivíduo que tem direito a espaços próprios, até de silêncio e solidão, para que possa ser feliz.

A sexualidade é uma componente fundamental da personalidade, um modo de ser, de se manifestar, de comunicar com os outros, de sentir, de expressar e de viver o amor humano.

Na fase do namoro «A sexualidade também serve para comunicarmos mensagens sobre o nosso “eu” [...]. Possui, ainda, uma dimensão dialógica [...] de comunicação com o outro, [...], aquando da descoberta do outro [...] revestido de uma carga afetiva, evoluindo para uma etapa de descoberta do “tu” [...] de descobrir o mistério da pessoa amada [...]».<sup>65</sup>

---

<sup>61</sup> Damásio, *Ao Encontro de Espinosa: As Emoções Sociais e a Neurologia do Sentir*, 26.

<sup>62</sup> Cf. Michel Gauquelin e Françoise Gauquelin, *Dicionário de Psicologia* (Lisboa: Verbo, 1980), 20–21.

<sup>63</sup> Cordeiro et al., *Quero Saber!: Manual do Aluno do 7.º Ano de Educação Moral e Religiosa Católica*, 106.

<sup>64</sup> Cordeiro et al., 106.

<sup>65</sup> Carvalho, *Guia de Educação da Sexualidade*, 36.

Portanto, a sexualidade é parte integrante do desenvolvimento da personalidade e do seu processo educativo: «Do sexo, de facto, derivam na pessoa humana as características que, no plano biológico e espiritual, a tornam homem ou mulher, condicionando assim e normalmente o caminho do seu desenvolvimento em ordem à maturidade e à sua inserção na sociedade».<sup>66</sup>

O amor, nas suas manifestações afetivas e sexuais, é bonito, mas às vezes, também pode dar origem a preocupações ou problemas, porque obriga à difícil tarefa de deixar de viver centrado em si próprio, numa atitude de descentralização, pois só assim conseguimos descobrir o amor que sentimos pelo outro e encontrar a felicidade.<sup>67</sup>

A grande dificuldade na educação sexual assenta, por um lado, na impaciência dos jovens, a espera pelo início da atividade sexual não acompanha a força vital do corpo em pleno desenvolvimento, quer isto dizer que o corpo deseja iniciar a atividade sexual muito antes da maturação da afetividade.<sup>68</sup> Falar em educação sexual é compreender que esta vai para além do conhecimento em biologia, da função reprodutora, da parte hormonal e emocional da atração e do desejo; falar em educação sexual é falar de equidade, igualdade de género e direitos humanos.<sup>69</sup>

A sexualidade deve ser orientada, elevada e integrada pelo amor que é o único a torná-la verdadeiramente humana. Preparada pelo desenvolvimento biológico e psíquico, cresce harmonicamente e realiza-se em sentido pleno somente com a conquista da maturidade afectiva, que se manifesta no amor desinteressado e no total dom de si.<sup>70</sup>

Como conclusão deste ponto sobre as preocupações e os desafios com que os adolescentes se deparam, o manual do aluno apresenta-nos duas histórias, em jeito de metáfora, que nos remetem para todo o processo de desenvolvimento e construção da identidade e formação da personalidade do adolescente. Assim como a história de «os jovens são como as laranjas», a formação da identidade e personalidade do adolescente começará a ficar dourada por fora e silenciosamente começará a dizer que amadureceu.

É nesta fase tão bela e problemática que acontece a descoberta do amor, do cuidado, da relação com o outro, da entrega e da criação de laços afetivos fortes, de realidades tão

---

<sup>66</sup> Sagrada Congregação para a Educação Católica, «*Orientações Educativas Sobre o Amor Humano, Linhas Gerais Para Uma Educação Sexual*», 1983, ponto n.º 4, acessido a 7 de janeiro de 2021, em [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc\\_con\\_ccatheduc\\_doc\\_19831101\\_sexual-education\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19831101_sexual-education_po.html).

<sup>67</sup> Cf. Cordeiro et al., *Quero Saber!: Manual do Aluno do 7.º Ano de Educação Moral e Religiosa Católica*, 106.

<sup>68</sup> Cf. Isabel Girão Filgueiras, «"À Procura dos mais Jovens" Educando a Sexualidade (Por Projetos)», *Theologica* 42, n.º. 2 (2007): 252, <https://doi.org/https://doi.org/10.34632/theologica.2007.1346>.

<sup>69</sup> Cf. Matos, *Adolescentes: As Suas Vidas, o Seu Futuro*, 117–18.

<sup>70</sup> Sagrada Congregação para a Educação Católica, «*Orientações Educativas Sobre o Amor Humano, Linhas Gerais Para Uma Educação Sexual*», ponto 6.

importantes que devem ser cuidadas e tratadas, tal como as rosas devem ser regadas como afirma a história de *O Príncipezinho*, escrito por Antoine de Saint-Exupéry, quando afirma que «só se vê com o coração. O essencial é invisível aos olhos»<sup>71</sup>. Podemos então afirmar que o amor implica empenho na relação afetiva com alguém que amamos, partindo do diálogo, da confiança e da amizade como meio de resolver os problemas e desta forma promover a dignidade humana.<sup>72</sup>

Torna-se importante referir que a educação sexual é uma área de ação que acarreta diversas dificuldades para os professores, dado que requer conhecimentos específicos, sensibilidade e bom senso, e portanto é necessário ter presente que falar em educação sexual é falar numa educação para os afetos.<sup>73</sup> Neste sentido, Cristina Sá Carvalho refere que ser professor na área da educação sexual é um grande desafio pois estes devem estar atentos e ter consciência que todos os temas abordados são sujeitos a considerações éticas e morais.<sup>74</sup>

Entramos agora no quarto tema do Manual *o agir moral e a questão religiosa*.

O adolescente, ao construir a sua personalidade e a sua identidade, desenvolve também a sua capacidade de abstração, permitindo-lhe o seu crescimento moral pela procura de valores sociais, desenvolvendo interesse por problemas éticos, morais, ideológicos, de justiça e liberdade, procurando a perfeição moral.

A sua capacidade cognitiva permite-lhe fazer reflexões, elaborar questões, debater ideias e confrontar opiniões, construindo a sua própria opinião e teorias sobre os problemas do mundo, podendo sentir-se revoltado quando descobre que a realidade social pode não corresponder ao que defende.<sup>75</sup>

«Consciência e autonomia moral começam a ser uma bandeira do adolescente que se detém a explorar diferentes formas de resolver problemas éticos. Por que é que há guerra? Por que é que me dá prazer gozar com os outros? O que é o bem? Por que é que não gosto de estar com aquele?»<sup>76</sup> Estas são algumas das questões éticas levantadas na adolescência.

Embora a consciência não seja o tema do nosso trabalho, importa aqui tentar uma abordagem à definição do que é a consciência, do ponto de vista da neurociência. António Damásio afirma que «a consciência parece ser o último mistério da elucidação da mente».<sup>77</sup>

---

<sup>71</sup> Antoine de Saint-Exupéry, *O Príncipezinho, O Grande Livro Pop-Up, Texto Integral*, 2.<sup>a</sup> Edição (Lisboa: Editorial Presença, 2016), 50.

<sup>72</sup> Cf. Cordeiro et al., *Quero Saber!: Manual do Aluno do 7.º Ano de Educação Moral e Religiosa Católica*, 109.

<sup>73</sup> Cf. Filgueiras, «"À Procura dos mais Jovens" Educando a Sexualidade (Por Projetos)», 255.

<sup>74</sup> Cf. Carvalho, *Guia de Educação da Sexualidade*, 40.

<sup>75</sup> Cf. Pedro Miguel Lopes de Sousa, «Desenvolvimento Moral na Adolescência», 28-08-2006, 2, acedido a 26 de fevereiro de 2021 em <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0296.pdf>.

<sup>76</sup> Cordeiro et al., *Quero Saber!: Manual do Aluno do 7.º Ano de Educação Moral e Religiosa Católica*, 110.

<sup>77</sup> António Damásio, *O Sentimento de Si: O Corpo, a Emoção e a Neurobiologia da Consciência*, 13.<sup>a</sup> (Mira-Sintra, Mem Martins: Publicações Europa-América, 1999), 22.

«Que poderia ser mais desconcertante que apercebermo-nos de que é a consciência que torna possíveis e até inevitáveis as nossas perguntas sobre a consciência?». <sup>78</sup> Ainda segundo Damásio,

a simples e clássica definição de consciência do dicionário – a percepção pelo organismo do seu próprio ser e do ambiente – conseguimos facilmente imaginar como a consciência deve ter permitido à evolução humana uma nova ordem de criações que não seriam possíveis sem ela: a consciência moral, a religião, organização social e política, as artes, as ciências e a tecnologia. <sup>79</sup>

A *Gaudium et Spes* (GS) “Alegria e Esperança” é uma Constituição Pastoral do Concílio Vaticano II, sobre a Igreja no mundo atual, que afirma como consciência moral aquela consciência humana que obedece a uma lei que chama para o amor e para o bem em repúdio do mal. E só graças à consciência é que se realiza o amor de Deus e do próximo. A consciência é o centro mais secreto do homem e é onde se encontra a sós com Deus (Cf. GS 16) «Presente no coração da pessoa, a consciência moral obriga-o, no momento oportuno, a fazer o bem e a fugir do mal». (CCE 1777)

Ao longo da nossa vida, e mediante as nossas experiências sociais, percebemos que nem tudo o que fazemos é correto, com os nossos pais, professores e catequistas aprendemos a ter consciência do bem e do mal. E a esta capacidade de discernir e de fazer o bem a si próprio e aos outros chamamos moral. É importante referir que o desenvolvimento moral é tão importante como o desenvolvimento intelectual ou afetivo. <sup>80</sup>

«Por sujeito moral, entendemos aquele que, por meio da razão, conhece os fins morais, a consequência dos seus atos e como estes afetam as outras pessoas, além da diferença entre Bem e Mal». <sup>81</sup>

É importante perceber que a formação moral, ou mais precisamente, a formação da personalidade moral tem sido um dos grandes objetivos da educação de valores, e está integrada, por influência social e cultural, à estrutura da personalidade dos indivíduos, regulando os seus comportamentos. <sup>82</sup>

Cristina Sá Carvalho afirma que:

---

<sup>78</sup> Damásio, *O Sentimento de Si*, 22.

<sup>79</sup> Damásio, *O Sentimento de Si*, 23.

<sup>80</sup> Cf. Cordeiro et al., *Quero Saber!: Manual do Aluno do 7.º Ano de Educação Moral e Religiosa Católica*, 111.

<sup>81</sup> Denise D’Aurea-Tardeli, «A Manifestação da Solidariedade em Adolescentes: Um Estudo sobre a Personalidade Moral», *Psicologia: Ciência e Profissão* 28, n.º 2 (2008): 289, <https://doi.org/10.1590/S1414-98932008000200006>.

<sup>82</sup> D’Aurea-Tardeli, «A Manifestação da Solidariedade em Adolescentes: Um Estudo sobre a Personalidade Moral», 291.

O moralismo é vivido como um desejo de auto-realização e construção de um “eu-ideal”, inspirado em modelos de grande superioridade, inalcançáveis, dotados da onnipotência que, antes, estava reservada aos pais. Também tem amplos traços de um proselitismo dominador: a necessidade de ser aceite no grupo, de amadurecer os sentimentos de pertença e de testar os valores anteriormente interiorizados conduz a uma atitude de conversão sectária.<sup>83</sup>

É importante perceber que, ao crescer, a vida se torna mais complexa, e é necessário assumir responsabilidades, e isso passa também pelas questões ético-morais, pela tomada de consciência e pelo questionar religioso: «o que é a religiosidade? Deus existe? Faz sentido ser religioso? Qual é a melhor religião?»<sup>84</sup>

No entender de José Henrique de Oliveira a religião é uma das dimensões mais importante do ser humano, pois influencia o sentido da vida e da morte, a nossa visão do mundo e da humanidade, as nossas emoções e sentimentos, a nossa vivência familiar, sexual, a nossa tolerância ou intolerância face ao racismo, à política e à profissão.<sup>85</sup> No seu entender, os pais e família o ambiente escolar e eclesial têm uma grande influência nos adolescentes quanto ao seu crescimento religioso.<sup>86</sup>

Assim, na sua opinião, a religiosidade no adolescente é marcada por elementos emotivo-afetivos, dado que os sentimentos, nesta idade, estão a mil, e deste modo a religião pode ser um meio de expressar afetividade, como, pelo contrário, pode ser um travão para as demonstrações afetivas e sentimentais no adolescente.<sup>87</sup> Ainda partindo do seu pensamento, na pré-adolescência a religiosidade é estável, mas na etapa da adolescência verifica-se uma crise religiosa que se faz notar na sua prática, surgem as dúvidas, que podem ser intensas e duradouras.<sup>88</sup>

Por outro lado, para Cristina Sá Carvalho, a religiosidade transmitida pela família pode manter-se, ser substituída, ser abandonada por atitudes de indiferença, de agnosticismo ou ateísmo.<sup>89</sup>

Numa perspetiva pessoal crítica parece-me que atualmente, no mundo ocidental, independentemente de os pais serem religiosos, no caso português uma maioria católica, até terem batizado os filhos, ou até os filhos terem ido à catequese, não significa que os filhos se

---

<sup>83</sup> Cristina Sá Carvalho, «A Experiência Religiosa dos Adolescentes», *Theologica* 45, n.º 2 (2010): 425, <https://doi.org/10.34632/theologica.2010.2051>.

<sup>84</sup> Cordeiro et al., *Quero Saber!: Manual do Aluno do 7.º Ano de Educação Moral e Religiosa Católica*, 111.

<sup>85</sup> Cf. José Henrique Barros de Oliveira, *Psicologia da Religião* (Coimbra: Livraria Almedina, 2000), 5.

<sup>86</sup> Cf. Barros de Oliveira, 109–11.

<sup>87</sup> Cf. Barros de Oliveira, 115.

<sup>88</sup> Cf. Barros de Oliveira, 113–19.

<sup>89</sup> Cf. Carvalho, «A Experiência Religiosa dos Adolescentes», 420.

vão identificar para a vida toda com a religião. Além disso, alguns até sentem alguma vergonha de dizer que são crentes e aqueles que assumem que são crentes e praticantes, muitas vezes são olhados como diferentes. Alguns jovens pensam cada vez menos na religião e muitos nem querem falar de Deus.

Quanto à concepção de Deus, na opinião de José Henrique de Oliveira, esta «prima pela ortodoxia, conforme os ensinamentos catequéticos recebidos, embora o Deus dos pré-adolescentes seja ainda distante e inacessível»,<sup>90</sup> assim este autor defende que a concepção de Deus é muito variada nesta idade e tende a permanecer pela vida fora. No adolescente a vivência de Deus ganha intensidade afetiva e aparece associada ao amor e confiança, tornando-se numa relação pessoal.<sup>91</sup>

O manual do aluno apresenta-nos um texto extraído de um diário de um adolescente, onde é possível verificar a sua vivência e experiência de fé e de harmonia com a tradição da sua família. Ao longo do texto temos uma percepção das dúvidas e incertezas deste adolescente, apresenta um verdadeiro questionar religioso, próprio da construção da identidade religiosa.<sup>92</sup>

Entramos no último tema - *mensagem cristã sobre a felicidade* - desta unidade Letiva (UL) 3 do 7º Ano do Programa de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC): “Riqueza e sentido dos afetos”. Os autores do Programa de EMRC escolheram um excerto da Epístola aos Coríntios como contextualização a esta temática da felicidade. Saliento que é a única referência ao texto bíblico, à palavra de Deus, em toda a unidade letiva.

«A 1ª Carta de São Paulo aos cristãos de Corinto, escrita por volta do ano 55, tem por objetivo advertir a comunidade para a necessidade de uma vida íntegra radicada no mandamento do amor».<sup>93</sup> Tal como Corinto, também a atual sociedade vive marcada pelo *eros* e pelo egoísmo a que São Paulo contrapõe o apelo à vivência do Amor, através das suas inúmeras cartas. Para São Paulo a vocação da pessoa é o Amor. Como tal, a mensagem que ele transmite, de forma clara e incisiva, «é que há um talento, um dom absoluto: o amor».<sup>94</sup>

Este amor que nos fala é o amor «gratuito, desinteressado, sincero, fraterno, que se preocupa com o outro, que sofre pelo outro, que procura o bem do outro sem esperar nada em troca».<sup>95</sup> Este é o amor *ágapé*, amor caridade. Este amor é de tal ordem grande que «dizer amor é o mesmo que dizer Deus, porque viver no amor é viver em Deus».<sup>96</sup>

---

<sup>90</sup> Barros de Oliveira, *Psicologia da Religião*, 112.

<sup>91</sup> Cf. Cordeiro et al., *Quero Saber!: Manual do Aluno do 7.º Ano de Educação Moral e Religiosa Católica*, 111.

<sup>92</sup> Cf. Cordeiro et al., 112.

<sup>93</sup> Cf. Cordeiro et al., 114.

<sup>94</sup> Cordeiro et al., 115.

<sup>95</sup> Cordeiro et al., 115.

<sup>96</sup> Cordeiro et al., 115.

São Paulo afirma ainda que o amor «é a fonte e a origem de todos os bens e qualidades».<sup>97</sup> Neste sentido, o amor cristão deve ser desinteressado, na procura do bem do outro, num dom total de pura gratuidade.<sup>98</sup> O maior limite do amor está no rosto do outro a quem devemos amar e cuidar, sem julgamentos e condenações, sem ferir, sem ofender, porque amar é entrar na beleza de Deus que nos ama sem limites. Quando fizermos algo por alguém, devemos fazê-lo sem limites.<sup>99</sup>

A primeira verdadeira experiência de amor vem de Deus. É com Ele que temos de aprender a amar. O mandamento do Amor é uma consequência direta desta relação, com efeito, sem o primeiro passo de Deus, ficaríamos totalmente limitados, não teríamos a experiência total de amor. Este amor de Deus não é por força da lei, do mandamento, mas sim por ação e graça de Deus à humanidade. O que nos coloca numa relação de liberdade para com Ele e para com os demais. Nesta vivência amorosa tomamos parte também do amor divino, pois se vem de Deus, a Ele nos une e nos liga. (Cf. DCE 17-18).

Todo o ser humano aspira a ser feliz, quer alcançar felicidade. A felicidade não é um estado permanente de alegria e bem-estar, acaba por ter limites. Não se retrata a felicidade como um gráfico sempre em ascendente e constante crescimento, pois a vida oscila entre altos e baixos. Aqui é fundamental entrar o amor, aquilo que garante que nos momentos de ausência de felicidade aparente, reina uma felicidade verdadeira, em compaixão, em sentimento de partilha e de simples camaradagem humana.<sup>100</sup>

A mensagem cristã desta unidade letiva está muito vocacionada para o amor entre o homem e a mulher, sendo que, hoje em dia, e cada vez mais, sabemos que nem sempre é assim. O Papa Francisco na Exortação Apostólica Pós-sinodal *Christus Vivit* (ChV) “Cristo Vive” fala de três verdades “Deus ama-te, Cristo salva, Ele vive”. Estas verdades são para todos sem exclusão social, de género, de orientação sexual ou cor, pois Deus é Amor!

A vivência deste amor é que torna possível a verdadeira felicidade. Importa saber transmitir aos jovens a verdadeira ideia sobre a felicidade: não é contínua e em crescendo, mas oscila, tem altos e baixos, pois representa a vida e a nossa entrega diária.

---

<sup>97</sup> Cordeiro et al., 115.

<sup>98</sup> Cf. Cordeiro et al., 115.

<sup>99</sup> Cf. Cordeiro et al., 118.

<sup>100</sup> Cf. Enrique Rojas, *A Vida Não Se Improvisa*, 1ª (Lisboa: Matéria-Prima Edições, 2018), 196–97.

## 2. A pertinência e contextualização da Unidade Letiva 3 “Riqueza e sentido dos afetos” do currículo do 7º ano no programa de EMRC e respectivas aprendizagens essenciais

Após a abordagem à Unidade Letiva (UL) 3 “Riqueza e sentido dos afetos” é importante falar agora na sua pertinência, quer no currículo do 7º ano, quer no programa de EMRC. A UL 3 “Riqueza e sentido dos afetos” é uma unidade didática do atual programa de EMRC (2014) que articula metas, objetivos e conteúdos.

Apesar de já estarem em vigor as *Aprendizagens Essenciais* por disciplina curricular, a minha exposição seguirá critérios cronológicos e contextualizadores, de modo a possibilitar uma compreensão global do programa, da sua estrutura e respetivas finalidades, e como deriva nas aprendizagens essenciais.

Neste sentido, com a publicação do Despacho n.º 5306/2012, de 18 de abril, verificou-se uma nova organização curricular, em que o ensino será orientado por Metas Curriculares que definem com rigor os conhecimentos e as capacidades essenciais que os alunos têm que adquirir, ao longo dos diferentes anos de escolaridade e nos respetivos programas curriculares.<sup>101</sup> Para a disciplina de EMRC, as Metas Curriculares foram definidas para um conjunto de três domínios de aprendizagem que reúnem aquilo que o aluno deve conhecer e o que deve fazer:<sup>102</sup>

- Domínio da Religião e da Experiência Religiosa
- Domínio da Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida
- Domínio da Ética e da Moral

As metas curriculares permitem a definição de um conjunto de objetivos programáticos que, na sua abrangência, podem servir mais do que uma meta, bem como correspondem a um conjunto articulado de conteúdos.<sup>103</sup>

Vejamos agora, de harmonia com o programa de EMRC de 2014, a articulação entre as **metas**, **objetivos** e **conteúdos** definidos para esta unidade letiva e que evidenciam a importância atribuída à temática da adolescência e do desenvolvimento da personalidade.<sup>104</sup>

Metas	Objetivos	Conteúdos
O – Amadurecer a sua responsabilidade	Compreender que a pessoa humana cresce e se desenvolve.	O ciclo de vida: da infância à terceira idade; A adolescência é a idade em que nós estamos.

<sup>101</sup> Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica* (Torres Novas: Gráfica Almondina, 2014), 8.

<sup>102</sup> Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, 8.

<sup>103</sup> Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, 156.

<sup>104</sup> Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, 78–81.

perante a pessoa, a comunidade e o mundo	<p>Identificar a etapa da adolescência como relevante na formação da personalidade e no desenvolvimento da vocação pessoal.</p> <p>Conhecer as várias dimensões da personalidade humana.</p>	<p>Na adolescência fazem-se escolhas relevantes para o resto da nossa vida: estudos, trabalho, estado de vida.</p> <p>A personalidade humana: com a identidade, continuidade e totalidade.</p> <p>As dimensões da personalidade: (motivacional, intelectual, social, emocional, sexual, moral e religiosa).</p> <p>O crescimento e as mudanças na personalidade: o desenvolvimento da pessoa e adolescência (compreender quem sou e o que quero fazer com a minha vida</p>
<b>B</b> – Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história	<p>Descobrir os fatores de desenvolvimento da adolescência.</p> <p>Identificar as mudanças que ocorrem na pessoa durante a adolescência.</p>	<p>A importância da família e da escola na formação da personalidade;</p> <p>O valor do estudo e do conhecimento;</p> <p>Os amigos e a sua influência na personalidade e na vida.</p> <p>O que muda quando crescemos:</p> <p>Perceber a vida de um modo mais complexo;</p> <p>Assumir responsabilidades e fazer escolhas;</p> <p>Mudar a referência social: da família aos amigos;</p> <p>Experimentar novas formas de pensar: do pensamento concreto ao pensamento abstrato;</p> <p>Experimentar novas formas de resolver problemas éticos-morais: consciência e autonomia moral;</p> <p>Questionar o religioso e ser por ele questionado;</p> <p>O que é a religiosidade: a experiência psicológica do religioso</p>
<b>Q</b> – Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana	<p>Identificar as preocupações que sentem os adolescentes.</p> <p>Valorizar algumas formas de resolução de problemas no seu processo de crescimento.</p>	<p>A experiência da maturação dos adolescentes:</p> <p>Integração social;</p> <p>Identificação de sentimentos;</p> <p>Desejo de amar e ser amado;</p> <p>Dificuldades na relação com a família</p> <p>Dificuldades na escola;</p> <p>Preocupações vocacionais;</p> <p>Despertar do desejo sexual.</p> <p>O contributo do diálogo adultos de confiança para a resolução de dificuldades;</p> <p>O que o grupo de amigos pode fazer pela felicidade dos seus membros.</p>
<b>G</b> – Identificar os valores evangélicos	<p>Conhecer a mensagem cristã sobre a felicidade e a realização pessoal.</p>	<p>1 Cor 13,1-13: Hino ao amor;</p> <p>Santo Agostinho, <i>In Ioannem</i> 8.7: «ama e faz o que quiseres»;</p> <p><i>Familiaris Consortio</i> 11: a vocação da pessoa é o amor;</p>

---

Crescer e ser adulto é fazer escolhas na perspectiva do amor:  
Procurar o bem comum;  
Viver a felicidade na entrega aos outros.

---

Tabela 1 – Metas – Objetivos – Conteúdos da UL 3 “Riqueza e sentido dos afetos” do 7º ano.

Tornou-se premente uma nova reorganização curricular pensada para 2018/2019 referentes às *Aprendizagens Essenciais* e em convergência com o *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, que permitisse uma efetiva flexibilização e gestão curriculares por parte das escolas e dos docentes.<sup>105</sup>

Estas aprendizagens essenciais correspondem a um conjunto comum de conhecimentos a adquirir, identificados como os conteúdos de conhecimento disciplinar estruturado, indispensáveis, articulados conceptualmente, relevantes e significativos, bem como de capacidades e atitudes a desenvolver obrigatoriamente por todos os alunos em cada componente do currículo ou disciplina, tendo, em regra, por referência o ano de escolaridade ou de formação.<sup>106</sup>

«As *Aprendizagens Essenciais* da disciplina de EMRC foram definidas tendo por base os documentos curriculares em vigor, nomeadamente o Programa, as Metas Curriculares, a Estratégia de Educação para a Cidadania e os Referenciais para a Educação».<sup>107</sup> Foram definidas as seguintes *Aprendizagens Essenciais* para UL 3 “Riqueza e sentido dos afetos” do 7º ano:

**Aprendizagens Essenciais: UL3 – 7ºano (documento 2018)**

1. Identificar os aspetos essenciais que caracterizam a adolescência; (ESP, Hist)
2. Discutir a relevância da adolescência na formação da personalidade e no desenvolvimento pessoal; (CN, Hist, TIC, CD)
3. Valorizar a família, os outros e a sociedade na construção da personalidade da pessoa; (EF, ESP, FR, ING, TIC)
4. Relacionar as mudanças na adolescência com o aumento da responsabilidade pessoal, no ser e no agir; (CN, EF, CD, ESP, TIC)
5. Valorizar a mensagem Cristã para a vivência do amor humano; (P, TIC)
6. Assumir atitudes responsáveis na procura da felicidade pessoal e dos outros. (CN)

---

Tabela 2 - Aprendizagens Essenciais, documento julho de 2018

---

<sup>105</sup> Cf. Secretário de Estado da Educação, «Despacho 6944-A/2018» (2018), acessado a 20 de janeiro de 2021 em <https://dre.pt/application/conteudo/115738779>.

<sup>106</sup> Cf. Secretário de Estado da Educação, «Despacho 6944-A/2018».

<sup>107</sup> Ministério da Educação, «*Aprendizagens Essenciais de Educação Moral e Religiosa Católica - 7.º Ano do 3.º Ciclo do Ensino Básico*», 2018, 1, acessado a 21 de janeiro de 2021 em [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens\\_Essenciais/3\\_ciclo/emrc\\_3c\\_7a.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/3_ciclo/emrc_3c_7a.pdf).

Esta Unidade Letiva “A riqueza e o sentido dos afetos” dá um precioso contributo para a formação da personalidade dos adolescentes e jovens. Os conteúdos das aprendizagens essenciais desta unidade letiva tocam nos aspetos essenciais para fortalecer o crescimento e formação desta mesma personalidade, ajudando os alunos a tornarem-se «pessoas autónomas e responsáveis, sendo este um dos objetivos deste documento» (*Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória - PASEO*).<sup>108</sup>

O Direito à Educação é um direito e uma garantia de todas as pessoas, assegurado pela Constituição da República Portuguesa (art.º 73 n.ºs 1 e 2 e art.º 74 n.º 1)<sup>109</sup> e pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (art.º 26).<sup>110</sup> Para a Igreja Católica, «todos os homens<sup>111</sup>, de qualquer raça, condição e idade, por possuírem a dignidade de pessoa, têm direito inalienável a uma educação que responda ao próprio fim [...]».<sup>112</sup>

Como afirma o jurista e professor Guilherme d’Oliveira Martins, «o que distingue o desenvolvimento do atraso é a aprendizagem. O aprender a conhecer, o aprender a fazer, o aprender a viver juntos e a viver com os outros e o aprender a ser constituem elementos que devem ser vistos nas suas diversas relações e implicações».<sup>113</sup> Desta maneira garante-se a preparação da formação da personalidade, com base em valores éticos e responsáveis perante as pessoas, a comunidade e o mundo, respeitando a unidade e diversidade da condição humana.

«O *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* afirma-se, nestes pressupostos, como documento de referência para a organização de todo o sistema educativo, contribuindo para a convergência e a articulação das decisões inerentes às várias dimensões do desenvolvimento curricular».<sup>114</sup>

A nossa vivência é repleta de mudanças que trazem muitas incertezas, por isso as escolas devem criar condições de equilíbrio que ajudem a conceber pessoas autónomas e responsáveis e cidadãos ativos na sociedade. Este documento procura responder às exigências complexas que caracterizam a sociedade atual.

---

<sup>108</sup> Guilherme D’Oliveira Martins (Coordenador) et al., «*Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*» (Lisboa: Ministério da Educação, Direção-Geral da Educação, 2017), 5, acessado a 21 de janeiro de 2021 em <http://hdl.handle.net/10400.26/22377>.

<sup>109</sup> Cf. Assembleia da República, *Constituição da República Portuguesa*, Abril, 2002 (Coimbra: Livraria Almedina, 1976), 37.

<sup>110</sup> Cf. Assembleia Geral Organização das Nações Unidas, «Declaração Universal dos Direitos Humanos», artigo 26.º, acessado a 21 de janeiro de 2021, em <https://dre.pt/dre/geral/legislacao-relevante/declaracao-universal-direitos-humanos>.

<sup>111</sup> Este tipo de linguagem é, no meu entender, redutora, discriminadora e não inclusiva. Com efeito, apesar de ter de fazer citações diretas da obra e ter de mencionar homem, demarco-me deste tipo de linguagem.

<sup>112</sup> Concílio Vaticano II, «Declaração "Gravissimum Educationis" sobre a Educação Cristã», 1965, n. 1, acessado a 18 de fevereiro de 2021 em [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decl\\_19651028\\_gravissimum-educationis\\_po.html#](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html#).

<sup>113</sup> Martins (Coordenador) et al., «*Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*», 5.

<sup>114</sup> Martins (Coordenador) et al., «*Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*», 8.

«As preocupações contidas neste documento são transversais à sociedade e de pleno encontro às finalidades de uma formação integral da pessoa».<sup>115</sup>

O PASEO apresenta-se estruturado a partir de quatro elementos: princípios, visão do aluno, valores e áreas de competências.<sup>116</sup>

Os **princípios** justificam e dão sentido às ações relativas à gestão do currículo feita pela escola em todas as áreas disciplinares e operacionalizam-se nos seguintes conceitos: base humanista, saber, aprendizagem, inclusão, coerência e flexibilidade, adaptabilidade, sustentabilidade e estabilidade.

A **visão** do aluno surge dos princípios acima enunciados e explicita o que é esperado dos alunos, enquanto cidadãos, à saída da escolaridade obrigatória. O perfil apresenta as seguintes competências a serem adquiridas pelos alunos:

- munido de múltiplas literacias
- livre, autónomo e responsável
- consciente de si próprio e do mundo
- capaz de lidar com a mudança
- conhecedor da importância das artes, das humanidades da ciência e da tecnologia
- capaz de pensar crítica e autonomamente
- criativo
- colaborativo e com capacidades de comunicação
- apto para continuar a aprender ao longo da vida
- respeitador da dignidade humana e do exercício da cidadania plena
- capaz de rejeitar todas as formas de discriminação e de exclusão social

Na noção de **valor**, no âmbito do sistema educativo, as competências do PASEO são entendidas como orientações segundo as quais determinadas crenças, comportamentos e ações são definidos como adequados e desejáveis. Os valores são, assim, entendidos como elementos e as características éticas expressas através da forma como as pessoas atuam e justificam o seu modo de estar e agir. O Perfil do Aluno apresenta os seguintes valores a serem cultivados especialmente durante a escolaridade obrigatória:

- responsabilidade e integridade;

---

<sup>115</sup> Ministério da Educação, «*Aprendizagens Essenciais de Educação Moral e Religiosa Católica - 7.º Ano do 3.º Ciclo do Ensino Básico*», 1.

<sup>116</sup> Cf. Martins (Coordenador) et al., «*Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*», 9–20.

- excelência e exigência;
- curiosidade, reflexão e inovação;
- cidadania e participação;
- liberdade.

As **áreas de competências** são aqui entendidas como combinações complexas de conhecimentos, capacidades, atitudes que permitem uma efetiva ação humana em contextos diversificados e valores que capacitam os alunos a investir permanentemente na sua formação. São apresentadas 10 áreas de competências:

- linguagens e textos
- informação e comunicação
- raciocínio e resolução de problemas
- pensamento crítico e pensamento criativo
- relacionamento interpessoal
- desenvolvimento pessoal e autonomia
- bem-estar, saúde e ambiente
- sensibilidade estética e artística
- saber científico, técnico e tecnológico
- consciência e domínio do corpo

O que o PASEO sugere é uma nova forma de conceber o ensino e a aprendizagem, bem como uma nova concepção do que é ser aluno e professor reunidos numa relação mais inclusiva e democrática, onde ambos têm um papel preponderante no processo de ensino-aprendizagem.

A UL 3 “Riqueza e sentido dos afetos” insere-se dentro desta estrutura, pois quer nos princípios, quer na visão e nos valores, quer na área de competência podemos encontrar a influência dos afetos, da afetividade. A afetividade ocupa um papel muito importante na escola e na construção do conhecimento, pois está ligada à construção da pessoa e na sua relação com as outras pessoas. Ora quer na escola, quer na sala de aula, está presente esta relação humana, e as suas atitudes encontram-se permeadas pelo afeto, pela afetividade.

Após esta análise podemos dizer que todos os temas abordados na UL 3 “Riqueza e sentido dos afetos” são muito pertinentes na medida em que educam, informam, previnem e consciencializam quando tratam de tópicos relacionados com os interesses, necessidades e problemas dos adolescentes nos dias de hoje, bem como, são adequados à faixa etária (12-13 anos) dos alunos a que se destina, 3º ciclo. Todas as temáticas trabalhadas no manual do aluno,

são muito próximas dos adolescentes, nesta etapa da sua vida as dúvidas e interrogações estão muito presentes, procurando sempre respostas para as suas inquietações.

É nesta procura que a disciplina de EMRC não pode esquecer as «dimensões pedagógicas da Experiência Humana, da Reflexão Religiosa e da Interpretação Ético-Moral»<sup>117</sup>, como meio de dar resposta a este questionar, a estas perguntas que fazem parte do crescimento e desta faixa etária. Todos os temas da UL levam à reflexão, à partilha, à procura, de forma a ajudar o aluno a refletir e decidir, orientar a sua conduta e comportamento, a sua vida, a formar a sua personalidade e a sua consciência moral.

Em bom rigor, a disciplina de EMRC pode ajudar os alunos a refletir o sentido que a felicidade tem para cada um deles.

Educar é ajudar o educando a tomar consciência de si mesmo, dos outros e da sociedade em que vive, bem como de seu papel dentro dela. É saber aceitar-se como pessoa e principalmente aceitar o outro com seus defeitos e qualidades. É, também, oferecer diversas ferramentas para que a pessoa possa escolher o seu caminho, entre muitos. Determinar aquele que for compatível com seus valores, sua visão de mundo e com circunstâncias adversas que cada um irá encontrar.<sup>118</sup>

### **3. O contributo da Educação Moral e Religiosa Católica para o desenvolvimento da afetividade dos adolescentes**

Redigir um trabalho no âmbito de uma Prática de Ensino Supervisionada obriga, quase forçosamente, a debruçarmo-nos sobre educação e a sua significação. Num certo sentido, entende-se esta redundante necessidade, por outro considero que é uma repetição em trabalhos deste género, alguns até dedicados em específico à definição do conceito de educação e seus significantes.

É imprescindível clarificar os conceitos utilizados, neste sentido o que se entende por educação; contudo fugirei da definição etimológica tradicional pois encerra em si uma certa opção interpretativa.<sup>119</sup>

---

<sup>117</sup> Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 167.

<sup>118</sup> Sandra Regina de Paula e Moacir Alves de Faria, «Afetividade na Aprendizagem», *Revista Eletrônica Saberes da Educação* 1, nº. 1 (2010): 2. Acedido a 12 de fevereiro de 2021 em <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdfs/sandra.pdf>.

<sup>119</sup> Cf. João Manuel Duque, «Sobre a Educação Integral do Ser Humano», *Pastoral Catequética: Revista de Catequese e Educação* 26 (2005): 11.

1. Todos os homens<sup>120</sup>, de qualquer estirpe, condição e idade, visto gozarem da dignidade de pessoa, têm direito inalienável a uma educação correspondente ao próprio fim, acomodada à própria índole, sexo, cultura e tradições pátrias, e, ao mesmo tempo, aberta ao consórcio fraterno com os outros povos para favorecer a verdadeira unidade e paz na terra. A verdadeira educação, porém, pretende a formação da pessoa humana em ordem ao seu fim último e, ao mesmo tempo, ao bem das sociedades de que o homem é membro e em cujas responsabilidades, uma vez adulto, tomará parte.<sup>121</sup>

A minha tónica incidirá numa perspetiva antropológica de encarar a educação como processo de construção da identidade de uma pessoa humana, contribuindo assim para o «pleno desenvolvimento da personalidade, da formação do carácter e da cidadania, preparando-o [aluno/educando] para uma reflexão consciente sobre os valores espirituais, estéticos, morais e cívicos e proporcionando-lhe um equilibrado desenvolvimento físico».<sup>122</sup>

Com efeito, já em 2006, a Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) reconhece que «o contributo da EMRC para o desenvolvimento das crianças, dos adolescentes e dos jovens, parte do reconhecimento da componente religiosa como fator insubstituível para o crescimento em humanidade e liberdade»<sup>123</sup>, e, portanto, falar de educação, em sentido alargado, e de educação cristã, em sentido estrito, pode e deve ser considerado um reforço de identidade que confirma, sem substituir, essa necessidade universal.

A EMRC, enquanto área curricular disciplinar e integrada no sistema educativo, é um contributo valioso e responde aos desafios educativos que, hodiernamente, se colocam à sociedade e às comunidades educativas, em especial.

Se atendermos com maior cuidado à definição de educação, esta não pode existir de forma integral «sem a consideração da dimensão religiosa, porque ela é constitutiva da pessoa humana»<sup>124</sup>. Aliás, a compreensão da realidade social e cultural, o crescimento humano e o agir em liberdade e responsabilidade, o amadurecimento sobre as questões do sentido da vida, o entendimento da história e da cultura europeias não se podem realizar, conveniente e conscientemente, sem a presença do dado religioso cristão e, particularmente, o católico.

---

<sup>120</sup> Este tipo de linguagem é, no meu entender, redutora, discriminadora e não inclusiva. Com efeito, apesar de ter de fazer citações diretas da obra e ter de mencionar homem, demarco-me deste tipo de linguagem.

<sup>121</sup> Concílio Vaticano II, «Declaração "Gravissimum Educationis" sobre a Educação Cristã», 1965, n. 1, acessido a 18 de fevereiro de 2021 em [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decl\\_19651028\\_gravissimum-educationis\\_po.html#](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html#).

<sup>122</sup> Assembleia da República, «Lei de Bases do Sistema Educativo - Lei n.º 46/86», *Diário da República* 237/1986, Série I (1986), art.º 3.º, b).

<sup>123</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, «Educação Moral e Religiosa Católica - Um Valioso Contributo para a Formação da Personalidade», *Pastoral Catequética: Revista de Catequese e Educação* 5 (2006).

<sup>124</sup> Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 4.

Relembro o célebre relatório “*O ensino dos factos religiosos na Escola laica*” que ficou mais conhecido pelo nome do seu autor, Jules Régis Debray, filósofo e escritor francês, que refere expressivamente

que é a ameaça, cada vez mais sensível, duma des-herança colectiva, duma ruptura das correntes da memória nacional e europeia, onde o elo perdido de informações religiosas transforma em estritamente incompreensíveis, mesmo desinteressantes, os tímpanos [da Catedral] de Chartres, a Crucificação de Tintoreto, o Don Juan de Mozart, o Booz adormecido de Victor Hugo e a Semana Santa de Aragon.<sup>125</sup>

A EMRC, em consonância com as orientações emanadas da Conferência Episcopal Portuguesa, pretende «a formação global do aluno, que permita o reconhecimento da sua identidade e, progressivamente, a construção de um projeto pessoal de vida».<sup>126</sup> Projeto alicerçado com base no diálogo entre a mensagem cristã e a cultura, na articulação entre os saberes adquiridos nas outras disciplinas e os valores cristãos que estão bem presentes naquilo que podemos definir como uma tradição cultural portuguesa. Para alcançar essa meta de desenvolvimento pessoal, social e global, a disciplina de EMRC dá a conhecer 11 finalidades:<sup>127</sup>

#### **Finalidades da Disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica:**

Aprender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo, em particular;

Conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos;

Estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé;

Adquirir uma visão cristã da vida;

Entender e protagonizar o diálogo ecuménico e inter-religioso;

Adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a História da Igreja e a Doutrina Católica, nomeadamente nos campos moral e social;

Apreender o fundamento religioso da moral cristã;

Conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso e da simbólica cristã;

Formular uma chave de leitura que clarifique as opções de fé;

Estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade;

<sup>125</sup> Régis Debray, *L'Enseignement Du Fait Religieux Dans l'école Laïque. Rapport Au Ministre de l'Éducation Nationale*. (Paris: Odile Jacob, 2002), 3.

<sup>126</sup> Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 5.

<sup>127</sup> Secretariado Nacional da Educação Cristã, 5.

---

Aprender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência.

---

Tabela 3 – Finalidades da EMRC

Estas finalidades ajudam ao crescimento integral do jovem adolescente, que enquanto aluno, participa no crescimento proporcionado pela disciplina e abraça, de modo mais consciente e coerente a universalidade dos demais saberes, inclusive daqueles que estão impregnados desde o berço até à idade adulta, por vezes em contraste com os ideais do próprio, mas a fervilhar de emoção e intensidade, porque chamados a assumir a resposta ao apelo de Deus.

Nos últimos anos, sobretudo na última década, assistiu-se a uma corrida aos rankings, aos quadros de mérito, ao espoletar da competitividade entre alunos em ordem a um melhor futuro profissional, num mercado deveras difícil e marcado pelo tecnicismo exacerbado, justificando deste modo os riscos inerentes à livre concorrência e ao fechamento das relações de entreajuda. A EMRC, com a sua matriz cristã, propõe a interajuda, a colaboração, a relação e a compreensão, mesmo em ambiente de competitividade, mas sem rivalidade, de disputa, mas sem conflito, de ambição com entusiasmo, sem perder o horizonte de humanidade e de cuidado pela pessoa, pelo outro; esta é a sua razão constituinte.

Não se estranhe, por isso, que «contribua para desenvolver nos alunos um grau elevado de responsabilização perante o bem e a verdade, favorecendo uma descoberta profunda da liberdade, [...] como vocação humana para a transformação da vida [...]».<sup>128</sup>

É esta a educação integral que se pede na verdadeira formação da pessoa humana, como consagrado no número 2 artigo 26.º da Declaração Universal dos Direitos Humanos:

2. A educação deve visar à plena expansão da personalidade humana e ao reforço dos direitos do homem e das liberdades fundamentais e deve favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais ou religiosos, bem como o desenvolvimento das actividades das Nações Unidas para a manutenção da paz.<sup>129</sup>

A educação só por si não opera completamente esta desejada mudança e crescimento nas crianças e jovens; há outros fatores envolvidos, nomeadamente os ambientais

---

<sup>128</sup> Cristina Sá Carvalho, «Pastoral Juvenil e Diálogo Entre Carismas», *Theologica* 47, n.º 1 (2012): 131.

<sup>129</sup> Cf. «Declaração Universal dos Direitos Humanos» (1948), <https://dre.pt/dre/geral/legislacao-relevante/declaracao-universal-direitos-humanos>.

como a família, a capacidade financeira, o meio sociocultural e até geográfico em que se vive, sem desconsiderar capacidades inatas ou, numa linha mais clínica, fatores genéticos que podem predispor ou não a criança/jovem a investir no estudo e formação.

O sistema de ensino-aprendizagem que procure e promova uma cultura de justiça, de tolerância, de integração e inclusão é incompleto e não funcionará por inteiro se não educar pelo amor e com amor, apoiando-se em currículos escolares e atitudes flexíveis, tranquilas e justas, capazes de adaptação a imprevistos de diferente espécie, sem perder a capacidade de sonhar com os pés assentes na terra.

Aprender a saber viver com satisfação e alegria decorre das decisões e escolhas que se fazem, como tal, haverá momentos de fulgor e outros de desânimo, mas o essencial é que se saiba viver com responsabilidade e reconhecimento de que é sempre possível aprender, seja com erros ou com sucessos.<sup>130</sup>

Com efeito, na fase da adolescência e no meio de um processo de ensino-aprendizagem, o tema da afetividade assume um papel preponderante no desenvolvimento e crescimento do adolescente, de modo direto, e nos ambientes em que este se circunstancia. Expressar sentimentos, dizer o que vai na alma, abrir o coração são todas expressões que envolvem e comprometem qualquer um, particularmente, se for adolescente. Pode parecer redundante a frase dizer que os sentimentos se sentem, mas na verdade é isso que ocorre.

O sentimento não é apenas um pensamento ou um conceito, o sentimento afeta a nossa forma de estar e de agir. Por consequência, lidar com os sentimentos é tarefa árdua, que ocorre na mesma proporção do amadurecimento e desenvolvimento da pessoa.

Em fase juvenil, a partilha de sentimentos, a compreensão do que se sente, a incompreensão do por que se sente de determinado modo, que até nos faz sentir mal, adquire ainda um sentido mais valioso e um efeito mais marcante. Tanto mais que os fatores biológico e químico regulam e desregulam processos cognitivos, comportamentais, relacionais e, especialmente, sentimentais e afetivos.<sup>131</sup> Sem querer reduzir tudo a um monismo biológico, a este propósito convém mencionar o que Damásio escreve:

Resumindo, os estados emocionais são definidos por uma miríade de modificações no perfil químico do corpo, por modificações no estado das vísceras e por modificações no grau e no padrão de contração dos diversos músculos estriados da face, garganta, tronco e

---

<sup>130</sup> Cf. Mário Cordeiro, *Educar Com Amor, Um Guia de Afetos e Sentimentos Para Que Os Seus Filhos Cresçam Felizes e Equilibrados*, 2.<sup>a</sup> edição (Lisboa: A Esfera dos Livros, 2014), 121.

<sup>131</sup> Cf. Patricia Wolfe, *Compreender o funcionamento do cérebro* (Porto: Porto Editora, 2007), 66. A referência clara a Richard Restak com a seguinte citação: «Os nossos sentimentos viscerais são mais do que mera metáfora... o mental e o físico, o pensamento, o cérebro e o corpo, estão intrinsecamente unidos por meio destas substâncias químicas», convém clarificar que esta citação se enquadra na explicação dada sobre o tipo de neurotransmissores e o seu papel no nosso organismo e na conexão corpo-mente abordados na obra.

membros. Porém, são também definidos por modificações no conjunto de estruturas neurais que, inicialmente, conduzem à execução dessas modificações e que também conduzem a modificações significativas no estado de certos circuitos neurais, no interior do próprio cérebro.<sup>132</sup>

Com efeito, sentimos como um todo e não só em parte. A dor de cabeça afeta todo o nosso corpo e a nossa forma de estar e não apenas a cabeça. Deste modo, devemos valorizar a emoção, o sentimento, a afetividade como elementos constituintes do nosso ser e da nossa forma de ser inclusive no processo de ensino-aprendizagem. Validamos cada vez mais a dita literacia tecnológica, o primado da inteligência, da razão sobre a emoção, contudo é desta que nos vem o desafio maior, a saber, combater a iliteracia emocional.<sup>133</sup>

A educação deve assumir uma perspetiva globalizante, de modo integral e inclusivo, sob pena de cavar um fosso profundo entre intelecto e emoção. Devidamente enquadrada e inserida no currículo escolar, a EMRC oferece não só uma educação balizada por estes aspetos que mencionamos, mas sobretudo propõe, no seu próprio desenho curricular, abordar a afetividade e dar-lhe sentido e configuração através de uma unidade letiva no 7.º ano do 3.º ciclo do ensino básico.

Esta unidade letiva, como projeto educativo, é suportada por um referencial teórico, programático, e aplicada com base numa ética cristã que apela ao elevar do aluno, a fazê-lo olhar para além de si próprio, a ver o outro diante de si e a relacionar-se. Passar das palavras à ação, é este o propósito de todo o agir moral humano.

#### 4. Síntese

Na abordagem à UL 3 verifiquei que a mesma está muito relacionada com a adolescência, “o que é a adolescência?”, “quando começa e quando acaba?”, esta temática é de extrema importância quer na formação da personalidade quer no desenvolvimento e vocação pessoal, a nível motivacional, intelectual, social, emocional, sexual, moral, religiosa. Ao mesmo tempo, este tema permite conhecer as várias dimensões da personalidade humana. Quais as alterações físicas nos rapazes e nas raparigas?

Estas mudanças no corpo de forma rápida causam no próprio adolescente um certo desconforto, mas para além destas, faz referência às alterações do relacionamento com os pais,

---

<sup>132</sup> Damásio, *O Sentimento de Si - O Corpo, a Emoção e a Neurobiologia da Consciência*, 322–23.

<sup>133</sup> Cf. Isabel Varanda, «Multiculturalidade e Diversidade Religiosa», *Communio: Revista Internacional Católica* (Lisboa, 2006), 400.

do comportamento para com eles, pois deixam de os querer acompanhar, na transformação das relações com os outros rapazes e raparigas, o grupo de amigos passa ter muita importância, a transformação das relações com os adultos pois têm um desejo de ser reconhecidos como tal e por fim no desenvolvimento da responsabilidade moral.

Os adolescentes vivem este conjunto de transformações de forma diversa, há uma série de preocupações, medos e dificuldades que todos têm em comum.

Mas viver a afetividade vai muito mais além do que os temas estudados por esta UL 3, e é isso que espero demonstrar e fazer compreensível no próximo capítulo. Se olharmos de uma forma mais aprofundada para as dimensões, competências e conhecimentos que se espera que o aluno apreenda e adquira, expressos nas *Aprendizagens Essenciais* e no *Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória*, fica claro que os temas abordados ficam muito aquém de uma vivência integral da afetividade.

No próximo capítulo, procurarei demonstrar que contributo a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica pode dar para esta vivência integral da afetividade, nomeadamente à luz da Encíclica *Fratelli Tutti*, aprofundando o conceito de cuidado no encontro e acolhimento como dimensão afetiva.

## CAPÍTULO II: A PROBLEMÁTICA DO TEMA “RIQUEZA E SENTIDO DOS AFETOS” À LUZ DA ENCÍCLICA *FRATELLI TUTTI*

Neste capítulo, e a partir da *Encíclica Fratelli Tutti* (FT), propomos refletir sobre a dimensão afetiva do cuidado no encontro e acolhimento com o meu próximo, principalmente com os migrantes e refugiados. Começaremos pela apresentação da Encíclica *Fratelli Tutti* como forma de dar a conhecer a mensagem pedagógica e cristã que o Papa Francisco envia para as pessoas de boa vontade.

A partir do pensamento do teólogo Leonardo Boff, faremos uma aproximação ao conceito e dimensão de cuidado. Em seguida, aprofundaremos o cerne da temática da *Fratelli Tutti* vertido na parábola do Bom Samaritano (Lc 10,25-37). Partindo deste texto bíblico, refletiremos, em harmonia com a *Fratelli Tutti*, sobre o cuidado no encontro e acolhimento afetivo e o impacto que esta temática tem na educação dos jovens adolescentes.

Por fim, apresento um contributo em forma de proposta pedagógica com a introdução deste tema no currículo da disciplina na UL 3 do 7.º ano de escolaridade.

### **1. Apresentação da Encíclica Fratelli Tutti**

A *Encíclica Fratelli Tutti* (FT) é a terceira Encíclica do Papa Francisco e foi assinada em Assis no dia 3 de outubro de 2020, destinando-se a todas as pessoas sem exclusões de ordem religiosa, cultural, social ou étnica; qualquer pessoa se pode deixar interpelar por ela, ninguém fica de fora. «Entrego esta encíclica social como humilde contribuição para a reflexão (...)» (FT 6). Um aspeto curioso e interessante é verificar que a palavra *amor* se repete 89 vezes ao longo da Encíclica, e a palavra *fraternidade* 57 vezes, o que permite intuir que a encíclica é, desde logo, um convite ao amor sem nenhum tipo de fronteiras.

A estrutura da *Encíclica Fratelli Tutti* (Todos Irmãos) consta de uma introdução geral e encontra-se dividida em 8 capítulos, num total de 287 parágrafos, terminando com um apelo e duas orações escritas pelo Santo Padre intituladas de “Oração ao Criador” e “Oração cristã ecuménica”.

Na *introdução* (ns.1-8) verificamos que o título “Fratelli Tutti” deriva de uma expressão de São Francisco de Assis (Admoestações, 6, 1) para propor uma forma de vida com sabor a Evangelho, onde o amor fraterno assenta numa dimensão universal e de abertura a todos, ultrapassando as barreiras geográficas e de espaço. É claramente uma encíclica social, faz uma

reflexão da sociedade e dos problemas sociais. Surge com o anseio de fazer renascer a fraternidade mundial e a «amizade social», temas que tanto têm preocupado o Papa Francisco nos últimos anos. A pandemia da Covid-19 dá-se enquanto o Papa escreve esta Encíclica o que permitiu perceber as nossas falsas seguranças e compreender que é urgente a questão da fraternidade, pois estamos todos no mesmo barco. Podemos dizer que esta Encíclica é um convite a todos para vivermos de uma forma diferente, em que o caminho é a fraternidade.

No capítulo I, com o título “*As sombras de um mundo fechado*” (ns.9-55) o Santo Padre faz um diagnóstico de fatores e tendências que dificultam e impedem o desenvolvimento de uma «fraternidade universal».

Este diagnóstico mostra uma realidade cruel, tal como regressões civilizacionais e o fim da consciência histórica, perde-se a memória, esquecemo-nos das guerras mundiais que tanto sofrimento nos causaram, reacendem-se conflitos anacrónicos, ressurgem nacionalismos fechados, exacerbados, ressentidos e agressivos, cresce o egoísmo e a perda de sentido e projeto social, falta de interesse pelo bem comum e privilegia-se os interesses individuais, onde muitas formas de consumo sem limites acentuam outras tantas formas de individualismo, características de uma sociedade globalizada que nos faz vizinhos mas não nos faz irmãos, que favorece e protege os mais fortes, tornando mais vulneráveis e dependentes os mais frágeis e pobres.

Os conceitos como democracia, liberdade e justiça adquirem conteúdos vazios, distorcidos e manipulados como forma de justificar qualquer ação. No campo económico, os interesses baseiam-se no lucro e na cultura do descarte onde as pessoas já não são vistas como um valor primário que se deve respeitar e tutelar, como os idosos, os jovens à procura do seu primeiro emprego, os desempregados, os migrantes.

É contra esta ideia de descarte que o Papa Francisco escreve, para nos recordar dos direitos humanos universais. O desemprego, o racismo, a pobreza, a desigualdade de direitos e novas formas de escravatura, tráfico de pessoas e órgãos continuam vigentes e atuais. Os medos, os conflitos e a solidão favorecem o terreno para a proliferação de máfias, fomentando a criação de muros para impedir o encontro. Os muros não nos protegem do outro, passamos a viver desconfiados e receosos de que os outros nos façam mal.

Acabamos fechados em nós e impedidos de manter uma relação com o outro, conhecê-lo, de o olhar, de compreendê-lo, deixamos de apreciar a riqueza da vida em comum e de que pertencemos à mesma humanidade. Nestes muros encontramos as redes virtuais que nos tornam prisioneiros, que nos alienam da realidade e tornam-nos dependentes da tecnologia e das redes sociais, perdendo assim os contactos físicos, a linguagem corpórea, a comunicação humana, perdemos o gosto pela vida.

Apesar de muitas sombras, o Papa Francisco convida-nos à esperança, dando como exemplo de luz a parábola do Bom Samaritano (Lc 10,25-37) a quem é dedicado o capítulo II intitulado “*Um estranho no caminho*” (ns. 56-86). Na parábola está o abandonado, o ferido, o caído no caminho. O Papa, com recurso a este excerto bíblico, denuncia uma sociedade doente, desinteressada, analfabeta e que não cuida dos mais frágeis e vulneráveis, que vira as costas à dor e sofrimento, porque nos incomoda e, cada vez mais, passamos à margem ou olhamos para o outro lado.

O Santo Padre incentiva-nos a estar próximos uns dos outros, a encontrarmo-nos num nós, de maneira a construirmos uma sociedade que saiba cuidar e levantar aqueles que mais sofrem, que saiba incluir e integrar. Uma sociedade que nos faça mais próximos de forma a combater o individualismo sem conteúdo e sem consideração pelo outro, superando preconceitos e interesses pessoais. Esta parábola faz-nos refletir sobre um amor que se abre a todos e nos impele a ser como o Bom Samaritano.

“*Pensar e gerar um mundo aberto*” (ns. 87-127) é o título do capítulo III, onde o Santo Padre, uma vez que fomos feitos para o amor, apela para que cada um saia de si mesmo para encontrar o outro, pois desta forma o ser humano encontra a sua plenitude no dom sincero de si aos outros. O grande desafio é ir mais além para construir a fraternidade, em vários sentidos, quer no sentido de ir mais além da família, do grupo onde nos inserimos, temos que nos abrir para a relação com o outro, numa relação de amor universal.

A dimensão espiritual do ser humano é o amor, e nele está incluída a nossa capacidade de acolher os outros, de abertura aos outros, de encontro com os outros num dever de hospitalidade, esta é a medida do amor, de um amor que se estende ao mundo.

O maior perigo do ser humano é não amar, porque em primeiro lugar está o amor (cf. 1Cor 13,1-13). Por isso, a maior manifestação afetiva que podemos demonstrar ao outro é procurar gratuitamente o melhor para a sua vida, aquilo que chamamos caridade, porque a sua vida é para mim de grande valor e muita estima, desta forma é possível cultivar uma «amizade social» e uma fraternidade aberta a todos como uma comunidade de irmãos.

Uma «amizade social» e uma «fraternidade universal» só são possíveis quando tomarmos definitivamente consciência do valor do ser humano, seja em que circunstância for. Todo o ser humano é valioso e por isso deve-se assegurar o seu desenvolvimento integral, procurando a promoção de bem comum.

Os valores de amor, fraternidade e solidariedade são, em primeiro lugar, transmitidos na convivência familiar. As famílias têm a responsabilidade de educar para a partilha, para o cuidado e atenção para com o outro, bem como pela transmissão de fé. Todas as pessoas são valiosas e têm direito a viver com dignidade, ninguém pode ser excluído, não

importa o local nem os privilégios de onde tenha nascido, o desenvolvimento deve garantir os direitos humanos, pessoais e sociais, económicos e políticos. As desigualdades afetam a todos, indivíduos e países, daí o Papa alertar para a necessidade de se pensar numa ética das relações internacionais.

Como vimos anteriormente, um dos obstáculos à fraternidade é o descarte de partes da humanidade com base em critérios económicos ou utilitaristas, mas para o Santo Padre o maior critério é o amor, pois só com esta capacidade de nos amarmos fraternamente, tomamos a certeza de que todas as vidas têm valor.

É possível ter paz quando se garantir terra, teto e trabalho para todos, e o Santo Padre diz-nos que a paz será duradoura se partir de uma ética global de solidariedade e cooperação ao serviço da família humana.

O IV capítulo com o título “*Um coração aberto ao mundo inteiro*” (ns. 128-152) é dedicado ao tema das migrações. Neste capítulo Sua Santidade diz-nos que devemos fazer esforços para acolher, proteger, promover e integrar os migrantes, apontando respostas fundamentais, tal como, simplificar a concessão de vistos, abrir corredores humanitários, oferecer alojamento, garantir segurança, oferecer possibilidades de trabalhos, assegurar aos menores o acesso à educação, entre outras coisas. É necessária uma legislação que regule e ajude à integração dos imigrantes e que favoreça o desenvolvimento nos países de origem.

O dom de acolher deve ser de coração e gratuitamente, sem esperar êxitos ou algo em troca, fazer as coisas pelo simples facto de serem boas, e este dom de acolher deve incluir todos os estrangeiros e não só aqueles que trazem benefícios palpáveis, como cientistas ou investigadores, só desta forma se vive uma verdadeira fraternidade gratuita. Os migrantes devem ser olhados não como um peso ou problema, mas sim como uma oportunidade de abertura e de vivência plena do sentido da fraternidade, o Santo Padre valoriza o encontro entre civilizações e culturas «Toda a cultura saudável é, por natureza, aberta e acolhedora» (FT 146).

O tema do V capítulo é “*A política melhor*” (ns.154-197). Em que consiste uma boa política? Deve reconhecer a importância de um povo e procurar estar ao serviço do bem comum, aberta a todos, de forma a incluir os mais frágeis e respeitar as diferentes culturas. A melhor política procura também defender e proteger o trabalho de forma a fomentar o crescimento e desenvolvimento pessoal.

Ajudar os pobres passa por permitir que vivam dignamente através do trabalho, contribuindo, cada um, com a sua qualidade e com o seu esforço, dignificando-se como seres humanos. O trabalho permite-nos ser seres humanos em plenitude e para o Papa é importante que todos tenham essa possibilidade.

A educação tem um papel importantíssimo no desenvolvimento de relações humanas solidárias e fraternais, deste modo, a reflexão sobre a vida humana e a profundidade espiritual trazem qualidade a estas mesmas relações humanas para conseguirem combater as injustiças de qualquer espécie. A política deve promover uma economia que favorece a diversidade produtiva e a criatividade empresarial, que procura colocar a dignidade humana e o desenvolvimento humano integral no centro das várias estruturas sociais, o que levaria a passar-se de uma política de “para” os pobres para uma política de “com” e dos “pobres”.

O Santo Padre faz alusão à necessidade de se reformar a Organização das Nações Unidas, bem como, a arquitetura económica e financeira internacional, para assim permitir a realização do conceito de família de nações na procura do bem comum.

O Papa Francisco chama-nos a uma ordem social e política, cuja alma seja a caridade social na procura do bem comum e do bem de todas as pessoas. Ou seja, a política deve estar associada à caridade e ao amor, com o dever de procurar o bem comum, e não em bens individuais e pessoais, o fundamental é o bem de todos, onde nos sentimos chamados para contruir um novo mundo, enfrentando os seus problemas e procurando por soluções na resolução dos mesmos, vivendo desta forma um «amor social» (FT 183).

A melhor política procura cuidar da fragilidade dos povos e das pessoas, procura encontrar soluções contra os atentados aos direitos humanos, tal como a exclusão social e económica, tráfico de seres humanos, tráfico de órgãos e tecidos humanos, exploração sexual, armas, drogas, trabalho escravo, terrorismo e crime organizado. Existe um forte apelo do Papa Francisco para eliminar a fome e o tráfico de pessoas, sendo estas uma «vergonha para a humanidade» (FT 189).

Na política, existe lugar para o amor e para ternura quando considera cada pessoa sagrada e merecedora do nosso afeto e da nossa dedicação.

No capítulo VI, com o título «*Diálogo e amizade social*» (ns. 198-224) o Santo Padre dá-nos a conhecer o significado do verbo dialogar como sendo a capacidade de aproximar-se, de expressar-se, de ouvir(-se), de olhar(-se), de conhecer(-se), de esforçar-se por entender, de procurar pontos de contacto.

Para que haja um verdadeiro diálogo social tem de existir a capacidade de respeitar o ponto de vista do outro, procurando entender o que diz e faz.

Uma sociedade pluralista convida ao diálogo procurando respeitar em qualquer situação a dignidade dos outros, fomentando uma integração inclusiva, reconhecendo no outro o direito de ser ele próprio. Resumindo, devemos respeitar, em todas as situações, a dignidade alheia.

O Papa menciona que no diálogo e «amizade social» sobressai o conceito de vida como a arte do encontro onde se «supere as dialéticas que colocam um contra o outro». Uma

cultura do encontro deve ser com todos, incluindo as periferias, porque «de todos se pode aprender alguma coisa, ninguém é inútil, ninguém é supérfluo» (FT 215).

Neste capítulo, o Papa Francisco faz um apelo ao «cultivo da amabilidade» (FT 222) como sendo uma luz no meio da escuridão que liberta da crueldade, da ansiedade que não nos deixa pensar nos outros, na urgência distraída que ignora a felicidade dos outros. Sempre que nos deparamos com uma pessoa amável, disposta a prestar atenção, a oferecer um sorriso, a dirigir uma palavra, que coloque de parte as suas preocupações e urgências, estamos perante o milagre da amabilidade. O prazer de reconhecer o outro, de estar com o outro, de estar uns com os outros e reconhecê-los na sua particularidade, são para o Papa virtudes que constroem a fraternidade onde todos têm lugar.

No VII capítulo, intitulado “*Percursos de um novo encontro*” (ns. 225-270), o Papa faz uma reflexão sobre o valor e a promoção da paz, e sublinha que a paz está ligada à verdade, à justiça e à misericórdia e não alimenta desejos de vingança, pelo contrário deve procurar a reconciliação e o perdão. A Paz é “proactiva” e visa formar uma sociedade baseada no serviço aos outros e na procura da reconciliação e do desenvolvimento mútuo. A construção da paz social num país nunca está terminada, é uma tarefa que não dá tréguas e exige o compromisso de todos.

Na procura da paz não devemos esquecer que a desigualdade e a falta de desenvolvimento integral são impeditivas da sua realização. No processo de paz estão presentes o perdão e a reconciliação como resposta para os vários conflitos, superando o mal com o bem, somos todos chamados a amar, sem exceção, não querendo isto dizer, que, perante um agressor se permita que continue a oprimir o seu próximo, devemos sim, procurar ajudá-lo a mudar para que deixe de oprimir. Não podemos pensar em fraternidade sem ultrapassar e curar as nossas feridas, e isso implica aceitar e compreender a importância do perdão na sociedade.

Mas perdoar não significa esquecer, mas renunciar ao mal e à vingança, sem esquecer dos factos graves da história para não os repetir como a *Shoah*, os bombardeios atómicos de Hiroxima e Nagasáqui, não devemos esquecer as perseguições, o comércio dos escravos e os massacres étnicos que se verificaram e verificam em vários países, e tantos outros factos históricos que nos fazem envergonhar de sermos humanos. Estes acontecimentos devem ser sempre recordados, para não nos anestesiarmos e porque não se avança sem memória, porque precisamos de manter viva a «consciência coletiva» como testemunho para as várias gerações de horror já vivido. É importante fazer memória do bem, o perdão deve ser baseado na memória aqueles que perdoam de verdade não esquecem, mas renunciam a deixar-se dominar pela mesma força destruidora que os lesou a vingança não traz nenhuma satisfação é pelo perdão que se consegue a justiça.

Neste capítulo o Santo Padre refere as guerras e a pena de morte. Condena a guerra, pois considera-a como uma negação dos direitos humanos e uma agressão ao meio ambiente e pede para que se faça um esforço para que elas não aconteçam, poupando muitos civis inocentes. Devemos reafirmar com veemência «Nunca mais a guerra!» (FT 258). Para o Papa não existem guerras justas, pelo contrário, a guerra deixa o mundo pior sendo sempre um fracasso político e humano. Mantém uma posição de recriminação relativamente à pena de morte considerando-a inadmissível; mantém a mesma postura em relação à prisão perpétua, pois considera que «é uma pena de morte escondida» (FT 268).

O VIII e último capítulo é intitulado “*As religiões ao serviço da fraternidade no mundo*” (ns. 271-284). Nele, o Santo Padre refere que as várias religiões oferecem uma preciosa contribuição para a construção da fraternidade. Só com a abertura de todos ao Pai e com a consciência de que somos verdadeiramente irmãos e irmãs é que se pode caminhar para uma «fraternidade universal». A procura de Deus ajuda a reconhecermo-nos como companheiros de estrada, como irmãos. «A igreja é uma casa com portas abertas, porque é mãe», (FT 276) procura sair para servir, para acompanhar, para dar esperança, para lançar pontes, abater muros, semear a reconciliação, procura ser sinal de unidade.

É necessário garantir a liberdade religiosa, dado que é um direito humano fundamental para todos os crentes, traçando desta forma um caminho de paz entre as religiões. É possível um caminho de paz, sendo o ponto de partida o olhar de Deus que é com o coração, pois Deus é amor. Na verdade, a violência não encontra fundamento nas convicções religiosas, pelo contrário, o culto humilde e sincero a Deus leva ao respeito pela vida, pela dignidade e pela liberdade. A paz é possível desde que nos sintamos irmãos uns dos outros, independentemente da religião que pratiquemos ou professemos, porque Deus é amor, e o amor é o Seu grande Dom, tornando assim possível a construção da paz e da fraternidade.

O terrorismo não se deve à religião, mas tem origem na interpretação errada dos textos religiosos, nas políticas de fome, de pobreza, de injustiça, de opressão. «Os líderes religiosos são chamados a ser verdadeiros “dialogantes”: a agir na construção da paz como mediadores autênticos» (FT 284).

## **2. A dimensão afetiva da Cultura do Cuidado**

A cultura do cuidado foi muito falada, em vários documentos, pelo Santo Padre. Neste subcapítulo iremos fazer uma análise da dimensão do cuidado a partir do pensamento do teólogo Leonardo Boff e também da *Encíclica Fratelli Tutti*, que nos apresenta como expoente

máximo do cuidado a Parábola do Bom Samaritano, nomeadamente pelo cuidado pelo meu próximo. Com efeito, a noção de cuidado que Leonardo Boff apresenta é essencial para compreendermos a sua amplitude.

«Cuidar do mundo que nos rodeia é cuidar de nós mesmos» (FT17). Um nós que habita a casa comum porque tudo está interligado, onde os poderes económicos e os interesses pessoais devem ser colocados de parte.

A recente pandemia da Covid-19 fez-nos tomar consciência da nossa vulnerabilidade e da nossa falsa segurança, daí serem cada vez mais necessários e urgentes os gestos de cuidado, porque onde há gestos há amor, que felizmente se verificaram e se têm verificado pelos quatro cantos do mundo, em irmãos e irmãs que sem medo se tornaram próximos, dando a própria vida, compreenderam «que ninguém se salva sozinho, que só é possível salvar-nos juntos» (FT 32) porque estamos todos no mesmo barco.

### 2.1. *A noção de cuidado a partir do pensamento de Leonardo Boff*

Este autor tem enorme interesse em nos chamar a atenção para a importância do cuidado na sociedade contemporânea, como meio de combater a crise ecológica e civilizacional que se reflete no descuido, no desinteresse, no abandono, na falta de cuidado, nas suas mais variadas vertentes humanas, particularmente no descuido com as crianças, com os marginalizados, com os desempregados e excluídos, vistos como descartáveis. Sentimentos de solidão, de individualismo, de egoísmo, de medo, desenvolvem-se nas pessoas levando-as, muitas vezes, a abandonarem os seus sonhos.<sup>134</sup> Esta realidade «afeta a vida humana naquilo que ela possui de mais fundamental: o cuidado e a com-paixão».<sup>135</sup>

Para Leonardo Boff, o cuidado encontra-se na essência humana, encontra-se no ethos fundamental do humano, servindo como suporte para a sua liberdade, criatividade e inteligência, bem como para a sua «compaixão imprescindível para com todos os seres da criação».<sup>136</sup>

A falta de cuidado faz-nos perder a conexão com o Todo e deixamos de ter a percepção da unidade de todas as coisas. O cuidado é reconhecido como um *modo-de-ser* essencial, sempre presente, com uma dimensão ontológica e originária, impossível de ser desvirtuada, porque faz parte e entra na natureza humana, ou seja, faz parte da definição e

---

<sup>134</sup> Cf. Leonard Boff, *Saber Cuidar: Ética do Humano - Compaixão Pela Terra* (Petrópolis: Editora Vozes, 1999), 18–20.

<sup>135</sup> Boff, 11.

<sup>136</sup> Cf. Boff, 11–14.

interpretação que damos do ser humano revelando a maneira de como é o ser humano,<sup>137</sup> como tal, sem cuidado deixamos de ser seres humanos, porque nós não temos cuidado, nós somos cuidado.<sup>138</sup>

«Cuidar é mais que um *ato*; é uma *atitude*»<sup>139</sup> abarca mais que um simples momento de atenção e gera múltiplos atos que expressam «uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro»<sup>140</sup>. Quer isto dizer que o cuidado está nas atitudes, situações e ações humanas. Neste sentido, o cuidado significa «desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato», caracterizando-se como um modo de ser que surge da importância e preocupação pelo outro, porque a pessoa sai de si e centra-se no outro, podendo assim, dedicar-se a ele procurando fazer parte da sua vida.<sup>141</sup> Isto demanda que este centrar-se não seja ocupado pelo *logos* (razão), mas pelo *pathos* (sentimento) porque cuidar implica acolhimento, respeito, intimidade, de forma a estar em sintonia com esta centralidade.<sup>142</sup>

Leonardo Boff apresenta um díptico de ser no mundo, um modo de ser dual, que funda as relações, e a forma como a pessoa humana se estrutura, se realiza e se estabelece com todas as demais coisas, o modo de ser trabalho e o modo de ser cuidado. O modo de ser no mundo pelo trabalho dá-se na maneira como interagirmos e intervimos na natureza, de forma a tornar as nossas vidas mais agradáveis. Inicialmente, o trabalho era mais no sentido da interação do que na intervenção, uma vez que o ser humano admirava a natureza, procurando utilizar somente aquilo do que realmente necessitava.<sup>143</sup>

Atualmente o ser humano pretende dominar e sobrepor-se às coisas, colocando-as ao seu serviço e dos seus interesses de forma a satisfazer os seus desejos, pois adota uma atitude de centralidade em relação a tudo levando ao antropocentrismo e esquecendo a sua conexão com a natureza e com todas as coisas.<sup>144</sup> O ser humano vê-se desafiado a combinar trabalho e cuidado, uma vez que as duas dimensões não se opõem, mas completam-se, porque o modo de ser trabalho sem o modo de ser cuidado pode destruir o planeta, as duas dimensões são «modos de ser do único e mesmo ser humano».<sup>145</sup>

A outra forma de ser no mundo realiza-se pelo cuidado, sem se opor ao trabalho, procura olhar para a natureza, de sujeito para sujeito, e escutar as mensagens e sinais por ela

---

<sup>137</sup> Cf. Boff, 24–34.

<sup>138</sup> Cf. Boff, 89.

<sup>139</sup> Boff, 33.

<sup>140</sup> Boff, 33.

<sup>141</sup> Boff, 91.

<sup>142</sup> Cf. Boff, 96.

<sup>143</sup> Cf. Boff, 92–93.

<sup>144</sup> Cf. Boff, 94–95.

<sup>145</sup> Boff, 97.

evocados. Os seres humanos podem escutar e interpretar estas mensagens e sinais, procurando coexistir com os outros seres, numa relação não de domínio sobre, mas de convivência e comunhão. A centralidade deste modo de ser no mundo, em forma de cuidado, permite ao ser humano ver o real valor intrínseco das coisas, daquilo que realmente tem importância e conta, e neste sentido o que realmente importa não é o valor utilitarista das coisas, mas sim o valor intrínseco que se revela na sua natureza e se conecta com tudo e com todos.

A partir deste valor intrínseco às coisas emerge a dimensão de alteridade, reciprocidade, respeito e complementaridade<sup>146</sup>, uma vez que só nós, seres humanos, construímos o mundo a partir de laços afetivos tornando as pessoas e as situações portadoras de valor e preciosidade, o que implica ter preocupação e tempo para nos dedicarmos a elas, desenvolvendo em nós sentimentos de responsabilidade, simpatia, comunhão e cuidado pelo outro.<sup>147</sup>

Alguns sentimentos são fundamentais nas ações do cuidado, como o amor que se revela, ao nível humano, como a grande força de agregação, de simpatia e solidariedade, como a ternura que é sinónimo de cuidado essencial e afeto que devotamos às pessoas, aparece do próprio ato de existir no mundo com os outros. Outro sentimento é a carícia e o seu órgão é fundamentalmente a mão, que toca, que afaga, que estabelece relação, que acalenta e traz quietude. O afeto só existe com carícia, ternura e cuidado.

A cordialidade e a convivência são elementares no ato de cuidar, isto porque aproximam os seres humanos e estreitam relações. Por fim, temos a compaixão que representa a capacidade de partilhar a paixão com o outro, e para isso é necessário sair do seu próprio círculo e entrar no universo do outro, construindo com ele uma vida em sinergia.

Estes sentimentos garantem a humanidade ao ser humano.<sup>148</sup> Se estivermos imbuídos destes sentimentos enquanto seres humanos temos o mais importante para combater o que consideramos as patologias do cuidado (negação do cuidado, cuidado em excesso e o descuido) porque o ser humano não vive sem cuidado.<sup>149</sup>

## *2.2. A Parábola do afeto e do cuidado – O Bom Samaritano (Lc 10,25-37)*

A Encíclica Fratelli Tutti (FT) apresenta-nos a Parábola do Bom Samaritano (Lc 10,25-37) como uma luz de esperança e amor em gestos de afeto e de cuidado. Narrada por

---

<sup>146</sup> Cf. Boff, 95–96.

<sup>147</sup> Cf. Boff, 99.

<sup>148</sup> Cf. Boff, 110–28.

<sup>149</sup> Cf. Boff, 160–61.

Jesus Cristo há dois mil anos, qualquer pessoa, independentemente das suas convicções religiosas, pode deixar-se interpelar por ela (cf. FT 56).

Pela riqueza de detalhes que contém e pela própria interpretação feita pelo Papa Francisco, julgo conveniente transcrevê-la integralmente para melhor compreender o seu conteúdo, as personagens, a sua mensagem e tirar todas as lições, uma vez que pode ser entendida e compreendida como um rico recurso pedagógico:

<sup>25</sup>«Levantou-se, então, um doutor da Lei e perguntou-lhe, para O experimentar: «Mestre, que hei de fazer para possuir a vida eterna?» <sup>26</sup>Disse-lhe Jesus: «Que está escrito na Lei? Como lês?»

<sup>27</sup>O outro respondeu: «Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo». <sup>28</sup>Disse-lhe Jesus: «Respondeste bem; faz isso e viverás».

<sup>29</sup>Mas ele, querendo justificar a pergunta feita, disse a Jesus: «E quem é o meu próximo?» <sup>30</sup>Tomando a palavra, Jesus respondeu: «Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos salteadores que, depois de o despojarem e encherem de pancadas, o abandonaram, deixando-o meio morto. <sup>31</sup>Por coincidência, descia por aquele caminho um sacerdote que, ao vê-lo, passou ao largo. <sup>32</sup>Do mesmo modo, também um levita passou por aquele lugar e, ao vê-lo, passou adiante.

<sup>33</sup>Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão. <sup>34</sup>Aproximou-se, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. <sup>35</sup>No dia seguinte, tirando dois denários, deu-os ao estalajadeiro, dizendo: ‘Trata bem dele e, o que gastares a mais, pagar-to-ei quando voltar.’ <sup>36</sup>Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?»

<sup>37</sup>Respondeu: «O que usou de misericórdia para com ele». Jesus retorquiu: «Vai e faz tu também o mesmo». (Lc 10,25-37)

Partindo do pensamento de Joseph Ratzinger, a parábola visa transmitir novos conhecimentos aos seus ouvintes, tornando próximo o que estava distante e permitindo alcançar, conhecer, aprender e compreender aquilo que até então lhes era desconhecido.

Mas para isso é necessário a colaboração e participação daqueles que estão a aprender, que devem deixar-se conduzir por ela, devem «aderir ao movimento da parábola, pôr-se a caminho com ela».<sup>150</sup>

Jesus pretende com a parábola dar-nos a conhecer Deus, um «Deus que atua, que entra na nossa vida e nos quer tomar pela mão»<sup>151</sup>, esta é a verdadeira essência da mensagem de Jesus.<sup>152</sup>

A Parábola do Bom Samaritano remete-nos para uma passagem bíblica do Antigo Testamento (AT) do Livro do Génesis, em que Deus pergunta a Caim, depois deste matar o seu

---

<sup>150</sup> Joseph Ratzinger, *Jesus de Nazaré* (Lisboa: A Esfera dos Livros, 2007), 247.

<sup>151</sup> Ratzinger, 248.

<sup>152</sup> Cf. Ratzinger, 249.

irmão, «Onde está Abel, teu irmão?» e Caim respondeu «Sou, porventura, guarda do meu irmão?» (Gn 4,9) Nas nossas relações sociais, esta é a resposta que damos muitas vezes, uma resposta de indiferença e desculpabilização, como um sacudir de ombros. Sim, somos, pois, responsáveis pelos nossos irmãos, temos a obrigação de superar esta indiferença e cuidar uns dos outros (cf. FT 57).

Para João Duque esta é a questão colocada a todos os seres humanos «Onde está o teu irmão?», que faz de nós responsáveis por ele e pelo seu sofrimento. Esta responsabilidade pode ser entendida solidariamente como culpa pelo mal causado, mas também, como responsáveis pela superação desse mal, desse sofrimento, naquilo que pode ser feito para evitá-lo.

Com efeito, o sentimento de culpa é causado pela noção de que esse mesmo sofrimento pode ser merecido por mim como pelo outro, isto porque nos sentimos responsáveis por ele e de modo natural assumimos o sofrimento por ele, isto é, sofremos em vez do outro, com paixão por ele. Ainda segundo o autor, o colocar-se no lugar do outro é assumir o seu sofrimento, a sua paixão, é o modo extremo de paixão pelo outro enquanto amor pelo outro, é a manifestação máxima do amor-agapê.<sup>153</sup>

Não pretendo fazer uma análise exegética a esta parábola, mas sim uma análise à profunda e tão atual mensagem que ela nos transmite. Na atual sociedade em que vivemos, vemos todos os dias pessoas caídas, abandonadas, feridas, espalhadas nos quatro cantos do mundo. Podemos encontrá-las na nossa família, na nossa comunidade, em grupos, ao nosso lado, mas «habituo-nos a olhar para o outro lado, a passar à margem, a ignorar as situações até elas nos caírem diretamente em cima» (FT 64).

A parábola resulta do diálogo entre Jesus e um doutor da Lei que o interroga sobre como alcançar a vida eterna. Certamente que já saberia a resposta, uma vez que sendo doutor da Lei a devia conhecer e interpretar, assim, o tema levantado seria do seu domínio. Podemos então considerar que o doutor da Lei colocou a pergunta não pela resposta, mas para testar Jesus.

No entanto, Jesus por meio de perguntas, induziu o doutor da Lei a dar a resposta à sua questão inicial. Mas o doutor da Lei, ainda não satisfeito, procura ir mais longe com o diálogo e coloca uma segunda pergunta a Jesus, procura saber qual o significado do termo próximo. Jesus conta-nos a parábola do bom samaritano para dar exemplo de como ser próximo, de como nos podemos tornar próximos, até onde vai a responsabilidade de cada um para com o próximo. O recurso literário utilizado por Jesus pode ser designado como um instrumento

---

<sup>153</sup> Cf. João Duque, «Do Sentimento de Si ao Sentimento do Outro», *Theologica* 46, n.º 1 (2011): 28–29.

pedagógico e teológico, pois todo o texto assenta na questão de quem é o meu próximo? (Lc 10,29)

«O termo “próximo” irá servir de base para toda a construção do texto e é em torno dessa questão, que serão introduzidos os personagens e os diálogos».<sup>154</sup> A sociedade do tempo de Jesus costumava indicar como próximo a pessoa que está mais vizinha, mais próxima (cf. FT 80).

A narrativa do Bom Samaritano é-nos apresentada com um assalto a um certo homem quando este descia de Jerusalém para Jericó. Os assaltantes espancaram-no, despojaram-no, abandonaram e deixaram-no semimorto (Lc 10,30). Nada sabemos sobre este homem e sobre a sua identidade, sobre os detalhes e circunstâncias do assalto e sobre os assaltantes, mas nada disso é importante para a mensagem final da narrativa. No entanto, todas as personagens que entram na parábola são muito importantes para a trama da história, é ao redor deste desconhecido que se desenvolve toda a narrativa.

Por este mesmo caminho descem um sacerdote e um levita e ambos viram o homem semimorto e passaram adiante seguindo a sua rota. Dado este facto, é relevante perceber a importância destas duas personagens no contexto social e religioso ao tempo de Jesus. «Eram pessoas importantes na sociedade, que não tinham no coração o amor pelo bem comum. Não foram capazes de perder uns minutos para cuidar do ferido ou, pelo menos, procurar ajuda» (FT 63).

Por conseguinte, não havia justificação quer para comportamento do sacerdote quer para o comportamento do levita, dado que eram referências na sociedade, eram pessoas religiosas que se dedicavam a prestar culto a Deus, e por se sentirem perto dele, julgaram-se com mais dignidade que os outros (cf. FT 74). Os sacerdotes no tempo de Jesus tinham muita importância, era uma época que se vivia uma “teocracia” e o título de Sacerdote era adquirido por sucessão hereditária.

A Lei de Israel não permitia que os Sacerdotes tivessem contacto com um cadáver, exceto se fosse familiar próximo, assim, para cumprir a Torah o sacerdote passou para o outro lado da estrada.<sup>155</sup> Por ter uma posição inferior à do Sacerdote, uma vez que é somente um ajudante do Templo, mas possivelmente estaria a seguir o seu exemplo «O Levita não tinha a mesma obrigação ritual, que tinha o Sacerdote de se conservar puro [...]».<sup>156</sup>

---

<sup>154</sup> Izabel Patuzzo e Tarlei Navarro, «E quem é o meu Próximo? Uma leitura de Lc 10,25-37 em chave narrativa», *Revista Contemplação* 23 (2020): 160, acedido a 9 de janeiro de 2022 em <http://site14076127167.provisorio.ws/contemplacao/index.php/contemplacao/article/view/261/285>.

<sup>155</sup> Cf. Ramiro Délio Borges Meneses, *O Desvalido no Caminho (Lc 10,25-37) Pela Inteligência Comotiva* (Roma: IF Press, 2019), 13–14.

<sup>156</sup> Meneses, 15.

No caminho existe a necessidade de cuidar daquele homem desconhecido que se encontra meio morto, no entanto, estes dois homens falharam em procurar cuidar dele, não demonstraram amor e misericórdia. Sendo eles os que ensinam exatamente aquilo que não praticaram, como o dever de socorrer, amar, de se tornarem próximos.

Voltando ao pensamento de Joseph Ratzinger que nos conduz a uma outra interpretação acerca da indiferença do Sacerdote e do Levita: diante do homem meio morto, embora estes dois homens fossem conhecedores da Lei e das questões de salvação seguem em frente, porém, não diz que fossem necessariamente pessoas duras de coração, insinuando a hipótese de se terem sentido assustados e procuram chegar à cidade o mais rapidamente possível, ou até seriam pessoas que não se sentiam preparadas para prestar o socorro necessário.<sup>157</sup>

Mas, eis que entra em cena o Samaritano, que também percorre aquele caminho e avista aquele homem semimorto na beira da estrada, mas tem atitudes e gestos completamente diferentes e opostos aos do Sacerdote e do Levita, fez-se próximo deste homem, que precisou de ajuda, que necessitou que cuidassem das suas feridas «[...] foi capaz de interromper a sua viagem, mudar os seus programas, estar disponível para se abrir à surpresa do homem ferido que precisava dele» (FT 101).

É relevante, também, perceber que a palavra Samaritano tem um sentido *tremendum* para um judeu.<sup>158</sup> Eram considerados, para estes, como uma raça impura e como tal eram mal vistos por eles. O Samaritano, por ser considerado impuro e desprezível, de outra raça, não era considerado próximo, e não era merecedor de ajuda (cf. FT 80).

Os judeus consideravam-se o povo escolhido, desprezando os demais povos. No caso dos samaritanos desprezavam-nos por se terem misturado com outros povos. «Os judeus e samaritanos eram dois povos com antagonismos religiosos e políticos».<sup>159</sup>

Mas é o Samaritano que assume agora o papel principal na Parábola, destacando-se pela sua atitude diferente, ofereceu-lhe proximidade e deu-lhe o seu tempo, algo que nos dias de hoje parece-nos tão precioso, nunca temos tempo na correria dos nossos afazeres, egoístas, do dia a dia (cf. FT 63). Quando viu o homem semimorto «experimentou um grande sentimento de misericórdia», sente que o seu coração se dilacera, demonstrando um gesto de cuidado e amor ao próximo que ultrapassou todas as barreiras e antagonismos religiosos e políticos, cuidou deste homem caído, ferido, semimorto e encheu-se de compaixão e misericórdia

---

<sup>157</sup> Cf. Ratzinger, *Jesus de Nazaré*, 252.

<sup>158</sup> Cf. Meneses, *O Desvalido no Caminho (LC 10,25-37) Pela Inteligência Comotiva*, 15.

<sup>159</sup> Meneses, 16.

tornando-se próximo, sentiu-se invadido por uma “comoção das entranhas”. «Ao Samaritano “estremeceram-se as vísceras” [...]».<sup>160</sup>

O tema central desta narrativa é o amor ao próximo, que nos abre os olhos para a noção de proximidade, de nos tornarmos próximos daqueles que necessitam de amparo, como se fosse cada um de nós a necessitar desse amparo, desse cuidado.

Cada um de nós a partir do seu íntimo, do seu coração, deve procurar aprender a ser próximo, a fazer-se próximo, porque ninguém nos vai aparecer como próximo, a não ser que nos coloquemos numa situação de abertura, este é um dos grandes desafios desta parábola, só assim o meu próximo me encontra<sup>161</sup> e «interiormente eu me torno irmão de todos aqueles que me encontro e que precisam da minha ajuda».<sup>162</sup>

Com esta personagem tomamos consciência do que significa ser um “homem bom” e conhecer o sentido de misericórdia,<sup>163</sup> o Samaritano interrompe o seu destino, para os seus afazeres para curar as feridas e cuidar deste homem desconhecido e semimorto com azeite e vinho. Estes dois ingredientes compunham um medicamento muito útil no tempo de Jesus e faziam parte do ritual do Templo, «O azeite serve para curar e o vinho para desinfetar».<sup>164</sup>

Esta forma de agir, tratar e cuidar o semimorto só se torna possível com gestos de verdadeiro amor e afeto, com um despreendimento total dos próprios interesses, olhando somente para as necessidades do próximo, procurando assegurar os cuidados de quem necessita.<sup>165</sup>

Este indivíduo desconhecido, semimorto, a necessitar de cuidados, poderia bem ser um judeu, mas ao Samaritano não lhe interessa a sua origem, não lhe interessa a sua etnia, se é rico ou pobre, porque o sentimento que tem é de amor, compaixão (cf. FT 62), que o impulsiona não só a curar as suas feridas, mas a carregá-lo para uma estalagem, onde possivelmente era conhecido, e dá dinheiro para que o estalageiro o cuidasse.

E aqui termina a narrativa com a grande questão: “Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?” (Lc 10,36). Com quem te identificas? Com qual deles te assemelhas? Podemos não ter o total conhecimento de como nos tornar próximos, de como cuidar e sustentar os mais frágeis, necessitados e vulneráveis (cf. FT 64).

Mas temos a obrigação de saber que o meu próximo não é o que está na minha família, não é o do meu sangue, não é o da minha comunidade, o meu próximo vai para além

---

<sup>160</sup> Meneses, 16.

<sup>161</sup> Cf. Ratzinger, *Jesus de Nazaré*, 253.

<sup>162</sup> Ratzinger, 254.

<sup>163</sup> Cf. Meneses, *O Desvalido no Caminho (LC 10,25-37) Pela Inteligência Comotiva*, 17.

<sup>164</sup> Meneses, 17–18.

<sup>165</sup> Cf. Meneses, 18.

disso, implica que ultrapasse as minhas barreiras culturais, históricas, religiosas e políticas, como fez o Samaritano, e desta forma fazer aquilo que Jesus disse “Vai e faz tu também o mesmo” (Lc 10,37).

Este é o grande desafio que Jesus nos coloca, estando perante o sofrimento humano, a deixar de lado as nossas diferenças e deixarmo-nos sentir chamados a tornarmo-nos próximos uns dos outros (cf. FT 81). Seremos nós capazes de nos tornarmos próximos de qualquer pessoa?

Depois desta reflexão sobre a parábola, podemos concluir que a sua atualidade é evidente, pois todos os dias à nossa volta vemos seres humanos maltratados, roubados, vítimas de droga, de exploração sexual, tráfico humano, de órgãos, pessoas completamente destruídas no seu íntimo.

Tudo isto nos desafia, sem medo, a tornarmo-nos próximos e a sentir o despertar do amor para com o meu próximo de forma solidária, a cuidar da fragilidade do ser humano, seja ele adulto, idoso ou criança, como o samaritano, sem esperar reconhecimento nem agradecimento (cf. FT 79).

Jesus nesta parábola revela-nos o Pai misericordioso, e neste sentido, partindo, ainda, do pensamento de Joseph Ratzinger, «O próprio Deus, que para nós é o estrangeiro e o distante, pôs-se a caminho, para vir cuidar da sua criatura ferida. Deus, o distante, fez-Se próximo em Jesus Cristo. Derrama azeite e vinho nas nossas feridas [...]».<sup>166</sup>

### *2.3. O cuidado no encontro e acolhimento afetivo*

Atualmente, torna-se pertinente falar de cultura do encontro, tão considerada pelo Papa Francisco, face aos atuais momentos que a humanidade tem vivido como a pandemia da Covid-19 e a atual guerra na Ucrânia, provocada pela invasão pela Rússia, que nos mostra claramente que o mundo sofre, elucidando sobre a necessidade de gestos de afeto como a solidariedade, a caridade, a benevolência, a fraternidade, como o cuidado pelo meu irmão, pelo meu próximo, no sentido de cuidar das feridas da sociedade.

Estas duas guerras que tanto sofrimento infligem, uma com um inimigo invisível, a outra de irmãos contra irmãos fazem-nos pensar que vivemos numa segurança ilusória, alimentada por desconfiança e medos, pondo em causa a fraternidade humana (cf. FT 26).

Com efeito, devemos «repensar os nossos estilos de vida, as nossas relações, a organização das nossas sociedades e sobretudo o sentido da nossa existência» (FT 33), porque

---

<sup>166</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré*, 257.

não podemos esquecer que estamos todos no mesmo barco, por isso temos a obrigação de colocar de lado os nossos interesses individuais e procurar tornarmo-nos próximos num convite à cultura do encontro, proximidade e acolhimento, superando o nosso isolamento e individualismo de maneira a partilharmos e apreciarmos a beleza da vida em comum (cf. FT 30). E nunca é demais recordar que «Deus criou todos os seres humanos iguais nos direitos, nos deveres e na dignidade e os chamou a conviver entre si como irmãos».<sup>167</sup>

À semelhança de São Francisco de Assis, devemos procurar viver uma fraternidade aberta e inclusiva «que permite reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas» (FT 1), com um coração sem fronteiras onde não existe distância, proveniência, nacionalidade, cor e religião, porque o mundo existe para todos os seres humanos, procurando adequadas oportunidades para todos de forma a garantir o seu desenvolvimento integral, porque todos nascemos com a mesma dignidade inalienável (cf. FT 3 e FT 118).

O Papa Francisco convida-nos a olhar o mundo de maneira abrangente e aberta, uma vez que o ser humano só se realiza, desenvolve e encontra, no dom de si mesmo aos outros, quer isto dizer que «ninguém pode experimentar o valor de viver sem rostos concretos a quem amar» (FT 87). O amor acontece nas relações reais, com sentimentos reais, criando vínculos e expandindo-se geograficamente, daí que o amor não seja só para as pessoas das minhas relações ou do meu país; não devemos criar muros em relação a outros povos, a outras culturas, mas expandir o amor para fora do meu grupo de amigos, para fora do meu país, e desta forma tornarmo-nos capazes de acolher todos.

O amor também é existencial, porque há pessoas que se encontram perto de mim, como por exemplo no trabalho, no prédio em que habito, na própria família, mas não fazem parte das minhas relações nem dos meus interesses e de alguma forma nos leva a criar muros, portanto esta expansão para além de ser para fora do meu país também deve ser para fora do meu círculo de amigos (cf. FT 89 e 97).

A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (EG), escrita também pelo Santo Padre e publicada a 24 de novembro do ano de 2013, refere que o povo de Deus, que anuncia o Evangelho, é um «povo com muitos rostos» e ao longo da sua evolução histórica desenvolveu a sua cultura. Pela sua natureza o ser humano é um ser em relação, e este aspeto relacional está intimamente ligado à cultura, uma vez que é nas relações que a cultura surge (cf. EG 115).

Para o Papa Francisco, a cultura é algo que penetrou no povo, nas suas convicções e estilos de vida e, neste sentido, a «cultura do encontro» «significa que nos apaixona, como

---

<sup>167</sup> Papa Francisco e Grão Imame de Al-Azhar Ahmad Al-Tayyeb «*Documento Sobre a Fraternidade Humana Em Prol Da Paz Mundial e Da Convivência Comum*» (Adu Dahbi, 2019), 2, acedido a 13 de janeiro de 2021 em [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco\\_20190204\\_documento-fratellanza-umana.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html).

povo, querermos encontrar, procurar pontos de contacto, lançar pontes, projetar algo que envolva a todos. Isto tornou-se uma aspiração e um estilo de vida» (FT 216).

O Papa apresenta a cultura do encontro como um antídoto para a cultura da “indiferença”. Para Francisco, o encontro liberta a pessoa do egocentrismo, ajudando-a a sair de si mesma para acolher o outro como o seu irmão ou irmã.<sup>168</sup>

Para melhor compreender o sentido da cultura do encontro será importante percebermos também o que é isto de ser povo. Partindo do pensamento do Sumo Pontífice, povo é uma categoria de pensamento e um conceito mítico, no sentido de uma história particular que se desenvolve a partir de várias fontes históricas, linguísticas, culturais e de memória coletiva.

É esta memória, que assenta na história, nos costumes, nos ritos e em outros vínculos sociais e culturais, que une o povo rumo a um projeto comum.<sup>169</sup> (cf. FT 158)

Por outro lado, «“o povo” não é um conceito lógico, só podemos nos aproximar dele por meio da intuição, entrando no seu espírito, no seu coração, na sua história e tradição».<sup>170</sup>

É através das virtudes morais e de valores que se manifesta esta capacidade de procurar pontos de contacto e de lançar pontes que derrubem muros, na procura de um encontro com a humanidade que vai muito para além da relação com os que são próximos, que obriga a sair da redoma de segurança e que se traduz na aptidão do ser humano se transcender a si mesmo abrindo-se aos outros, a que chamamos hospitalidade, que aponta para a habilidade de acolher o estranho da mesma forma que acolhemos os que nos são próximos, numa procura de fazer o bem gratuitamente (cf. FT 90; cf. FT 111).

Portanto, podemos dizer que a cultura do encontro implica tornarmo-nos próximos do outro e olhar para ele como o nosso irmão, de forma a erradicar a distância, a indiferença bloqueadora, o isolamento; por outras palavras, é tomarmos a iniciativa e «ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos» (EG 24).

Este desejo de bem, de estima e de apreço, de querer bem ao outro é o que define a palavra benevolência, que do latim deriva da expressão *bene-volere*, que literalmente significa querer o bem.<sup>171</sup> Assim, o amor ao outro impele-nos a procurar o melhor e o mais belo e sublime para a sua vida, com uma maior capacidade de acolhimento independentemente das diversas

---

<sup>168</sup> Cf. Silvano Herrera Contreras, Jorge Luiz de Paula e Cláudia Chesini (Org.), *Dicionário Do Pacto Educativo Global: Diccionario Del Pacto Educativo Global*, 2021, 62.

<sup>169</sup> Cf. Austen Ivereigh, *Vamos Sonhar Juntos - O Caminho Para Um Futuro Melhor* (Rio de Janeiro: Editora Intrínseca Ltda, 2020), 74.

<sup>170</sup> Ivereigh, 77.

<sup>171</sup> Cf. Francisco Conesa, «"Fratelli Tutti" y El Individualismo Contemporáneo», *Scripta Theologica* 53, n.º 1 (March 31, 2021): 142, <https://doi.org/10.15581/006.53.1.123-149>.

etnias e culturas, como verdadeiros irmãos que mutuamente cuidam uns dos outros numa progressiva abertura ao amor (cf. FT 94-96; cf. FT 112).

É em verdadeiros gestos samaritanos de afeto e cuidado que devemos procurar acolher os abandonados, os ignorados, os deficientes, os idosos, os estrangeiros, os «exilados ocultos» (FT 98), aqueles que são facilmente sacrificáveis e descartáveis em detrimento dos que vivem sem limites (cf. FT 18), este é o grande desafio do amor, amar os que são difíceis de amar. Neste sentido, o evangelho recorda-nos de que como cristãos somos chamados a cuidar dos mais frágeis deixando de parte o nosso individualismo e procura de êxitos pessoais (Cf. EG 209), «caminhando juntos a um rumo a um nós cada vez maior».<sup>172</sup>

É essencial o reconhecimento do valor de um ser humano, sendo este o caminho para a fraternidade, pois todas as pessoas têm direito a viver com dignidade na procura de um total desenvolvimento integral. Na realidade, o seu valor não está nas circunstâncias onde nasceu ou cresceu (cf. FT 106-107), assegurando-se assim a igualdade dos direitos humanos para todos, sendo esta uma condição de maior importância para o desenvolvimento de um país na sua vertente social e económica (cf. FT 22).

A palavra solidariedade deriva do «latim *solidus*, que significa sólido, maciço, consistente, completo, inteiro»<sup>173</sup>; é entendida como uma forma de fazer história e destaca-se como uma virtude moral, uma vez que deriva do nosso conhecimento e da nossa responsabilidade pela fragilidade dos outros na procura de um destino comum expondo várias formas de cuidar dos outros como um serviço (cf. FT 114-115).

Assim, a solidariedade engloba dois princípios: o princípio social e o de virtude moral (CDSI 193) e «expressa muito mais do que alguns gestos de generosidade esporádicos» (FT 116) na luta contra a pobreza, desigualdade, falta de trabalho, de direitos sociais e laborais, ao abraçar esta realidade podemos em conjunto construir um futuro melhor e mais humano, onde haja lugar para todos.<sup>174</sup>

Segundo João Duque, nós não somos solidários por mérito, mas sim por dom de Deus, quando colocados numa mesma condição, o que nos torna responsáveis pelos próprios atos, quer sejam bons ou maus. Assim, somos responsáveis pelo mal que causamos e devemos assumir essa responsabilidade como também somos responsáveis pelo bem que fazemos, podendo, pela mediação do Espírito, superar com o bem as atitudes de mal.<sup>175</sup>

---

<sup>172</sup> Papa Francisco, «Mensagem do Papa Francisco para o 107.º Dia Mundial do Migrante e do Refugiado», 2021, 2, acessado a 23 de janeiro de 2021 em [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco\\_20210503\\_world-migrants-day-2021.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20210503_world-migrants-day-2021.html).

<sup>173</sup> Conesa, «"Fratelli Tutti" y El Individualismo Contemporáneo», 143.

<sup>174</sup> Cf. Ivereigh, *Vamos Sonhar Juntos - O Caminho Para Um Futuro Melhor*, 81 e 83.

<sup>175</sup> Cf. João Manuel Duque, *O Excesso do Dom* (Lisboa: Alcalá, 2004), 71–74.

Ainda segundo este autor, «a nossa solidariedade para com os outros é de *compaixão*, no sentido originário da palavra (sofrer-com) e não de compaixão no sentido vulgar do termo: de condescendência superior, de mera tolerância».<sup>176</sup> Portanto, a solidariedade manifesta-se na corresponsabilidade e compaixão na dimensão pessoal e na procura do bem comum e em prol do bem do próximo.

Falar de encontro, é falar também no encontro entre civilizações e culturas e aqui coloca-se a questão do cuidado no acolhimento aos migrantes e refugiados. Temos de abrir o nosso coração ao mundo inteiro e ter o cuidado de percebermos que somos todos companheiros da mesma viagem e que os nossos caminhos, em algum momento nesta vida, se cruzam.

Como exemplo disso é-nos apresentada nesta Encíclica a parábola do bom Samaritano que refere o *caminho* como local de acontecimento e encontro, ensinando-nos a tornarmo-nos próximos daqueles que necessitam de amparo. O *caminho* ou a *estrada* torna-se assim o meio de combater a indiferença, o isolamento de modo a criar relações.<sup>177</sup>

À semelhança dos migrantes, dos refugiados que nada sabemos deles, a parábola também não identifica e nada nos diz sobre o necessitado que estava no caminho em agonia; sabemos que é um ser humano vulnerável a necessitar de cuidados, aqui reside o grande desafio, cuidar de alguém cuja identidade desconhecemos.<sup>178</sup> Por outro lado, no rosto de cada um deles, migrantes e refugiados, está presente o rosto de Cristo, necessitado, vulnerável e fragilizado.<sup>179</sup>

Devido a desconfianças e medos ancestrais somos levados a praticar uma cultura de muros, porque temos medo dos estrangeiros «e quem levanta um muro, quem constrói um muro, acabará escravo dentro dos muros que construiu, sem horizontes. Porque lhe falta esta alteridade» (FT 27), ou seja, falta-lhe olhar, conhecer, estabelecer uma relação com o outro.

Os muros isolam-nos em nós mesmos, no nosso mundo, com efeito «o medo priva-nos do desejo e da capacidade de encontrar o outro» (FT 41). Quando nos deparamos com os migrantes e refugiados, devemos seguir o mesmo exemplo do Samaritano, tornarmo-nos próximos, deixando-nos tocar por uma compaixão humanitária.

Além disso, existem movimentos políticos que defendem a ideia de que a vinda de pessoas migrantes deve ser evitada, sem consideração pelo sofrimento que muitos carregam nas

---

<sup>176</sup> Duque, 75.

<sup>177</sup> Cf. João Manuel Duque, *O Próximo e a Comunidade: Breve Leitura da Fratelli Tutti* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2021), 24.

<sup>178</sup> Cf. Abdruschin Schaeffer Rocha e David Mesquiati de Oliveira, «Acolher o outro de nós mesmos: migração, cuidado e hospitalidade», *Estudos Teológicos* 60, n.º 3 (December 28, 2020): 861, <https://doi.org/10.22351/et.v60i3.4043>.

<sup>179</sup> Cf. Papa Francisco, «Mensagem do Papa Francisco para o 106.º Dia Mundial do Migrante e do Refugiado» 2, acedido a 3 de fevereiro de 2021 em [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco\\_20200513\\_world-migrants-day-2020.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20200513_world-migrants-day-2020.html).

suas vidas, provocado pela fuga de guerras, perseguições, e catástrofes naturais. Outros, por sua vez, procuram oportunidades e um futuro melhor para si e para a sua família, infelizmente nem sempre isso acontece, muitos tornam-se vítimas de traficantes e de tráfico de seres humanos, de violência, abusos físicos e psicológicos, de mentalidades xenófobas, não lhes reconhecendo a dignidade inalienável de toda a pessoa humana, privando-as de liberdade (cf. FT 24; cf. FT 37-39). Ora, face a esta realidade, torna-se cada vez mais urgente o cuidado aos migrantes e refugiados em gestos de acolhimento gratuito na forma de hospitalidade.

De acordo com o pensamento de João Alberto Correia, a definição de hospitalidade não é fácil, dada a sua complexidade, e pode ter várias formas de interpretação mediante as circunstâncias históricas, culturais, sociais e pessoais de como é praticada.<sup>180</sup>

No entanto, o autor procura fazer uma aproximação ao conceito «recepção ou tratamento afável, cortês; amabilidade, gentileza»<sup>181</sup> e numa perspetiva cristã pode ser entendida como modo de superar os nossos medos e abirmos as nossas casas ao viajante desconhecido, assumindo a responsabilidade daqueles que viajam, que passam por necessidades ou são somente visitantes, e desta forma praticar um bem gratuito e salvífico.<sup>182</sup>

Podemos então dizer que a hospitalidade é o acolhimento do outro na minha casa e na minha vida, acolhendo de tal modo que eu me despojo das minhas ideias e preconceitos, para acolher as dele (visitante), acolhendo-o totalmente.

Recordando a parábola do bom Samaritano, também o necessitado foi levado para uma casa de acolhimento, uma hospedaria, para receber cuidados médicos, ser alimentado e ter hospedagem, eliminando qualquer tipo de impedimento étnico, social, económico ou religioso, manifestando desta forma um dom gratuito. Dom que se desenvolve num cuidar sem diálogo, sem perguntas, sem condições, onde apenas existe o acolhimento.<sup>183</sup>

O ideal seria não existir a necessidade de deixar a sua terra natal, mas existindo essa necessidade «os nossos esforços a favor das pessoas migrantes que chegam podem resumir-se em quatro verbos: acolher, proteger, promover, integrar» (FT 129) que se traduzem em verdadeiros gestos de afeto e cuidado, quer no que diz respeito pela cultura social e religiosa de cada um, quer na aceitação e valorização das suas diferenças, permitindo que cada pessoa seja ela própria e se desenvolva novamente (cf. FT 134).

«Se queremos verdadeiramente promover as pessoas a quem oferecemos ajuda,

---

<sup>180</sup> Cf. João Alberto Sousa Correia, *A Hospitalidade na Construção da Identidade Cristã* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2014), 218.

<sup>181</sup> Correia, 219.

<sup>182</sup> Cf. Correia, 219.

<sup>183</sup> Cf. Schaeffer Rocha e Mesquiati de Oliveira, «Acolher o outro de nós mesmos: migração, cuidado e hospitalidade», 860.

devemos envolvê-las e torná-las protagonistas da sua promoção».<sup>184</sup> Neste sentido, a Santa Sé associou-se a muitos dos governos do mundo na adoção do Pacto Global para uma Migração Segura, Ordenada e Regular, sendo este o primeiro acordo internacional à escala global sobre a migração em geral.<sup>185</sup>

A chegada de migrantes e refugiados é um dom porque trazem algo de novo permitindo um crescimento, um enriquecimento e desenvolvimento humano integral para todos, desde que saibamos comunicar, dialogar, valorizar, olhar as diferenças como oportunidades de respeito, permitindo-nos descobrir as riquezas de cada um (cf. FT 133-134) e não ter medo daquilo que é diferente, porque o diferente não é nosso inimigo, nem uma ameaça de identidade, pelo contrário devemos procurar perceber que na nossa diferença está a riqueza, e por isso somos capazes de nos tornarmos melhores e construir coisas belas, integrando sempre novidades de forma a combater o isolamento. (cf. FT 148).

Com efeito, sabemos que os migrantes e refugiados contribuíram e continuam a contribuir imenso para o crescimento socioeconómico das várias sociedades, por isso é fundamental, dado o seu enorme potencial, existirem programas específicos para apoiar e valorizar tudo o que os migrantes e refugiados têm para nos oferecer e juntos desenvolver um «nós» maior.<sup>186</sup>

Sem dúvida, o medo causado pela diversidade de estrangeiros, suscita isolamento e o encerramento em nós próprios numa procura de guardar a nossa identidade e estas atitudes de desconfiança e defesa podem influenciar, e muito, a prática da hospitalidade. O hóspede não é aquele que convidamos, que escolhemos, mas aquele que aparece diante de nós proveniente de diversas circunstâncias e eventos, sem ser por nós escolhido. Mas é um ser humano e isso é o bastante para acolhê-lo e nos realizarmos humanamente através do acolhimento da humanidade do outro.<sup>187</sup>

Deste modo, o cuidado no acolhimento hospitaleiro só se torna possível se existirem seres humanos que se importem em criar estruturas, de modo a colmatar as necessidades do peregrino. Com efeito, a parábola do bom Samaritano faz-nos refletir em “quem é o meu próximo”? A resposta é simples: o meu próximo é aquele que precisa de mim, de ti, de nós, é aquele que se encontra numa situação de vulnerabilidade, é o invisível. Portanto, para se ser

---

<sup>184</sup> Francisco, «Mensagem do Papa Francisco para o 106.º Dia Mundial do Migrante e do Refugiado», 3.

<sup>185</sup> Cf. Fabio et al Baggio, «Migrantes & Refugiados», 2018, acessado a 16 de junho de 2022 em <https://migrants-refugees.va/pt/blog/2018/12/10/pacto-global-migracao-segura/>.

<sup>186</sup> Cf. Papa Francisco, «Mensagem do Papa Francisco para o 108.º Dia Mundial do Migrante e do Refugiado», 2, acessado a 6 de março de 2021 em <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/20220509-world-migrants-day-2022.html>.

<sup>187</sup> Cf. Enzo Bianchi, *Procura Os Outros: A Fraternidade e a Esperança* (Lisboa: PAULUS Editora, 2013). 13-15.

próximo é importante que antes seja visto.<sup>188</sup>

Para o Sumo Pontífice, o cuidado no acolhimento passa por criar respostas que procurem auxiliar aqueles que fogem de graves crises humanitárias, de forma a aligeirar o sofrimento em que se encontram, assim como criar os alicerces necessários para se estabelecerem no país de acolhimento, com toda a dignidade a que um ser humano tem direito, permitindo assim realizar-se como pessoa.

Para isso, é fundamental aplicar o conceito de cidadania (cf. FT 107; cf. FT 130-131) e procurarmos aceitar que «se forem ajudados a integrar-se, os imigrantes são uma bênção, uma riqueza e um novo dom, que convida a sociedade a crescer» (FT 135), bem como perceber na realidade que a «ajuda mútua entre países acaba por beneficiar a todos» (FT 137).

A cidadania pressupõe equidade e justiça tornando-se assim num ato político, uma vez que envolve interesses económicos e sociais em prol do bem comum, e no sentido da construção de uma Cidadania Planetária.<sup>189</sup> Neste sentido, é imprescindível que todos nos empenhemos pelo estabelecimento do conceito de uma cidadania plena e renunciemos ao uso discriminatório de termos como minorias, que despertam sentimentos negativos de inferioridade e isolamento, e que provocam também abertura para hostilidades e discórdias.<sup>190</sup>

À semelhança do Samaritano, também nós devemos olhar o estrangeiro como um irmão, como um próximo e acolhê-lo numa gratuidade fraterna, sem esperar receber algo em troca, como uma verdadeira família humana, de forma a combater os nacionalismos fechados que olham para os migrantes como usurpadores que nada têm a oferecer (cf. FT 139-141). Em suma, acolher é ultrapassar as inimizades e fazer do nosso inimigo um hóspede, respeitando a sua humanidade sem o querer instrumentalizar.<sup>191</sup>

Na «sua própria dinâmica, o amor exige uma progressiva abertura, maior capacidade de acolher os outros [...] rumo a um sentido pleno de mútua pertença» (FT 95). Quer isto dizer que o encontro e o acolhimento só se tornam possíveis pelo amor, que deve estar aberto a todos (cf. FT 82), e só o amor é o maior critério para definir o valor da vida humana, não existem vidas que não tenham valor, «porque o maior perigo é não amar» (cf. 1 Cor 13,1-13; cf. FT 92; cf. DCE 15). Por isso, é importante e absolutamente necessário pensar num mundo aberto, onde todos têm lugar, onde ninguém fique excluído, porque todos são

---

<sup>188</sup> Cf. Schaeffer Rocha e Mesquiati de Oliveira, «Acolher o outro de nós mesmos: migração, cuidado e hospitalidade», 856.

<sup>189</sup> Cf. Silvano Herrera Contreras et al, *Dicionário Do Pacto Educativo Global: Diccionario Del Pacto Educativo Global*, 44.

<sup>190</sup> Cf. Francisco e Ahmad Al-Tayyeb, *Documento Sobre a Fraternidade Humana Em Prol Da Paz Mundial e Da Convivência Comum*, 6.

<sup>191</sup> Cf. Bianchi, *Procura Os Outros: A Fraternidade e a Esperança*, 15.

importantes como os mais frágeis e vulneráveis, tendo sempre presente o respeito pelas diversas culturas (cf. FT 155).

É em torno deste princípio que figura a verdadeira caridade social e política, quando olha para o pobre, o frágil, o vulnerável, mas vê e aprecia a sua dignidade imensa, respeitando o seu estilo e cultura (cf. FT 187). A caridade expressa-se no encontro de pessoa a pessoa, esteja ela distante, ou seja, desconhecida, mas também através de organizações públicas e mundiais eficientes, que disponibilizam ajuda na resolução dos problemas dos mais necessitados (cf. FT 164-165) e na procura do bem de todas as pessoas, destacando-se no amor ao bem comum (cf. FT 182; cf. CDSI 207), porque «cuidar da fragilidade quer dizer força e ternura, luta e fecundidade» (FT 188) em oposição ao individualismo e à cultura do descarté.

O bem comum entende-se como: «o conjunto de condições da vida social que permitem, tanto aos grupos, como a cada um dos seus membros, atingir mais plena e facilmente a própria perfeição» (GS 26; CDSI 164). É importante entender que a procura do bem comum traduz-se no querer mais do que a soma dos bens individuais, pois tem em consideração todos os seres humanos na procura de respostas de forma a colmatar as necessidades dos mais desfavorecidos.<sup>192</sup> «Quando investimos no bem comum, ampliamos o que é bom para todos».<sup>193</sup>

A amabilidade e a bondade são outras das virtudes morais que também demonstram o âmbito afetivo do cuidado; com efeito, o Papa Francisco apela ao cultivo da amabilidade como forma de tratar as pessoas, quer no trato, no cuidado com as palavras e gestos para não magoar e ofender e no incentivo e apoio. De acordo com o seu pensamento, a amabilidade na prática traduz-se em três palavras “com licença”, “desculpe” e “obrigado”, e defende que é preciso encontrar tempo e energia para tratar bem os outros, para acolher o outro na sua singularidade, e de ter prazer de estar na companhia do outro, procurando derrubar obstáculos, evitar conflitos e construir pontes (cf. FT 222-224).

Por sua vez, a bondade demonstra força e, quando floresce em cada um de nós, traz sentimentos de tranquilidade e alegria porque ajuda a superar o mal (cf. FT 243). O Papa Francisco apela também a que tenhamos disponibilidade para a escuta, pois só deste modo temos a oportunidade de nos reconciliar com o próximo, com os descartados, conosco e com Deus.<sup>194</sup> O diálogo é também sinónimo de cuidado pela forma como nos encontramos e ajudamos mutuamente. Por isso, é urgente aprender a arte do diálogo e para isso é essencial pôr de parte os nossos juízos de valor, para considerar o outro com simpatia, mesmo que o outro não se revele sempre simpático, pois pela sua diferença pode também nos contradizer.<sup>195</sup> No

---

<sup>192</sup> Cf. Ivereigh, *Vamos Sonhar Juntos - O Caminho Para Um Futuro Melhor*, 25.

<sup>193</sup> Ivereigh, 43.

<sup>194</sup> Cf. Francisco, «Mensagem do Papa Francisco para o 106.º Dia Mundial do Migrante e do Refugiado», 3.

<sup>195</sup> Cf. Bianchi, *Procura Os Outros: A Fraternidade e a Esperança*, 16-17.

entanto não nos podemos esquecer que «a verdade do outro tem a mesma legitimidade da minha».<sup>196</sup>

O verbo dialogar é definido como «aproximar-se, expressar-se, ouvir-se, olhar-se, conhecer-se, esforçar-se por entender, procurar pontos de contacto» (FT 198). Esta dinâmica do diálogo parte do reconhecimento de que o outro é alguém valioso e que tem algo para oferecer. O diálogo traduz uma preocupação pelo bem comum, porque o mais importante não é o que eu quero ou que o outro quer, mas o que nós em conjunto podemos construir e conseguir (cf. FT 202-203). A ausência de diálogo sincero torna mais difícil caminhar juntos para o encontro e acolhimento fecundos.<sup>197</sup>

Porém, quando as pessoas confiam umas nas outras e procuram juntas o bem, estão dispostas a aprender mutuamente num intercâmbio de dons, assim há construção e não existe vencedores nem vencidos, subsiste o diálogo como mediador na procura da resolução de um problema intratável.<sup>198</sup> Portanto, o diálogo autêntico prevê a capacidade de respeitar e aceitar o ponto de vista do outro, uma vez que o seu objetivo «é estabelecer amizade, paz, harmonia e partilhar valores e experiências morais e espirituais num espírito de verdade e amor» (FT 271).

Em suma, o diálogo tem que ser a chave de uma nova cultura de encontro, onde não existam uns contra os outros, pelo contrário deve concretizar a procura da paz, na medida em que leva a sanar e curar as feridas, fomentando novos encontros; quer isto dizer que só é possível pensar e construir um futuro quando as feridas humanas, sociais e políticas forem curadas e juntos procuramos o bem comum, de modo a resolver os diferentes problemas que assolam as sociedades (cf. FT 225-227).

Porém, isto não significa que se perca a memória histórica, porque a perda de memória procura construir tudo a partir do zero, manter a memória viva «é garantia e estímulo para construir um futuro mais justo e fraterno» (FT 248; cf. ChV 181). No fundo, ter memória histórica é a manifestação de um povo livre, que assume a sua história, e é capaz de reconhecer os caminhos percorridos, de maneira a tirar os melhores ensinamentos deles, sem fazer qualquer tipo de julgamento.<sup>199</sup>

A cultura do encontro é responsável por gerar relações humanas, por criar proximidade, onde o diálogo tem como função o cruzamento de linguagens e culturas diferentes, mas também existe diversidade, formas de pensar diferentes, divergências e conflitos, por isso:

---

<sup>196</sup> Bianchi, 17.

<sup>197</sup> Cf. Ivereigh, *Vamos Sonhar Juntos - O Caminho Para Um Futuro Melhor*, 59.

<sup>198</sup> Cf. Ivereigh, 62.

<sup>199</sup> Cf. Ivereigh, 26-27.

«Se conseguirmos procurar pontos de coincidência no meio de muitas dissidências, nesse empenho artesanal e por vezes difícil de estender pontes, de contruir uma paz que seja boa para todos, é esse o milagre da cultura do encontro que os jovens podem atrever-se com paixão» (ChV 169).

A procura da construção da paz, outra forma de cuidado, exige o compromisso de todos, de maneira a mediar conflitos e dificuldades e auxiliar na cultura do encontro; neste sentido, o Papa Francisco cita Vinícios de Moraes: «A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro na vida» para falar de uma cultura que se entende como um poliedro, sagaz em integrar toda a diversidade, onde ninguém é inútil, ninguém é supérfluo, porque a minha visão da vida é completada pela visão do outro, porque as diferenças sociais convivem e enriquecem-se, isto implica incluir as periferias (cf. FT 215).

Com efeito, devemos ir às periferias se queremos ver o mundo como ele é, sentir o sofrimento e as carências de um povo, e descobrir o que está a ser feito para apoiá-las e estimulá-las, no sentido de encontrar um novo futuro, para assim cuidar daqueles que vivem na periferia.<sup>200</sup> «O plano divino é essencialmente inclusivo e coloca, no centro, os habitantes das periferias existenciais».<sup>201</sup>

As religiões têm um papel importantíssimo na construção da paz mundial, e são um grande contributo para a cultura do cuidado no encontro e no acolhimento, pois como crentes, independentemente da religião, sabemos que nos devemos abrir a Deus com o coração, construindo assim caminho como verdadeiros irmãos, onde a liberdade religiosa, entre culturas e religiões diferentes deve ser respeitada, numa convivência pacífica e serena, com a convicção de que somos todos, como irmãos, filhos de um único Deus (cf. FT 274-279), que nos olha com o coração.

Quer isto dizer que «o amor de Deus é o mesmo para cada pessoa, seja qual for a religião» (FT 281), mesmo sendo ateu. Este é o modo de pensamento e agir ecuménico, quando ao invés de confrontar, respeita e tem em consideração as outras confissões religiosas, e deste modo criam-se espaços de verdadeira partilha.<sup>202</sup> As religiões têm um papel importantíssimo na construção da paz mundial.

Percorrido este caminho sobre o cuidado como atitude de encontro e acolhimento afetivo, importa recordar que, como cristãos, no centro desta dialética está o encontro com Deus, encontro que deve sempre ser cultivado e renovado, porque é o caminho para o encontro com os outros irmãos e irmãs (cf. ChV 129).

---

<sup>200</sup> Cf. Ivereigh, 14–15.

<sup>201</sup> Cf. Francisco, «Mensagem do Papa Francisco para o 108.º Dia Mundial do Migrante e do Refugiado», 2.

<sup>202</sup> Cf. Bianchi, *Procura Os Outros: A Fraternidade e a Esperança*, 21.

### **3. Os jovens adolescentes e a atual (in)capacidade afetiva de cuidado no encontro e acolhimento: educar para a cultura do cuidado no encontro e acolhimento afetivo**

No primeiro capítulo deste trabalho fizemos uma apresentação da UL 3 do 7º Ano “Riqueza e sentido dos afetos”, que nos permitiu, de uma certa forma, compreender as várias etapas de crescimento da *adolescência*, com as suas interrogações e procura de respostas. Foi possível percebermos que nesta fase a vida é marcada por grandes transformações fisiológicas, psicológicas, pulsionais, afetivas, intelectuais e sociais; nesta etapa descobre-se e define-se a personalidade do adolescente.

Verificou-se que a família, os amigos, a escola e os grupos têm uma grande influência na construção e desenvolvimento da personalidade e na própria definição de identidade. À medida que o processo de desenvolvimento da construção da identidade e formação da personalidade do adolescente vai amadurecendo, este aprende também a construir relações humanas saudáveis e com maturidade. É a época em que a vida é um grande desafio na procura de respostas às preocupações e desafios com que se deparam. É na adolescência que começa a descoberta dos valores morais e o questionar religioso.

É nesta fase tão bela e problemática que acontece a descoberta do amor, do cuidado, da relação com o outro, da entrega e da criação de laços afetivos fortes, de realidades tão importantes que devem ser cuidadas e tratadas. Os sentimentos de amizade e amor assumem grande relevância, surge uma nova forma de se relacionarem com o outro.

Então, partindo da apresentação da UL feita no primeiro capítulo e tendo presente que falamos de jovens adolescentes em fase de construção da sua identidade e formação da personalidade, faz todo sentido falar em educar para a cultura do cuidado no encontro e acolhimento e, para isso, é de maior importância observar o papel que as várias instituições desempenham neste processo, analisando inicialmente a família a quem compete a tarefa de educar, depois a escola e, por fim, as religiões.

Além disso, a educação é a base, é o meio estratégico, para a construção de uma cultura do cuidado no encontro e no acolhimento com o meu irmão, com o meu próximo, pois é desde cedo que o ser humano aprende valores que formam e sustentam a sua personalidade.

Porém, como o Papa Francisco sublinha, a educação nunca foi fácil e pais, professores, sacerdotes e todos os envolvidos na ação educativa têm consciência de que atualmente parece ainda uma tarefa mais difícil.<sup>203</sup>

---

<sup>203</sup> Cf. Papa Francisco, «Pacto Educativo Global», 2019, 28, acedido a 8 de junho de 2022 em <https://www.educationglobalcompact.org/resources/Risorse/vademecum-portuges.pdf>.

Na mensagem para o lançamento do *Pacto Educativo Global*, a 12 de setembro de 2019, o Sumo Pontífice renovou a paixão para as gerações futuras de uma educação mais aberta e inclusiva onde é imprescindível: ouvir com paciência, promover um diálogo fecundo e a compreensão mútua.<sup>204</sup>

Neste sentido, «educar é sempre um ato de esperança que convida à participação transformando a lógica estéril e paralisadora da indiferença numa lógica diferente, capaz de acolher a nossa pertença comum».<sup>205</sup>

O maior incentivo para a cultura do cuidado no encontro e no acolhimento passa por um processo educativo que nasce na família, nas instituições de ensino, nos meios de comunicação social e com os líderes religiosos e nas várias organizações governamentais e não governamentais.<sup>206</sup>

O Papa Francisco sublinha na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia* (AL), a “alegria do amor” que é na família que se dá o dom da vida, pois é no seu seio que a vida é gerada e cuidada (cf. AL 83). É nela que começa a verdadeira educação desde o primeiro momento de vida, onde os pais têm um papel decisivo na educação dos seus filhos e, por isso, podemos dizer que são os seus primeiros agentes de socialização, «porque é o primeiro lugar onde se aprende a relacionar-se com o outro, a escutar, a partilhar, suportar, respeitar, ajudar, conviver [...] é uma educação para saber «habitar» mais além dos limites da própria casa [...] fazendo-nos reconhecer que vivemos junto de outros, com outros, que são dignos da nossa atenção, da nossa gentileza, do nossos afeto» (AL 276).

É onde se vivem e transmitem, em primeiro lugar, os valores do amor e da fraternidade, da convivência e da partilha, da atenção e do cuidado pelo outro (cf. FT 114). «A família é, portanto, a primeira escola de virtudes sociais de que as sociedades têm necessidade».<sup>207</sup>

Por outro lado, embora a educação integral dos filhos seja um direito e um dever sério e de compromisso da parte das famílias, atualmente a educação acaba por ser um dos maiores desafios, muito por causa da realidade cultural e tão mediática que os filhos enfrentam hoje em dia, como por exemplo as redes sociais, a internet, etc.

---

<sup>204</sup> Cf. Francisco, 4.

<sup>205</sup> Francisco, 23.

<sup>206</sup> Cf. Papa Francisco, «Mensagem do Santo Padre Francisco para a Celebração do 54.º Dia Mundial da Paz», 6–7, acessado a 19 de abril de 2022 em [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco\\_20201208\\_messaggio-54giornatamondiale-pace2021.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20201208_messaggio-54giornatamondiale-pace2021.html).

<sup>207</sup> Concílio Vaticano II, «Declaração "Gravissimum Educationis" sobre a Educação Cristã», 1965, n. 3, acessado a 17 de maio de 2022 em [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decl\\_19651028\\_gravissimum-educationis\\_po.html#](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html#).

Neste sentido, os pais devem orientar os filhos a enfrentar situações de risco, preparando-os para o seu crescimento integral, de modo a desenvolverem-se em liberdade e autonomia para assim enfrentarem com inteligência e cuidado as circunstâncias difíceis com que se deparam. (cf. AL 84; Cf AL 260-261).

Entende-se como educação integral o pleno desenvolvimento da pessoa, colocando no centro a sua dignidade humana, com base em valores cristãos de forma a construir um verdadeiro humanismo integral, com o empenho e cooperação da família, escola e sociedade, num compromisso comunitário de diálogo, de paz, de economia solidária e de ecologia integral.

É no meio escolar que são trabalhadas as diversas dimensões da pessoa humana: ética, espiritual, cognitiva, afetiva, comunicativa, estética, corporal e sociopolítica, para a educação da pessoa de forma integral.<sup>208</sup>

As famílias têm também a tarefa de educar para hábitos bons que serão adquiridos pela criança e traduzidos em comportamentos saudáveis, como por exemplo dizer “por favor”, “com licença”, “obrigado”; devem também educar para o bem, de modo que este radique nos filhos como profunda inclinação afetiva, ao mesmo tempo desperta-se na criança e no adolescente a capacidade de se colocar no lugar do outro, como meio de os fazer compreender que as más ações e os comportamentos antissociais têm consequências. (cf. AL 264-268)

A família continua a ser um modelo de amor e cuidado para os jovens, embora, no caso de algumas famílias, essa responsabilidade tenha passado para a escola. É na escola que o jovem adolescente passa grande parte do seu tempo, onde constrói as suas relações sociais e de amizade, daí a escola ser um local de grande importância, quer a nível de integração, de adequação às exigências académicas e de normas e regras a cumprir. Para falar de escola temos que falar de pessoas que todos os dias se encontram e se relacionam, é um local de excelência para se falar de relações interpessoais.

A escola, como meio de educação, é de maior importância pelo seu papel no desenvolvimento de faculdades intelectuais, na transmissão do conhecimento histórico e cultural das gerações passadas; promove valores, prepara para a vida profissional, proporciona um convívio amigável entre alunos de proveniências distintas do ponto de vista social, económico e cultural.<sup>209</sup>

A escola, para além de promover um conhecimento mais profundo e perfeito, necessita de promover um saber estar entre os seres humanos, quer entre os colegas, quer entre professores, colaboradores e entre os próprios encarregados de educação; a escola deve procurar

---

<sup>208</sup> Cf. Silvano Herrera Contreras et al, *Dicionário Do Pacto Educativo Global Organizadores: Dicionario Del Pacto Educativo Global*, 79.

<sup>209</sup> Cf. Concílio Vaticano II, «Declaração "Gravissimum Educationis" sobre a Educação Cristã» n. 5.

desenvolver competências e capacidades relacionais, necessárias à criação de um novo humanismo.

A escola permite o encontro com os outros e permite o cuidar das relações que criamos com os outros, através dos ensinamentos e do conhecimento que transmite, sem esquecer o ouvir com paciência, o diálogo fecundo e a compreensão mútua, possibilitando, deste modo, que os alunos cresçam na capacidade de interagir com os outros.

A responsabilidade dos educadores e formadores, na sua difícil tarefa de educar, envolve as dimensões moral, espiritual e social da pessoa, tendo sempre presentes os valores da liberdade, respeito mútuo e solidariedade, (cf. FT 114) de modo a promover o reconhecimento da dignidade de cada pessoa, de cada comunidade, étnica e religiosa.<sup>210</sup>

Esta responsabilidade também recai nos agentes culturais e nos meios de comunicação social, especialmente na sociedade atual com a divulgação e com o cada vez maior acesso a instrumentos de informação e comunicação. (cf. FT 114)

Quer as religiões quer os líderes religiosos desempenham um papel importantíssimo na transmissão de valores de solidariedade, no respeito pelas diferenças, no acolhimento e no cuidado dos irmãos mais frágeis.<sup>211</sup>

As instituições educativas da Igreja são preponderantes no acolhimento, acompanhamento e orientação dos jovens, independentemente das opções religiosas, proveniência cultural e situação socioeconómica ou familiar. São fundamentais para uma educação integral dos jovens. (cf. ChV 247)

Esta capacidade de pensar na vida humana de forma mais integral é uma tarefa educativa indispensável e necessária para as relações humanas, de modo a ser o próprio ser humano a reagir às injustiças, aberrações, aos vários abusos de poder. (cf. FT 167)

O sucesso da prática educacional obedece a alguns requisitos importantes, tal como, o dever de colocar a pessoa no centro de cada processo educativo, de forma a valorizar todas as dimensões do ser humano, especialmente os mais frágeis, e a desenvolver a sua capacidade relacional, sem discriminações, respeitando os direitos humanos e inalienáveis de cada pessoa.

É importante adotar um sistema pedagógico acolhedor de escuta e diálogo com os mais jovens, numa dialética de partilha e transmissão de valores, criando um ambiente educativo participativo, sem esquecer nem marginalizar as meninas e as jovens neste processo.

A família, como vimos anteriormente, é o primeiro e indispensável educador e deve estar sempre envolvida nas atividades educativas. O processo educativo passa pela abertura e

---

<sup>210</sup> Cf. Francisco, «Mensagem do Santo Padre Francisco para a Celebração do 54.º Dia Mundial da Paz», 6.

<sup>211</sup> Cf. Francisco, 6–7.

encontro ao outro, pois uma sociedade saudável é capaz de acolher os mais frágeis, excluídos, os mais vulneráveis, numa cultura de inclusão.

Assim, através da educação, é importante a procura de novas formas de compreender a economia, a política, o crescimento e o progresso a favor da família humana e do bem comum. Por último, é fundamental cuidar e proteger a nossa casa comum com estilos de vida que respeitam o meio ambiente.<sup>212</sup>

São estas as mediações - família, escola, religiões - que melhor podem transmitir valores de solidariedade, de respeito pelas diferenças, do acolhimento e cuidado pelos nossos irmãos mais frágeis, que promovem e incentivam uma educação “mais aberta e inclusiva”, de escuta, de construção e compreensão, formando um verdadeiro Pacto Educativo Global.<sup>213</sup>

Devemos «educar o coração para o cuidado» através de ingredientes tão singelos como o amor, a paz, o encontro, o acolhimento, a fraternidade e a solidariedade.<sup>214</sup>

#### **4. Proposta pedagógica com a introdução e desenvolvimento do conceito de cuidado no encontro e acolhimento como dimensão afetiva no âmbito de uma educação inclusiva e integral na Unidade Letiva 3 “Riqueza e sentido dos afetos”.**

Os conteúdos programáticos da UL 3 do 7º Ano do Programa EMRC: “Riqueza e sentido dos afetos”, já abordados no primeiro capítulo, relacionam-se com as várias etapas da adolescência: o desenvolvimento da pessoa, a construção da personalidade, preocupações e desafios, o agir moral e a questão religiosa, a descoberta do amor e por fim termina com uma mensagem cristã sobre a felicidade.

Pretende-se que o adolescente se desenvolva como pessoa e ao mesmo tempo que desenvolva a sua personalidade e que saiba construir relações humanas sadias. Neste sentido a escola, como também já referimos, é o local de encontro onde se promove seres relacionais e educa os seus alunos para serem pessoas capazes de viver em sociedade. Mas na adolescência nem sempre as relações são pacíficas, existindo muitas vezes violência verbal e psicológica.

Como tal, é necessário dotar e capacitar os jovens com ferramentas que lhes permita construir, em liberdade, relações sadias. Uma disciplina que assenta em valores éticos,

---

<sup>212</sup> Cf. Francisco, «Pacto Educativo Global», 10–16.

<sup>213</sup> Cf. Francisco, «Mensagem do Santo Padre Francisco para a Celebração do 54.º Dia Mundial da Paz», 7.

<sup>214</sup> Cf. Papa Francisco, «Homilia do Papa: vacina para o coração é o cuidado, cuidar das pessoas e das coisas», 2021, acedido a 16 de junho de 2022 em <https://noticias.cancaonova.com/especiais/pontificado/francisco/papa-vacina-para-o-coracao-e-o-cuidado-cuidar-das-pessoas-e-das-coisas/>.

religiosos e que coloca no centro a pessoa humana, tem de fornecer experiências significativas de aprendizagem.

Com efeito, as próprias políticas educativas nos últimos anos têm incidido na preparação de um quadro de referência que pressupõe a liberdade, responsabilidade, valorização do trabalho, consciência de si, bem como as relações sociais e de comunidade.<sup>215</sup> Com a publicação do Despacho n.º 6478/2017, de 26 de julho, é homologado o *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória – PASEO*, que se afirma «como referencial para as decisões a adotar por decisores e atores educativos ao nível dos estabelecimentos de educação e ensino [...] constituindo-se como matriz comum para todas as escolas e ofertas educativas no âmbito da escolaridade obrigatória, designadamente ao nível curricular, no planeamento, na realização e na avaliação interna e externa do ensino e da aprendizagem».<sup>216</sup>

Na mesma linha, o Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho, afirma que é «fundamental que o currículo seja equacionado como um instrumento que as escolas podem gerir e desenvolver localmente de modo [...] a que as principais decisões a nível curricular e pedagógico sejam tomadas pelas escolas e pelos professores».<sup>217</sup>

Considero, pois, necessária uma proposta pedagógica, que além de acrescentar sentido e valor a esta unidade letiva, vai introduzir novidade temática que, pela sua importância, tornará bastante significativas as experiências de aprendizagem dos jovens desta faixa etária, a saber, o cuidado no encontro e no acolhimento ao outro, aos demais.

Com efeito, devemos educar os alunos para deixarem os egoísmos preconcebidos e que isolam do contacto com o outro, criando muros invisíveis, mas muito fortes. O ser humano realiza-se no dom de si mesmo ao outro, no modo como se dá a conhecer, como acolhe o diferente, como o integra e sobretudo como o aceita, na sua vida, no seu grupo de amigos, na escola, na sociedade.

A minha proposta incide no domínio de aprendizagem Ética e Moral e contempla as aprendizagens essenciais que reconheço como adequadas para a concretização pedagógica, bem como o quadro de valores (elementos e características éticas: responsabilidade e integridade, excelência e exigência, cidadania e participação e liberdade)<sup>218</sup>, no desenvolvimento de experiências significativas do presente de vista do processo de ensino-aprendizagem.

---

<sup>215</sup> Cf. Martins (Coordenador) et al., «*Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*», 5.

<sup>216</sup> Martins (Coordenador) et al., 8.

<sup>217</sup> Presidência do Conselho de Ministros, «Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de Julho», Do Ministério de Educação e Ciência, Diário da República: I série, N.º 129, de 6 de julho n.º 129, de 6 de julho § (2018), acedido a 15 de junho de 2021 em <https://dre.pt/application/conteudo/115652962>.

<sup>218</sup> Cf. Martins (Coordenador) et al., «*Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*», 17.

<b>Aprendizagens Essenciais Unidade Letiva 3 – Riqueza e sentido dos afetos – 7.º Ano</b>	<b>Conteúdos a incluir</b>	<b>Competências Transversais a desenvolver</b>	<b>Descritores do Perfil dos Alunos</b>
<p>Valorizar a família, os outros e a sociedade na construção da personalidade da pessoa; (EF, ESP, FR, ING, TIC)</p> <p>Relacionar as mudanças na adolescência com o aumento da responsabilidade pessoal, no Ser e no agir; (CN, EF, CD, ESP, TIC)</p> <p>Valorizar a mensagem cristã para a vivência do amor humano; (P, TIC)</p> <p>Assumir atitudes responsáveis na procura da felicidade pessoal e dos outros. (CN)</p>	<p><b>O cuidado no encontro e acolhimento como dimensão afetiva no âmbito de uma educação inclusiva e integral:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Os conceitos de cuidado, encontro e acolhimento à luz da parábola do Bom Samaritano (Lc 10,25-37), da Encíclica <i>Fratelli Tutti</i> e do Pacto Educativo Global;</li> <li>- “Quem é o meu próximo?” e “De quem me faço próximo?”;</li> <li>- Saber encontrar o outro para lá dos muros e das barreiras e construir um “nós”;</li> <li>- Educar para a responsabilidade, para a escuta, para o diálogo, para a reflexão, de modo a construir um novo humanismo;</li> <li>- Fomentar a abertura ao encontro e ao relacionamento, principalmente com os excluídos, marginalizados, fragilizados e vulneráveis</li> <li>- Valorizar o outro na forma como me relaciono;</li> <li>- Acolher o outro e facilitar a sua integração no grupo, na comunidade mais alargada, na sociedade, promovendo, nos jovens adolescentes, uma educação mais aberta e inclusiva;</li> <li>- Agir para a promoção do bem comum.</li> </ul>	<p>Promover o respeito pela multiculturalidade, o reconhecimento e valorização da diversidade, as interações entre diferentes culturas, a justiça, a igualdade e a equidade (A; B; C; D; E; F; G; H; I);</p> <p>Estabelecer consigo próprio e com os outros uma relação harmoniosa e salutar (A; C; E; F; G; J).</p> <p>Paralelamente, devem ser considerados os 7 compromissos com o Pacto Educativo Global, como competências transversais adicionais a desenvolver, a saber:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Colocar a pessoa no centro do processo educativo;</li> <li>2. Ouvir as gerações mais novas;</li> <li>3. Promover a mulher e a sua participação plena;</li> <li>4. Responsabilizar a família como sujeito educador;</li> <li>5. Educar para a abertura e acolhimento;</li> <li>6. Colocar a economia e a política ao serviço da família humana;</li> <li>7. Cuidar e cultivar a casa comum;</li> </ol>	<p>Questionador (A, F, G, I)</p> <p>Respeitador da diferença/ do outro (A, B, E, F)</p> <p>Responsável/ autónomo (C, D, E, F, I)</p> <p>Cuidador de si e do outro (B, E, F, G)</p>

**Tabela 4:** Proposta pedagógica

## 5. Síntese

A Encíclica Fratelli Tutti interpela à Educação e, atendendo ao carácter pedagógico da mesma, pois toda ela assenta numa relação humana fraternal, compreende-se a sua inclusão numa proposta concreta para a UL 3 do 7º Ano “Riqueza e sentido dos afetos”. Os valores do cuidado, do encontro, do acolhimento, do diálogo, da «amizade social», da amabilidade e do perdão são fundamentais para nos aproximarmos uns dos outros e apreciarmos a beleza da vida em comum.

Toda a Encíclica fala-nos de uma educação inclusiva, porque evidencia a importância de adquirir conhecimento, de procurar pontos de contacto, de nos relacionarmos, procurando erradicar as desigualdades, a pobreza, a violência, de modo a resolver muitos problemas sociais, de incluir cultura e os costumes dos outros na nossa cultura.

O próximo capítulo incidirá na experiência letiva no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada em contexto de sala de aula e, ao longo das várias planificações, procurarei sugerir aquele que me parecer ser o melhor momento para introduzir a proposta pedagógica por mim elaborada.

## CAPÍTULO III: PRÁTICA LETIVA DA UNIDADE LETIVA 3 “RIQUEZA E SENTIDO DOS AFETOS

Neste capítulo daremos a conhecer a experiência letiva no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES) em contexto de sala de aula, bem como a experiência enquanto docente em contexto escolar, tendo como base a lecionação da Unidade Letiva 3 “Riqueza e sentidos dos afetos”, referente ao 7º ano de escolaridade do Programa de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC).

A PES realizou-se no Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches (AEFS), durante o ano letivo de 2020/2021, o acompanhamento e a orientação foram feitos pela Dr.ª Maria José Dias, docente de EMRC na referida escola. O núcleo de estágio foi composto por quatro professores estagiários.

A escolha da UL lecionada resultou da importância de descrever o sentido da descoberta da adolescência e do seu desenvolvimento integral, tema este já abordado e aprofundado no primeiro capítulo deste relatório. Toda a prática letiva teve em conta o currículo de EMRC, o programa da disciplina e os seus conteúdos específicos, as *Aprendizagens Essenciais* (AE) que todos os alunos devem adquirir, bem como as competências definidas no *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* (PASEO).

A turma atribuída foi a n.º 2 do 8º Ano, uma vez que esta UL não foi devidamente lecionada no 7º ano, devido à suspensão das atividades letivas presenciais para dar lugar ao E@D durante o ano letivo 2019/2020, em virtude da pandemia provocada pelo vírus da covid-19. (No ano letivo anterior a disciplina só tinha momentos assíncronos).

O presente capítulo encontra-se estruturado da seguinte forma: caracterização da escola, da comunidade educativa e da turma onde ocorreu a Prática de Ensino Supervisionada; introdução à unidade letiva e planificação das aulas; por último, a avaliação da PES, reportada à lecionação.

### **1. Caracterização da escola e da comunidade educativa**

O Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches (AEFS) sito na cidade de Braga, nas freguesias de São Vítor e São Vicente, é constituído por cerca de mil e setecentos alunos, cento e setenta e cinco docentes, entre outros, como técnicos, psicólogos, administrativos e

auxiliares (dados disponíveis no site do agrupamento e que reportam ao ano letivo 2017/2018)<sup>219</sup>.

O agrupamento é composto por sete estabelecimentos de educação e ensino, desde o ensino pré-escolar ao 3º ciclo do ensino básico. As escolas que o compõem são: a escola básica com 2.º e 3.º ciclos, Escola Básica Dr. Francisco Sanches (Sede do Agrupamento), o Jardim de Infância das Fontes, e cinco Escolas Básicas do 1.º ciclo, três das quais com educação pré-escolar, ou seja, a EB de São Vítor, a EB da Misericórdia, a EB/JI da Quinta da Veiga, a EB/JI Bairro da Alegria e a EB/JI das Enguardas. Todas as escolas se situam na zona urbana de Braga, mais concretamente no território compreendido pelas freguesias de S. Vítor e de S. Vicente.

Dada a sua inserção territorial, bem como todos os elementos estruturais agregados, a saber, i) pertença a duas freguesias com grande densidade populacional, ii) a existência de bairros sociais, iii) proximidade com uma zona comercial de grande dimensão, iv) o contraste entre zonas muito antigas da cidade, caracterizadas por habitações de um ou dois pisos, em mau estado de conservação, e bairros sociais onde é evidente a degradação patrimonial, e zonas de construção recente, caracterizadas pela urbanidade e por uma crescente oferta urbanística, v) população com diferentes estatutos sociais, é bem visível a elevada diversidade entre os alunos que frequentam o agrupamento.

Neste sentido, a definição em 2009 do AEFS como Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP) possibilitou uma resposta efetiva face à vulnerabilidade social e económica, mantendo o foco nas crianças e jovens desse território e nas suas famílias, acompanhando os processos de estudo e participação nas dinâmicas escolares.

Em 2012, foi celebrado entre o AEFS e o Ministério da Educação e Ciência um Contrato de Autonomia (CA). Um contrato de autonomia consiste, em termos gerais, num acordo entre o Agrupamento de Escolas e os serviços competentes do Ministério da Educação e Ciência e, sempre que conveniente, outros parceiros da comunidade, através do qual se definem objetivos e se fixam as condições que viabilizam o desenvolvimento do Projeto Educativo (PE).

O Contrato de Autonomia tem por objetivo o desenvolvimento da equidade, da qualidade, da eficácia e da eficiência e assenta no pressuposto de que a escola constitui um serviço responsável pela execução local da política educativa nacional e é prestadora de um serviço público de especial relevância.

---

<sup>219</sup> Cf. Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches, «Projeto Educativo 2018-2022» (Braga, 2018), acessido a 18 de janeiro de 2021 em [https://www.aefranciscosanches.pt/97\\_PEA - AEFS-Aprovado\\_CG\\_23-01-2019.pdf](https://www.aefranciscosanches.pt/97_PEA - AEFS-Aprovado_CG_23-01-2019.pdf).

Na prossecução do Projeto Educativo (PE) do AEFS, em 2017/2018 o agrupamento foi integrado na Rede de Escolas de Educação Intercultural (REEI). Com efeito, os pilares do PE anteriormente mencionados, TEIP e CA, foram reforçados e o PE fica mais enriquecido mediante o acolhimento, a integração e o sucesso educativo das crianças e jovens, de todas as nacionalidades, bem como no respeito pelas diferenças e no estabelecimento de relações positivas de interação e aproximação entre todos.

O Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches aderiu ao conjunto de Escolas-Piloto que iniciou o Projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular, que visa a promoção de melhores aprendizagens indutoras do desenvolvimento de competências de nível mais elevado, assumindo a centralidade das escolas, dos seus alunos e professores, e permitindo a gestão do currículo de forma flexível e contextualizada, reconhecendo que o exercício efetivo de autonomia em educação só é plenamente garantido se o objeto dessa autonomia for o currículo.

O AEFS quer ser uma escola para o futuro, uma escola do século XXI, como tal, dadas as intervenções e requalificações de que foi alvo, as suas estruturas permitem espaços mais propícios às diferentes aprendizagens, com novas estratégias de ensino e de aprendizagem, tendo em vista, ao mesmo tempo, a promoção de competências digitais e tecnológicas.

Numa perspetiva socioeconómica e cultural, convém referir que uma parte considerável dos alunos é oriunda de famílias que vivem em bairros sociais, com um estrato de baixos recursos económicos, baixa escolarização dos pais/encarregados de educação e com fraco acesso a bens e serviços culturais. Dentro da população estudantil são identificáveis grupos distintos de alunos que requerem estratégias particulares de inclusão e de aprendizagem dada a sua origem geográfica e cultural. Cerca de 14% dos alunos são de nacionalidade não portuguesa, com origem em 4 continentes, a saber, Europa, Ásia, América e África. A percentagem de alunos de etnia cigana é de cerca de 4%.

Um indicador que permite afirmar que o contexto económico de grande parte das famílias dos alunos do AEFS é frágil é o número de alunos que beneficia do apoio da Ação Social Escolar (ASE), 826 no total do agrupamento, representando quase metade do universo estudantil. Acresce a estas condicionantes o considerável número de alunos que é acompanhado pelo Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família (GAAF), no âmbito da psicologia e do serviço social e que representa cerca de 20% da população estudantil.

Outro indicador importante para caracterizar o AEFS está relacionado com os alunos com Necessidade Educativas Especiais, que em 2017/2018 (último ano com dados disponíveis para consulta) representam cerca de 5% dos alunos.

É objetivo do AEFS potenciar nos alunos as competências e as aprendizagens, previstas no Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória.<sup>220</sup>

## 2. Caracterização da turma

A minha Prática de Ensino Supervisionada incidiu na lecionação da unidade letiva 3, Riqueza e Sentido dos Afetos, do programa do 7.º ano de escolaridade. Como no ano letivo anterior (2019/2020) esta UL não foi devidamente lecionada, devido à suspensão das atividades letivas presenciais para dar lugar ao Ensino à Distância - E@D, em virtude da pandemia provocada pela Covid-19, e como a disciplina só tinha momentos assíncronos, as aprendizagens ficaram comprometidas, por conseguinte, a minha lecionação foi desenvolvida na turma 2 do 8.º ano de escolaridade.

Neste sentido, no início do presente ano letivo (2020/2021) a planificação foi construída de modo a fazer a recuperação e consolidação das aprendizagens, como indicou o Ministério da Educação no seu documento “Orientações para a Recuperação e Consolidação das Aprendizagens ao Longo do Ano Letivo de 2020/2021”.<sup>221</sup>

A turma é constituída por 21 alunos, sendo 9 do sexo feminino e 12 do sexo masculino. A média de idades situa-se nos 13,09 (treze vírgula zero nove) anos de idade. Os alunos desta turma estão todos inscritos em EMRC. Tal como havia mencionado na caracterização do agrupamento no tocante à dimensão socioeconómica, usufruem dos apoios da Ação Social Escolar – ASE 6 alunos, 4 posicionados em escalão A e 2 de escalão B. Os alunos são todos de nacionalidade portuguesa, morando dentro da malha territorial que é abrangida pelo agrupamento, à exceção de 3 alunos, que residem em freguesias mais afastadas, a saber, Nogueira e Ferreiros.

A turma integra e acolhe um aluno com Necessidades Educativas Especiais – padece de perturbação do espectro de autismo – daí ter dificuldades de compreensão e de expressão, sendo abrangido por medidas seletivas e/ou adicionais, apoiadas num Relatório Técnico-Pedagógico (RTP). O aluno está presente em algumas disciplinas, para efeitos de socialização e coabitação com os colegas de turma, pois quase não se expressa. A educação

---

<sup>220</sup> Cf. Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches, «Projeto Educativo 2018-2022».

<sup>221</sup> Cf. Ministério da Educação, «Orientações Para a Recuperação e Consolidação das Aprendizagens ao Longo do Ano Letivo de 2020/2021», 2020, acedido a 15 de junho de 2021 em [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/orientacoes\\_2020.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/orientacoes_2020.pdf).

inclusiva é a que procura proporcionar oportunidades a todos, sobretudo aos alunos com NEE, no entanto não é fácil de implementar.<sup>222</sup>

Foi realizado um questionário, no Googleforms, para cada aluno responder, de modo a realizar a caracterização da turma (**Cf. Anexo I**). Destaco os seguintes dados e respetiva interpretação por forma a poder apresentar a realidade socioeconómica, afetiva, emocional e motivacional da turma, à data de janeiro de 2021, quando iniciei a lecionação das aulas.

A idade média dos pais/mães/encarregados/as de educação é de 46 (quarenta e seis) anos no caso dos pais e 45,50 (quarenta e cinco vírgula cinquenta) no caso das mães. No plano das habilitações académicas, apenas um pai possui habilitações de nível superior, Licenciatura; por seu lado, existem 7 mães com o mesmo nível de habilitação académica; uma mãe com Mestrado e outra com Doutoramento, num total de 9 mães com curso de nível superior.

A estas habilitações correspondem profissões de diversa índole, desde talhante, motorista de pesados, empregado/a de limpeza, educadora de infância, enfermeira e engenheiro/a civil. Em certa medida, as profissões dos pais estão mais relacionadas com o setor primário e secundário, enquanto a profissão das mães está focalizada entre o setor secundário e maioritariamente no setor terciário.

Quando interrogados sobre o que mais gostam nas aulas de EMRC, os alunos destacam: a abordagem de temas novos; a discussão dos assuntos da disciplina em debate nas aulas; atividades em que os alunos participam (atividades de participação, na linguagem dos estudantes); a realização de fichas/questionários; a visualização de vídeos/filmes; a abertura dos professores em escutar os alunos.

Sobre a pandemia da Covid-19 e sobre o confinamento todos manifestam ter um conhecimento geral bem definido sobre a pandemia, o modo de transmissão e os cuidados a ter. No que diz respeito ao confinamento, a quase totalidade dos alunos revela que foram momentos de muita ansiedade e stress, dado não poderem sair de casa, nem estar em contacto com os seus amigos e professores, de quem sentiam falta e saudades.

Quando questionados sobre o que entendem por afetos, 19 alunos responderam que o afeto é algo relacionado com amor, amizade, relacionamento, uma coisa com que não se brinca, é algo ligado à adolescência e à sexualidade, afeto é o que se constrói dentro da pessoa. Neste item do questionário, dois alunos responderam “Não sei”, “Não entendo”.

Na última questão, é pedido que escolham de uma lista predefinida de palavras as que melhor se relacionam, no seu entender, com o termo afeto. As palavras mais escolhidas

---

<sup>222</sup> Cf. Presidência do Conselho de Ministros, «Decreto-Lei n.º 54/2018, de 6 de julho, do Ministério de Educação e Ciência», Diário da República, 1.ª série - N.º 129 § (2018), acedido a 15 de junho de 2021 em [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EEspecial/dl\\_54\\_2018.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EEspecial/dl_54_2018.pdf).

foram, por ordem de preferência, Amizade, Diálogo, Dádiva, Namoro, Convívio, Família, Amigos, Festa, Hospitalidade.

A turma era, do ponto de vista comportamental, bastante homogénea, os alunos sossegados e colaborativos, manifestando um bom ambiente propício ao processo de ensino-aprendizagem. De um modo global eram participativos, com intervenções muito pertinentes. Esta unidade letiva era do interesse dos alunos, notando-se a nível pessoal a identificação com as temáticas abordadas, nomeadamente no que concerne à construção da personalidade, alterações físicas e nos relacionamentos afetivos.

Tratando-se de uma turma do 8º ano de escolaridade, a Planificação Anual inclui 4 Unidades Letivas distribuídas pelos três períodos: UL 1 – O amor humano, UL 2 – O ecumenismo, UL 3 – A liberdade e UL 4 – Ecologia e Valores.

É importante referir que este plano foi ajustado de modo a permitir a lecionação da Unidade Letiva 3, “Riqueza e sentido dos afetos”, do 7º ano de escolaridade, como forma de recuperação e consolidação das aprendizagens. O calendário escolar 2020/2021 previa a existência de 33 aulas à terça-feira, sendo o dia em que a turma 2 do 8º tem EMRC; a distribuição do número de aulas por Unidade Letiva foi estipulada mediante o número de aulas disponíveis, sendo que, acresce às 4 UL referentes ao 8º ano a UL 3 do 7º ano de forma a recuperar as aprendizagens, com o total de 8 aulas. Deste modo, o número e a ordem da lecionação das aulas foram distribuídos da seguinte forma:

<b>Unidade Letiva</b>	<b>Número de aulas de lecionação</b>
UL 1 O Amor humano	7
UL 2 O Ecumenismo	6
UL 3 A liberdade	6
UL 3 do 7º ano – Riqueza e sentido dos afetos	8
UL 4 Ecologia e Valores	6

Tabela 5: Programação e distribuição das aulas pelas Unidades Letivas

A decisão pela atribuição de um maior número de aulas para a UL 3 do 7º ano “Riqueza e sentido dos afetos” foi motivada pela suspensão das atividades letivas presenciais para dar lugar ao Ensino à Distância - E@D, em virtude da pandemia provocada pela Covid-19, durante o ano letivo 2019/2020, e como a disciplina só tinha momentos assíncronos, as aprendizagens ficaram comprometidas.

Saliento que, no início do 2º período de 2020/2021, houve necessidade de um ajuste no que respeita à lecionação das Unidades Letivas, atendendo à situação pandémica que

vivemos, desde março de 2020, e por decisão e resolução do Conselho de Ministros de 21 de janeiro de 2021, que face ao agravamento da situação da pandemia da doença Covid-19, e depois de analisar a informação partilhada pelos epidemiologistas e especialistas em saúde pública, determinou:<sup>223</sup>

- a suspensão das atividades letivas e não letivas e de apoio social, a partir de 22 de janeiro e pelo período de 15 dias, compreendendo as atividades letivas e não letivas e formativas em estabelecimentos de ensino públicos, particulares e cooperativos e do setor social e solidário de educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário.

Face ao exposto, as comunidades educativas retomaram as aulas na modalidade de Ensino à Distância (E@D), no pretérito dia 8 de fevereiro de 2021. O grupo de estágio a que pertenceo decidiu, em comum acordo, adiar a lecionação/realização das aulas, da responsabilidade de cada orientando/mestrando da Prática de Ensino Supervisionada (PES), até ao regresso do ensino em regime presencial. Neste espaço de tempo, os mestrandos continuam a assistir às aulas da orientadora cooperante, Dr.<sup>a</sup> Maria José Dias, na modalidade de ensino remoto.

### **3. Propostas de Planificação da Unidade Letiva 3 “Riqueza e sentido dos afetos”**

A planificação é essencial pois, através dela, o docente toma decisões e adapta a lecionação aos seus alunos tendo sempre presente o programa, no sentido de estabelecer o processo de ensino-aprendizagem de acordo com as *Aprendizagens Essenciais* (AE) e o *Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória* (PASEO), tendo sempre em conta as estratégias, os recursos e as atividades com vista à obtenção de melhores resultados.

Como referido no Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, a planificação das aulas deve ser cuidada de modo a garantir que fiquem assegurados os elementos necessários para a realização da avaliação pedagógica, evitando-se deste modo que o ensino fique entregue ao acaso. Permite também que o docente conheça as suas turmas e alunos e, assim, adaptar a lecionação para fomentar a aprendizagem, sem esquecer os objetivos e conteúdos.<sup>224</sup>

Para Cristina Sá Carvalho a planificação «é o instrumento de trabalho mais essencial do professor, o instrumento através do qual toma as decisões que lhe cabem, adapta a

---

<sup>223</sup> Cf. Comunicação do Conselho de Ministros, acedido a 21 de janeiro de 2021 em <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc22/governo/comunicado-de-conselho-de-ministros?i=397>

<sup>224</sup> Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 159.

lecionação aos alunos que tem na frente, previne as disrupções e tenta manter-se em controlo do que se passará na sala de aula».225

Quer isto dizer que a planificação é essencial para o desempenho de um professor no processo ensino-aprendizagem, porque o ajuda a pensar com antecedência na preparação das aulas sem esquecer as atividades, nos tempos necessários para a realização das mesmas, nas abordagens das temáticas a trabalhar com os alunos, no método de avaliação para verificar se os objetivos e conteúdos foram alcançados. No entanto, é relevante ressaltar que a planificação sendo importante para o trabalho do professor não evita possíveis imprevistos em sala de aula.

Já no que concerne a avaliação das aprendizagens e na recolha de todas as informações necessárias para dar suporte ao desenvolvimento das competências podemos afirmar que:

A planificação destas situações não é fácil e pode passar por um trabalho colaborativo, em que os professores desenvolvam o pensamento reflexivo, sejam convidados a questionar-se sobre as razões pelas quais propõe uma atividade em vez de outra, a competência sobre a qual eles poderão intervir, as provas que recolherão, assim como os critérios que utilizarão para formular um juízo.<sup>226</sup>

No capítulo II, deste trabalho, apresentei uma proposta pedagógica para ser inserida na UL 3, ao longo da lecionação; neste sentido sugiro que a mesma seja inserida entre a aula nº 6 e nº 7, tendo em conta as *Aprendizagens Essenciais* já adquiridas pelos alunos nas aulas anteriores, bem como as competências transversais a desenvolver pelos alunos, nesta fase da adolescência.

Outro aspeto a ter em conta são os descritores do Perfil dos Alunos, assim como os conteúdos a incluir, tão necessários de serem abordados, uma vez que a dimensão afetiva também está no cuidado no encontro e acolhimento pelo outro, no âmbito de uma educação inclusiva e integral.

Apresento de seguida a proposta de planificação da Unidade Letiva 3, “Riqueza e sentido dos afetos”, do 7º ano de escolaridade do programa de EMRC, dividindo os conteúdos por cada aula, num total de oito aulas.

As mesmas foram planificadas de harmonia com o programa da disciplina de EMRC, *Aprendizagens Essenciais* (AE) e o Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória (PASEO).

---

<sup>225</sup> Cristina Sá Carvalho, «Pressupostos Epistemológicos e Pedagógicos do Desenvolvimento Curricular em Educação Moral e Religiosa Católica, Edição 2014», *Pastoral Catequética: Revista de Catequese e Educação* 31–32 (2015): 38.

<sup>226</sup> Maria Palmira Carlos Alves, *Currículo e Avaliação, Uma Perspetiva Integrada* (Porto: Porto Editora, Lda, 2004), 77.

Em cada aula serão explicadas todas as estratégias utilizadas e estará presente a grelha de planificação, contendo os domínios, aprendizagens essenciais, conteúdos, as estratégias de ensino orientadas para o perfil dos alunos, os descritores do perfil do aluno, os recursos, o tempo previsto para cada procedimento e a avaliação formativa.

Para uma visão mais detalhada e pormenorizada sugiro a consulta do Dossier da Prática de Ensino Supervisionada.

### *3.1. Aula 1 – Adolescência: conceitos e etapas*

A primeira aula realizou-se no dia 12 de janeiro de 2021 tendo fundamentalmente como função a introdução aos estudos que se vão iniciar; a professora recorda aos alunos que vai lecionar a UL 3, “Riqueza e sentido dos afetos”.

As aprendizagens essenciais refletidas e apresentadas pretendem que os alunos identifiquem os aspetos essenciais que caracterizam a Adolescência. Os objetivos a atingir são essencialmente discutir a relevância da adolescência na formação da personalidade e no desenvolvimento pessoal.

**Acolhimento e diálogo com os alunos:** o acolhimento aos alunos é feito com uma saudação aos mesmos e seguido de uma oferta de um cartão em que a professora explica aos alunos que vai ser muito útil, pois irão escrever o nome em letras grandes e legíveis, para ser mais fácil memorizar os nomes deles, uma vez que estamos em época de pandemia (covid 19) e os seus rostos encontram-se parcialmente cobertos pela máscara o que torna mais difícil associar o nome ao rosto.

**Registo do sumário:** após estas explicações, é feito o registo de sumário no quadro, e pelos alunos no caderno, com o tema “Adolescência: conceitos e etapas”.

**Visualização de um vídeo:** segue-se a visualização de um vídeo disponível em (<https://www.youtube.com/watch?v=QyVsybVTSos>). Tendo como tema a “Adolescência: Desenvolvimento, identidade, riscos e dinâmicas”, tem por objetivo uma introdução na temática de estudo e permitindo uma compreensão mais eficaz do que é a adolescência. No fim do vídeo, a professora esclarece que este faz uma abordagem sobre todo o processo da adolescência, tendo alguns pontos que serão abordados ao longo das aulas seguintes.

Partindo deste breve filme a professora convida os alunos a fazerem uma dinâmica em formato de chuva de ideias, tendo por base o vídeo e a experiência de cada um, a dizer uma palavra que defina e tenha a ver com o conceito de adolescência. À medida que vão dizendo palavras, a professora faz o registo das mesmas no quadro e os alunos nos seus cadernos escolares.

Segue-se um breve diálogo vertical e horizontal, orientado pela professora, em torno das várias palavras sugeridas, tornando possível escutar as diversas opiniões dos alunos. De seguida, a professora entrega a cada aluno uma vinheta com uma imagem do filme, após o diálogo é pedido aos alunos que coloquem no verso a palavra que “agora” relacionam com a adolescência. Foi-lhes dito que seria para entregarem no fim da aula sem qualquer tipo de identificação.

Concluído este diálogo, a professora deu uma definição mais aprofundada do tema começando por lhes falar na construção da identidade, o que se entende por identidade, dizendo-lhes que é durante a adolescência que se constrói a identidade, através da procura de respostas para as várias questões e interrogações que vão tendo, devido ao facto de já não se sentirem crianças mas também não se sentirem adultos, em não percebem todas as alterações, quer física quer intelectualmente.

Neste processo de construção são fatores de extrema importância os pais, as pessoas com quem se vivem, os amigos a comunidade em que estão inseridos. É a fase da descoberta e curiosidade do corpo, de descobrir que se está num processo constante de crescimento, podem sentir necessidade de amar e de ser amados, aqui pode surgir o primeiro amor, o enamoramento. As discussões, as palavras com revolta e impaciência, bem como o desejo de emancipação fazem parte da necessidade de afirmação. Sentem também uma necessidade de aceitação e de reconhecimento.

Começam a pensar na vida e sentem que querem eles próprios fazer o seu caminho, que querem construir a sua história formando e desenvolvendo a sua personalidade. A professora chama a atenção para o facto de que, infelizmente, este caminho nem sempre é o mais adequado, pois pode surgir a necessidade de transgressão, de desafio de regras e teste aos limites. Alerta ainda de que com o crescimento, também podem surgir problemas, como comportamentos suicidas ou de violência, aumentos de riscos de saúde com uma alimentação pouco saudável, ou devido ao consumo de álcool, tabaco ou drogas, aumento de problemas de foro psicológico. Sofrimento provocado pelo bullying ou cyberbullying.

A professora termina com palavras de incentivo, pois para estes problemas também há soluções, basta procurarem ajuda, junto dos pais, dos familiares, dos professores, dos amigos e dos psicólogos.

**Momento de leitura:** segue-se a leitura da página 90 do manual que nos remete para uma abordagem da adolescência e aproximação à sua definição, para tal a professora pede a participação dos alunos para lerem. Após a leitura é pedido aos alunos para registarem nos seus cadernos uma breve e simples definição de adolescência com base no manual.

**Apresentação de um PowerPoint:** Seguiu-se a apresentação de um PowerPoint, com imagens e tópicos sobre as várias etapas da adolescência, é pedida a colaboração dos alunos, para lerem mediante a solicitação e indicação, da parte da professora, e no final da leitura de cada etapa, a professora pergunta à turma se alguém se identifica com alguma etapa apresentada, evitando invadir a privacidade ou forçar uma resposta que pudesse causar algum constrangimento.

Alguns quiseram falar sobre os tópicos com que se identificavam mais, nomeadamente na da etapa “Dos 13 aos 18 anos”, como por exemplo timidez, conflitos interiores, conflitos de personalidade, atitudes de inconformismo, comportamentos negativos e agressivos para com os outros. A professora elogia os alunos pela iniciativa de se abrirem perante a turma, e disse-lhes que era um passo de grande maturidade e reconhecimento.

Em jeito de conclusão, a professora termina com uma observação que vem no manual do aluno - «*Quero saber!*» - «conhecer-me é compreender quem sou e o que quero fazer com a minha vida».<sup>227</sup> Todas as minhas experiências vividas, positivas ou negativas, compõem a minha história individual, única e irrepetível.

Para efeitos de avaliação, foi tido em conta o cumprimento das regras da sala de aula, a assiduidade e pontualidade, empenho, participação, atitudes e valores, atenção e concentração, motivação e interesse.

**Reflexão sobre a aula:** Os alunos mostraram boa receptividade ao tema apresentando vontade em participar quando lhes foi solicitado. O tema Adolescência é familiar aos alunos, pelo que não houve dificuldade em estabelecer o diálogo e troca de opiniões e ideias. Esta primeira aula permitiu enfraquecer algumas barreiras próprias da timidez e puderam assim expressar-se mais livremente. Fez-se uma boa gestão da sala de aula e os alunos mantiveram uma postura adequada ao contexto de sala de aula.

Apresento a planificação elaborada para esta aula:

---

<sup>227</sup> Cordeiro et al., *Quero Saber!: Manual do Aluno do 7.º Ano de Educação Moral e Religiosa Católica*, 89.



## Planificação de Aula

Unidade Letiva: Riqueza e Sentido dos Afetos  
Aula: nº 1/8

Ano: 8º | Turma: 2  
Data: 12/01/2021  
Tempo previsto: 50 minutos

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário			<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acolhimento</li> <li>• Registo do sumário, no quadro, pelo(a) professor(a)</li> </ul>		Quadro branco e marcadores/ca netas de quadro/projetor	4 min	
<b>SUMÁRIO: A adolescência: conceito e etapas.</b>							
Ética e Moral	Identificar os aspetos essenciais que caracterizam a Adolescência.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O ciclo de vida: da infância à terceira idade;</li> <li>• A adolescência à idade em que nós estamos;</li> <li>• Na adolescência fazem-se escolhas relevantes para o resto da nossa vida: estudos, trabalho, estado de vida.</li> <li>• O crescimento e as mudanças na personalidade: o</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Visualização do vídeo</b> sobre a adolescência desenvolvimento identidade riscos e dinâmicas: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=QyVsybVTSos">https://www.youtube.com/watch?v=QyVsybVTSos</a></li> <li><b>Objetivo:</b> introduzir a temática de estudo e permitir uma compreensão mais eficaz do que é a adolescência.</li> <li>• <b>Chuva de ideias</b> sobre o conceito “Adolescência”.</li> <li>• <b>Diálogo vertical e horizontal</b></li> <li>• <b>Explicação e aprofundamento do tema</b> sob orientação do(a) professor(a).</li> <li><b>Objetivo:</b> auxiliar na compreensão de a pessoa humana cresce e se desenvolve</li> </ul>	Conhecedor/sabedor/culto/informado (A, B, I)	Caderno do aluno (diário) Computador Projetor e vídeo Pen Drive	10 min 8 min	Cumprimento das regras de sala de aula;  Grelhas observação direta: assiduidade, pontualidade, empenho, participação, atitudes e valores
	Discutir a relevância da adolescência na formação da personalidade e no desenvolvimento pessoal.			Critico/Analítico (A, B, C, D)	Quadro branco e marcadores/ca netas de quadro	8 min	
				Sistematizador/Organizador	Manual do aluno	10 min	

		desenvolvimento da pessoa e a adolescência (compreender quem sou e o que quero fazer com a minha vida)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Leitura da página 90 do manual do aluno</b> (abordagem da adolescência e aproximação à sua definição).</li> </ul> <p><b>Etapas da adolescência.</b> Powerpoint.</p> <p><b>Objetivo:</b> Promover a compreensão da importância e relevância que as várias etapas no desenvolvimento da vocação pessoal</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Breve síntese da aula por parte do(a) Professor(a) e espaço para esclarecimento de dúvidas</li> </ul>	(A, B, C, I)		10 min	Atenção/concentração;  Motivação/interesse;
--	--	--	--	--------------	--	--------	---

### 3.2. Aula 2 – A formação e o desenvolvimento da personalidade

A segunda aula realizou-se no dia 19 de janeiro de 2021. As aprendizagens essenciais refletidas e apresentadas pretendem que os alunos discutam sobre a relevância da adolescência na formação da personalidade e no desenvolvimento pessoal. Os objetivos a atingir são essencialmente a valorização da família, dos outros e a sociedade na construção da personalidade da pessoa.

**Acolhimento e diálogo com os alunos:** o acolhimento aos alunos é feito com uma saudação aos mesmos. Como forma de consolidação de conhecimentos peço para fazerem uma recapitulação da aula anterior que vai servir de mote para a introdução do novo tema.

**Registo do sumário:** feita esta recapitulação, é registado o sumário no quadro, e pelos alunos no caderno, com o tema “A formação e o desenvolvimento da personalidade”.

**Visualização de um vídeo:** segue-se a visualização de um pequeno vídeo disponível em ([https://www.youtube.com/watch?v=VPU8AQRjayw&feature=emb\\_logo](https://www.youtube.com/watch?v=VPU8AQRjayw&feature=emb_logo)). Tendo como tema a “Adolescência: mudanças nos rapazes e nas raparigas”, tem por objetivo consolidar a matéria quanto às transformações físicas, à imagem que cada um tem de si, ao desenvolvimento intelectual e por fim a compreensão mútua entre pais e filhos.

Partindo deste recurso, os alunos são convidados para participar num breve diálogo vertical e horizontal, orientado pela professora, que realça alguns aspetos pertinentes do filme com o intuito de lhes passar uma mensagem que é fundamental nesta fase da adolescência, relativamente à imagem que cada um tem do seu próprio corpo e a importância que este tem na construção da identidade.

Realçando um aspeto importante relativamente ao desfasamento da imagem que se tem dos nossos ídolos e a imagem que temos de nós. Pode haver dias em que acordamos com a sensação de que somos muito bonitos e pode haver outros dias em que acordamos com a sensação de que somos os mais feios. É importante relativizar e perceber que faz parte do processo de crescimento e amadurecimento.

O próprio conceito de beleza é relativo e o que para uns pode ser belo para outras pessoas pode não o ser. A imagem, a postura, o jeito bonito de como os nossos ídolos se apresentam é ilusória, pois existe uma equipa que está por trás a trabalhar essa imagem, justamente no sentido de cativar seguidores. A beleza não deve ser só exterior, mas sim fazer parte da beleza do nosso interior e esta sim é adquirida durante o processo de construção de identidade.

**Apresentação de um PowerPoint:** Apresentação aos alunos de um PowerPoint, com uma abordagem ao tema construção da personalidade, com as várias dimensões da pessoa

e com referência aos grupos que influenciam a construção da personalidade: família, amigos, grupos e escola, a professora pede a colaboração dos alunos, que leem mediante solicitação e indicação.

**Exploração de um WORDWALL:** Em conformidade com aquilo que foi apresentado anteriormente, é proposta a realização de um jogo intitulado “formação da personalidade”, disponível na classroom da turma, onde estão contempladas as principais dimensões e características próprias do desenvolvimento e amadurecimento da personalidade. Este jogo foi de grande satisfação para todos. Existem na turma alunos que não dispõem de telemóvel; nesta situação, a professora procedeu à impressão do jogo para assim conseguirem participar e completar a sua aprendizagem.

**Momento de leitura:** segue-se a projeção de um texto da página 97 do manual sobre a construção da personalidade. Após a leitura a docente pediu aos alunos para comentarem por palavras suas e por escrito (um breve parágrafo) explicitando a importância da família, dos amigos, dos grupos e da escola na formação do desenvolvimento da personalidade. Prosseguiu-se com a leitura dos testemunhos de um pai, de uma mãe e de uma adolescente na página 98 do manual.

**Resolução de exercício:** resolução da tarefa 6 da página 100 do manual com base na partilha da reflexão escrita, pelos alunos que se disponibilizaram, em debate moderado e orientado pela professora. Não foi possível concluir esta tarefa por falta de tempo, ficará para a aula seguinte. Mas como já se tinha iniciado com o grupo família, sendo esta onde temos a primeira experiência de amor e afeto e se adquire os alicerces para futuras relações, a docente referiu que nem sempre essa experiência acontece dando como exemplo uma citação da Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus vivit* ponto 113, do Papa Francisco.

Para efeitos de avaliação, foi tido em conta o cumprimento das regras da sala de aula, a assiduidade e pontualidade, o empenho, a participação, as atitudes e valores, a atenção e concentração, motivação e interesse.

**Reflexão sobre a aula:** Os alunos mostraram grande receptividade ao tema apresentando vontade em participar quando lhes foi solicitado. Verificou-se que o tema da formação da personalidade desperta-lhes interesse, estão com muita atenção, principalmente porque são temas que eles sentem tão de perto, ou talvez, por os viverem na pele, no entanto hoje não foi tão fácil estabelecer o diálogo. O ponto alto da aula foi sem dúvida o jogo intitulado “formação da personalidade” em formato **WORDWALL**, disponível na classroom da turma. Os alunos gostaram muito de jogar este jogo, pois permitiu testar os conhecimentos anteriormente adquiridos de uma forma didática divertida. O jogo possibilitava a participação

mais que uma vez, pois as perguntas surgiam sempre de forma aleatória. O ponto negativo da aula foi efetivamente não se ter conseguido terminar de lecionar a última tarefa da aula.

Fez-se uma boa gestão da sala de aula e os alunos mantiveram uma postura e comportamento adequados ao contexto de sala de aula.

Apresento a planificação elaborada para esta aula:



## Planificação de Aula

Unidade Letiva: Riqueza e Sentido dos Afetos

Aula: nº 2/8

Ano: 8º | Turma: 2

Data: 19/01/2021

Tempo previsto: 50 minutos

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário			<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acolhimento</li> <li>• Registo do sumário, no quadro, pelo(a) professor(a)</li> </ul>		Quadro branco e marcadores / canetas de quadro/projetor	4 min	
<b>SUMÁRIO: A formação e o desenvolvimento da personalidade.</b>							
Ética e Moral	Discutir a relevância da adolescência na formação da personalidade e no desenvolvimento pessoal	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A personalidade humana: identidade, continuidade, totalidade.</li> <li>• As dimensões da personalidade - Motivacional; - Intelectual; - Social; - Emocional; - Sexual; - Moral; - Religiosa.</li> <li>• A importância da família e da</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Breve recapitulação da aula anterior;</li> <li>• <b>Visualização de um pequeno vídeo</b> sobre as mudanças na adolescência, na perspetiva de uma e um adolescente. (<a href="https://www.youtube.com/watch?v=VPU8AQRjayw">https://www.youtube.com/watch?v=VPU8AQRjayw</a>)</li> <li><b>Objetivo:</b> consolidar a matéria quanto às transformações físicas. Diálogo vertical e horizontal;</li> <li>-<b>Abordagem do tema “personalidade”</b> Powerpoint.</li> <li>- Resolução de um jogo em formato de palavras cruzadas <a href="https://wordwall.net/resource/3235467">https://wordwall.net/resource/3235467</a>, (formato online ou papel) onde estão contempladas as principais dimensões e características próprias do desenvolvimento e amadurecimento da personalidade.</li> <li>• - <b>Projeção de um texto sobre a construção da personalidade.</b> Com base no texto os alunos são</li> </ul>	Conhecedor/sabedor/ culto/informado (A, B, I)  Critico/Analítico (A, B, C, D)  Sistematizador / Organizador (A, B, C, I)	Caderno do aluno (diário) Computador Projetor e vídeo Pen Drive  Smartphone/pc ou papel  Computador Projetor e vídeo	3 min	Cumprimento das regras de sala de aula;
						7 min	Grelhas observação direta: assiduidade, pontualidade, empenho, participação, atitudes e valores
Cultura cristã e visão cristã da vida.	Valorizar a família, os outros e a sociedade na construção da personalidade da pessoa.					8 min	Atenção/concentração;
						10 min	Motivação/interesse
						8 min	

		<p>escola na formação da personalidade.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• O valor do estudo e do conhecimento.</li> <li>• Os amigos e a sua influência na personalidade e na vida.</li> </ul>	<p>convidados a comentarem por palavras suas o mesmo, por escrito, explicitando a importância da família, dos amigos, dos grupos e da escola na formação e desenvolvimento da personalidade.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• - <b>Diálogo vertical e horizontal;</b></li> <li>• - <b>Explicação e aprofundamento do tema</b> sob orientação do(a) professor(a) com o objetivo de clarificar as várias dimensões da personalidade humana.</li> <li>• - <b>Leitura da página 98 do manual do aluno</b> (testemunhos – pai, mãe e adolescente).</li> <li>• - <b>Resolução da tarefa 6</b> (p. 100) em debate moderado e orientado pelo(a) professor(a) e breve síntese/consolidação da lição.</li> </ul>		Manual da disciplina	6 min	
						4 min	

### 3.3. *Aula 3 - Recapitulação das aulas anteriores. Introdução do tema Adolescência: preocupações e desafios*

A terceira aula realizou-se no dia 06 de abril de 2021, após o segundo desconfinamento e, deste modo, de regresso às aulas presenciais após a suspensão das mesmas. As aprendizagens essenciais refletidas e apresentadas pretendem que os alunos discutam sobre a relevância da adolescência na formação da personalidade e no desenvolvimento pessoal. Os objetivos a atingir são essencialmente a valorização da família, os outros e a sociedade na construção da personalidade da pessoa, bem como relacionar as mudanças ocorridas na adolescência com o aumento de responsabilidade no ser e no agir.

**Acolhimento e diálogo com os alunos:** o acolhimento aos alunos é feito com uma saudação aos mesmos. Depois de dois meses em Ensino à Distância (E@D) foi uma alegria voltar ao ensino presencial, isso foi perceptível no pequeno diálogo no início da aula.

**Registo do sumário:** Após este breve diálogo de acolhimento e receção é feito o registo de sumário no quadro, e pelos alunos no caderno, com o tema “Recapitulação das aulas anteriores com o tema “Adolescência: preocupações e desafios”.

**Recapitulação e visualização dos PowerPoint já apresentados nas aulas anteriores:** Como forma de consolidação de conhecimentos, a professora, dado terem sido adiadas as realizações das aulas da PES, considerou pertinente apresentar novamente estes dois powerpoints sobre as várias etapas da adolescência e sobre a construção da personalidade, com as várias dimensões da pessoa, assim como referência aos grupos que influenciam a construção da personalidade: família, amigos, grupos e escola.

Os alunos são convidados a lerem mediante a solicitação e indicação da docente. À medida que se vai lendo cada slide a professora vai perguntando aos alunos se estes têm dúvidas e estabelece diálogo com os alunos, bem como esclarece um ou outro ponto pertinente.

**Visualização de um vídeo:** segue-se a visualização de um pequeno vídeo com o tema: Adolescência. Este vídeo resume e consolida de uma forma dinâmica e atrativa, quer em imagem quer em música de fundo com o tema “deixa o mundo girar” do grupo Polo Norte, a matéria lecionada e dialogada em sala de aula.

**Exploração de um WORDWALL:** Tendo em consideração os assuntos abordados, proponho a realização de um jogo intitulado “Adolescência”, disponível na classroom da turma, onde estão contempladas as principais temáticas lecionadas. Este jogo foi de grande divertimento e satisfação para todos. Fico muito satisfeita pois todos eles conseguem responder às questões colocadas e querem repetir o jogo.

Para efeitos de avaliação, foi tido em conta o cumprimento das regras da sala de aula, a assiduidade e pontualidade, empenho, participação, atitudes e valores, atenção e concentração, motivação e interesse.

**Reflexão sobre a aula:** Nesta aula não tive uma receptividade dos alunos como havia tido nas aulas anteriores, isso deveu-se à necessidade de repetição dos temas, mas foi-lhes explicado que pelo facto de não ter havido continuidade entre os temas abordados era essencial para contextualização da Unidade Letiva. Gostaram do filme apresentado, muito por causa das imagens e da própria música O ponto alto da aula foi sem dúvida o jogo intitulado “Adolescência” em formato **WORDWALL**. Os alunos gostaram muito de jogar este jogo, pois permitiu testar os conhecimentos anteriormente adquiridos de uma forma didática divertida.

O jogo permitia ser iniciado mais que uma vez, pois as perguntas surgiam sempre de forma aleatória. O ponto negativo da aula: este jogo não permitiu fazer impressão para que os alunos que não têm telemóvel pudessem participar. Fizeram-no depois em casa. Também não foi possível dar início ao novo tema proposto no sumário, somente lhes entreguei, em papel a letra da música “Não há estrelas no céu” de Rui Veloso para lerem em casa e tentarem interpretar a música com uma carga simbólica que vai para além do sentido literal da música.

Fez-se uma boa gestão da sala de aula e a postura e comportamento dos alunos foram adequados.

Apresento a planificação elaborada para esta aula:



## Planificação de Aula

Unidade Letiva: Riqueza e Sentido dos Afetos

Aula: nº 3/8

Ano: 8º | Turma: 2

Data: 06/04/2021

Tempo previsto: 50 minutos

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário							
<ul style="list-style-type: none"> <li><b>SUMÁRIO: Recapitulação das aulas anteriores. Introdução ao tema - Adolescência: preocupações e desafios.</b></li> </ul>			<ul style="list-style-type: none"> <li>Acolhimento</li> <li>Registo do sumário, no quadro, pelo(a) professor(a)</li> </ul>		Quadro branco e marcadores/canetas de quadro/ projetor	5 min	
Ética e Moral	Discutir a relevância da adolescência na formação da personalidade e no desenvolvimento pessoal	<ul style="list-style-type: none"> <li>O crescimento e as mudanças na personalidade</li> <li>A personalidade humana</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Breve recapitulação das aulas anteriores com a apresentação dos powerpoints já anteriormente visualizados</li> <li><b>Etapas da adolescência</b></li> <li><b>Abordagem do tema “personalidade</b></li> <li><b>Visualização de um vídeo</b> sobre a Adolescência.</li> <li><b>Diálogo horizontal e vertical</b></li> </ul>	Conhecedor/sabedor/culto/informado (A, B, I)	Caderno do aluno (diário) Computador Projetor e vídeo Pen Drive	20 min	Cumprimento das regras de sala de aula;
	Valorizar a família, os outros e a sociedade na construção da personalidade da pessoa.	<ul style="list-style-type: none"> <li>As dimensões da personalidade</li> <li>A importância da família e da escola e dos amigos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Jogo sobre a Adolescência, por forma a consolidar a matéria dada. <a href="https://wordwall.net/play/13959/413/528">https://wordwall.net/play/13959/413/528</a></li> <li><b>Introdução ao tema “Preocupações e desafios”,</b> p. 101 do Manual de EMRC, através da música “Não há estrelas no céu!” da autoria de Rui Veloso</li> </ul>	Crítico/Analítico (A, B, C, D)	Smartphone/pc	8 min	Grelhas observação direta: assiduidade, pontualidade, empenho, participação, atitudes e valores
Religião e Experiência Religiosa	Relacionar as mudanças na			Sistematizador/Organizador (A, B, C, I)	Manual do aluno	5 min 7 min	Atenção/concentração;

	adolescência com o aumento da responsabilidade pessoal, no ser e no agir.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O que muda quando crescemos</li> </ul>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=m3zO1ovQZX8">https://www.youtube.com/watch?v=m3zO1ovQZX8</a> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Diálogo horizontal e vertical</b> sobre a letra da música.</li> <li>• Breve síntese/consolidação sobre a matéria lecionada.</li> </ul>			5 min	Motivação/interesse;
--	---	---	--	--	--	-------	----------------------

### 3.4. Aula 4 - Adolescência: preocupações e desafios

A quarta aula realizou-se no dia 13 de abril de 2021. As aprendizagens essenciais refletidas e apresentadas pretendem que os alunos relacionem as mudanças na adolescência com o aumento da responsabilidade pessoal no ser e no agir, tendo como objetivo a valorização da mensagem cristã para a vivência do amor humano.

**Acolhimento e diálogo com os alunos:** o acolhimento aos alunos é feito com uma saudação aos mesmos. Como forma de consolidação de conhecimentos peço para fazerem uma recapitulação da aula anterior que vai servir de motivo para a introdução do novo tema.

**Registo do sumário:** Após este breve diálogo de acolhimento e receção é feito o registo de sumário no quadro, e pelos alunos no caderno, com o tema “Adolescência: preocupações e desafios”.

**Exploração da letra da música “Não há estrelas no céu”:** Introdução ao tema “Preocupações e desafios”, foi dinamizada com a música cantada ao vivo, graças à colaboração de um colega da disciplina de EMRC que aceitou o convite e desafio para cantar e tocar guitarra, com a música *Não há estrelas no Céu* da autoria de Rui Veloso.

Esta música ainda que antiga, mas com um sentido muito atual, permitiu dar a conhecer aos alunos que as maiores preocupações e desafios são de ordem física, social e afetiva. Ao explorar e analisar com os alunos a letra da música foi possível fazer uma abordagem a cada um destes desafios/preocupações. Os alunos entenderam muito bem o sentido denotativo e conotativo da letra da música, bem como, a interpretação da letra e a relação dela com os seus desafios e preocupações.

Para efeitos de avaliação, foi tido em conta o cumprimento das regras da sala de aula, a assiduidade e pontualidade, empenho, participação, atitudes e valores, atenção e concentração, motivação e interesse.

**Reflexão sobre a aula:** Esta aula decorreu de acordo com as expectativas, os alunos gostaram de poder cantar, foi um momento verdadeiramente alegre, divertido e lúdico. A exploração da letra da música contou com a participação de todos os alunos, é importante referir que nesta turma temos um aluno com Necessidades Educativas Especiais (PEA – Perturbação do Espectro do Autismo/Asperger) e foi uma enorme felicidade ver este aluno a interagir juntamente com os colegas, sabendo que nas disciplinas em que ele está presente na sala de aula, para efeitos de socialização e coabitação com os colegas de turma, ele quase não se expressa.

A educação inclusiva é a que proporciona oportunidades a todos, sobretudo aos alunos com NEE. Este foi sem dúvida o momento alto da aula. O ponto menos positivo foi a

falta de tempo para explorar o Powerpoint com o tema “preocupações e desafios”, no entanto, é importante referir que ao longo da análise da música “Não há estrelas no céu” conseguiu-se abordar a temática.

Fez-se uma boa gestão da sala de aula e os alunos mantiveram uma postura adequada ao contexto de sala de aula, mostrando-se interessados, empenhados e atentos.

Apresento a planificação elaborada para esta aula:



## Planificação de Aula

Unidade Letiva: Riqueza e Sentido dos Afetos

Aula: nº 4/8

Ano: 8º | Turma: 2

Data: 13/04/2021

Tempo previsto: 50 minutos

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário							
<b>SUMÁRIO: Adolescência: preocupações e desafios.</b>			<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acolhimento</li> <li>• Registo do sumário, no quadro, pelo(a) professor(a)</li> </ul>		Quadro branco e marcadores/canetas de quadro	3 min	
Ética e Moral	Relacionar as mudanças na adolescência com o aumento da responsabilidade e pessoal, no ser e no agir.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O que muda quando crescemos:               <ul style="list-style-type: none"> <li>-Perceber a vida de um modo mais complexo;</li> <li>-Assumir responsabilidades e fazer escolhas;</li> <li>-Mudar a referência Social: da família aos amigos</li> </ul> </li> <li>- Experimentar novas formas de pensar: do pensamento</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Breve recapitulação da aula anterior</li> <li>• <b>Introdução ao tema “Preocupações e desafios”,</b> p. 101 do Manual de EMRC, através da música da autoria <a href="https://www.youtube.com/watch?v=m3zO1ovQZX8">https://www.youtube.com/watch?v=m3zO1ovQZX8</a> de Rui Veloso).</li> <li>• <b>Diálogo horizontal e vertical</b> sobre a letra da música.</li> </ul>	Conhecedor/sabedor/ culto/informado (A, B, I)	Caderno do aluno (diário) Computador Projetor e vídeo	2 min	Cumprimento das regras de sala de aula;
	Religião e Experiência Religiosa	Valorizar a mensagem cristã para a vivência do amor humano		<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Abordagem do tema</b> “preocupações e desafios”: Powerpoint.</li> <li>• <b>Diálogo horizontal e vertical.</b></li> <li>• <b>Resolução da questão 8:</b> “Que preocupações e desafios encontras na tua experiência de adolescente? (p. 105). <b>Objetivo:</b> identificar as preocupações que sentem os adolescentes</li> </ul>	Crítico/Analítico (A, B, C, D)  Sistematizador / Organizador (A, B, C, I)	Pen drive  Manual da disciplina	15 min  10 min

		<p>concreto ao pensamento abstrato;</p> <p>- Experimentar novas formas de resolver problemas ético-morais: consciência e autonomia moral.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Breve síntese/consolidação sobre a matéria lecionada.</li> </ul>			5 min	Motivação/interesse;
--	--	---	---	--	--	-------	----------------------

### 3.5. Aula 5 - Namoro e enamoramento na adolescência: Desafio a entender o eu e o outro, a amar e ser amado

A quinta aula realizou-se no dia 20 de abril de 2021. As aprendizagens essenciais refletidas e apresentadas pretendem que os alunos identifiquem os aspectos essenciais que caracterizam a Adolescência. Os objetivos a atingir são essencialmente a relevância da adolescência na formação da personalidade e no desenvolvimento pessoal.

**Acolhimento e diálogo com os alunos:** o acolhimento aos alunos é realizado com uma saudação aos mesmos.

**Registo do sumário:** Após este breve diálogo de acolhimento e receção é feito o registo de sumário no quadro, e pelos alunos no caderno, com o tema: “Namoro e enamoramento na adolescência: Desafio a entender o eu e o outro, a amar e ser amado”.

**Recapitulação da aula anterior:** breve diálogo vertical e horizontal acerca da aula anterior.

**Audição e exploração da letra de uma música:** Os alunos são convidados a ouvir e a acompanhar a música *Não sei explicar* da autoria da Anáise ([https://www.youtube.com/watch?v=1\\_5uYeO-fLM](https://www.youtube.com/watch?v=1_5uYeO-fLM)), cantora muito jovem e atual, que aborda o tema enamoramento e amor, tendo a letra sido distribuída, em formato papel, pelos alunos. O objetivo é fazer os alunos pensar no namoro, na responsabilidade de uma relação de amor, na felicidade e infelicidade, na consciencialização das relações, através da exploração da letra desta música.

Seguiu-se um pequeno diálogo vertical e horizontal a incidir nas respostas dos alunos em torno das suas diversas opiniões, com o intuito de perceberem que estão numa fase de maior desenvolvimento a nível de maturidade, pela perceção da identificação e definição dos seus sentimentos, como o desejo de amar e ser amado e no despertar do desejo sexual.

**Apresentação/projeção de um PowerPoint:** De modo a sistematizar e a consolidar a matéria abordada nesta aula, foi projetado um PowerPoint subordinado ao tema “Namoro e enamoramento na Adolescência” que tem por base o programa da disciplina, o manual, bem como o referencial teórico desenvolvido no âmbito do relatório da PES. No final da apresentação realizou-se um debate final em torno da matéria explanada, tendo a professora desempenhado o papel de moderadora.

**Dinâmica: namorar dá que falar:** no sentido de motivar os alunos é proposto um jogo/debate, com questões aleatórias em que as respostas serão “concordo”, “discordo” e “não sei” (bandeirinhas feitas em cartolina e distribuídas por todos os alunos), relacionadas com o namoro. O objetivo é perceber qual o entendimento e conhecimento que têm sobre as relações

afetivas, a demonstração de sentimentos no namoro, bem como a violência no namoro. O objetivo foi essencialmente sistematizar o que os alunos aprenderam e retiraram da aula lecionada.

Para efeitos de avaliação, foram considerados os seguintes itens/critérios: cumprimento das regras da sala de aula, a assiduidade e pontualidade, empenho, participação, atitudes e valores, atenção e concentração, motivação e interesse.

**Reflexão sobre a aula:** Esta aula decorreu de acordo com as expectativas, com boa articulação entre os conteúdos teóricos e práticos e de interação com os alunos. De uma forma geral, os alunos participaram todos. O ponto alto da aula que foi o jogo/debate, muitos pediram para continuar a fazer perguntas porque estavam a gostar muito da dinâmica.

É importante mencionar que nesta turma temos um aluno com Necessidades Educativas Especiais (PEA – Perturbação do Espectro do Autismo/Asperger) e foi uma enorme felicidade vê-lo a participar no jogo, quando raramente o faz nas aulas. Pode-se dizer que é uma pequena grande vitória, pois a educação inclusiva é a que proporciona oportunidades a todos, sobretudo aos alunos com NEE.

Este foi sem dúvida o momento alto da aula. É também importante referir que foi feita uma gestão adequada do tempo para cada atividade que permitiu fazer o fecho da aula com uma síntese em conjunto com os alunos.

Fez-se uma gestão adequada da sala de aula e os alunos mantiveram uma postura e comportamento adequados ao contexto de sala de aula.

Apresento a planificação elaborada para esta aula:



**Planificação de Aula**

Unidade Letiva: Riqueza e Sentido dos Afetos

Aula: nº 5/8

Ano: 8º | Turma: 2

Data: 20/04/2021

Tempo previsto: 50 minutos

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário			<ul style="list-style-type: none"> <li>Acolhimento</li> <li>Registo do sumário, no quadro, pelo(a) professor(a)</li> </ul>		Quadro branco e marcadores/canetas de quadro	3 min	
<b>SUMÁRIO: Namoro e enamoramento na adolescência: Desafio a entender o eu e o outro, a amar e ser amado.</b>							
Ética e Moral	Identificar os aspetos essenciais que caracterizam a Adolescência.	<ul style="list-style-type: none"> <li>A experiência de maturação dos adolescentes:               <ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificação de sentimentos;</li> <li>- Desejo de amar e ser amado;</li> <li>- Despertar do desejo sexual;</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Breve recapitulação sobre a aula anterior sob orientação da professora.</li> <li>Visualização do videoclipe “Não sei explicar” da autoria de Anaíse (<a href="https://www.youtube.com/watch?v=1_5uYeO-fLM">https://www.youtube.com/watch?v=1_5uYeO-fLM</a>)</li> </ul> <p><b>Debate</b> moderado pela professora sobre a letra da música com a exploração de todo o sentido literal presente na letra, bem como, a interpretação simbólica da mesma como meio de abordagem do desafio que são as relações afetivas, namoro, amar, paixão, felicidade.</p> <p><b>Apresentação/projeção:</b> De modo a sistematizar e a consolidar a matéria abordada nesta aula, a docente projeta a</p>	Conhecedor/sabedor/culto/informado (A, B, I)	Caderno do aluno (diário) Computador Projetor de vídeo  Pen Drive	4 min	Cumprimento das regras de sala de aula;  Grelhas observação direta: assiduidade, pontualidade, empenho, participação, atitudes e valores  Atenção/concentração;
	Discutir a relevância da adolescência na formação da personalidade e no desenvolvimento pessoal					8 min	
						12 min	

			<p>matéria subordinada ao tema “Namoro e enamoramento na Adolescência” que tem por base o programa da disciplina, o manual, bem como o referencial teórico desenvolvido no âmbito do relatório da PES. A docente moderará a apresentação e o debate final em torno da matéria explanada.</p> <p>PowerPoint</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Dinâmica: namorar dá que falar</li> </ul> <p><b>Objetivo:</b> Promover a compreensão da importância dos afetos e da expressão dos sentimentos; facilitar o posicionamento em situações de namoro abusivas. Moderação e orientação pela docente, através da promoção do debate vertical e horizontal.</p> <p>Breve síntese/consolidação sobre a matéria lecionada.</p>	<p>Sistematizador/ Organizador (A, B, C, I)</p>	<p>Cartões “Concordo/Discordo/Não sei” Questões em papel, devidamente dobradas Saco para sorteio das questões.</p>	<p>18 min</p> <p>5 min</p>	<p>Motivação/interesse;</p>
--	--	--	---	---	--	----------------------------	-----------------------------

### 3.6. Aula 6 - O agir moral e a questão religiosa

A sexta aula realizou-se no dia 24 de abril de 2021. As aprendizagens essenciais refletidas e apresentadas pretendem que os alunos valorizem a família, os outros e a sociedade na construção da personalidade da pessoa. O objetivo é, essencialmente, saberem relacionar as mudanças na adolescência com o aumento da responsabilidade, de assumir escolhas, experimentar novas formas de pensar e resolver problemas ético-morais.

**Acolhimento e diálogo com os alunos:** o acolhimento aos alunos é realizado com uma saudação aos mesmos.

**Registo do sumário:** Após este breve diálogo de acolhimento e receção é feito o registo de sumário no quadro, e pelos alunos no caderno, com o tema “O agir moral e a questão religiosa”.

**Recapitulação da aula anterior:** breve diálogo vertical e horizontal acerca da aula anterior.

**Momento de leitura:** segue-se a projeção do texto «*O essencial é invisível aos olhos*» da página 109 do manual. Após a leitura os alunos, com a ajuda da docente, analisaram o texto de forma a que compreendessem que é muito importante a atenção, o tempo, a forma de vivermos e o modo como nos relacionamos com as pessoas, tornando-as importantes e queridas para nós e nas nossas vidas.

De forma a consolidar a matéria, os alunos são convidados a resolver um exercício que consiste no preenchimento de espaços em branco e sem ajuda do livro (<https://wordwall.net/play/3284/246/820>), disponível na classroom da turma. Existe na turma alunos que não dispõem de telemóvel, nesta situação, a professora teve o cuidado de imprimir o jogo para assim conseguirem participar e efetuarem a sua aprendizagem.

**Chuva de ideias sobre o conceito “Responsabilidade”:** Após a resolução do exercício, os alunos são convidados a fazerem uma dinâmica em formato de chuva de ideias, com a ida ao quadro de uma aluna para fazer o registo dos termos relacionados com o conceito de *responsabilidade*, e no caderno pelos alunos, a este momento segue-se um diálogo vertical e horizontal sobre a importância de ser responsável na nossa vivência diária.

Esta tarefa é concluída com a apresentação do significado da palavra “responsabilidade” como sendo a «qualidade de quem é responsável; obrigação de responder por atos próprios ou alheios, ou por uma coisa confiada».<sup>228</sup> A professora utiliza uma frase do texto *O essencial é invisível aos olhos*: como exemplo de uma atitude responsável: «Ficas para

---

<sup>228</sup> J. Almeida Costa e A. Sampaio e Melo, *Dicionário de Língua Portuguesa*, 8.<sup>a</sup> (Porto: Porto Editora, Lda, 1998), 1424.

sempre responsável por aquele que cativaste. És responsável pela tua rosa»<sup>229</sup>, aproveitando para reforçar que os relacionamentos humanos, sejam de amizade ou de amor, devem ser baseados na responsabilidade mútua entre as pessoas, como forma de alimentar essa amizade ou esse amor, criando laços de proximidade.

**Momento de leitura:** segue-se um novo momento de leitura, de debate e tentativa de resolução sobre o “*Dilema de Heinz*” da página 111 do manual. O objetivo é promover a compreensão e a importância do crescimento moral e procurar através da reflexão consciente e autónoma responder a este dilema, bem como, a tantas outras questões e dilemas, através de uma consciência pessoal.

Como outra das grandes questões na adolescência é a crença religiosa, seguiu-se um outro momento de leitura e análise do texto “*Acreditar em Deus... é possível*” da página 112 do manual; deste modo, pretende-se esclarecer as incertezas e certezas de que a religião ajuda na construção da vida pessoal e religiosa. Como forma de consolidar esta temática é pedida aos alunos a resolução da tarefa 12 da página 112 do manual.

Para efeitos de avaliação, foi tido em conta o cumprimento das regras da sala de aula, a assiduidade e pontualidade, empenho, participação, atitudes e valores, atenção e concentração, motivação e interesse.

**Reflexão sobre a aula:** Esta aula decorreu de acordo com o planificado, os temas abordados foram do agrado dos alunos e motivo para troca de ideias, afirmações, certezas, dúvidas e procura de respostas, construindo teorias e opiniões próprias, o que permitiu perceber que compreenderam e consolidaram a matéria lecionada. O momento alto da aula e que os alunos mais apreciaram foi a resolução de exercícios em formato digital, este jogo permitiu fazer a impressão para os alunos que não tem telemóvel pudessem participar.

Não foi possível fazer a partilha das respostas em grande grupo, como estava previsto na planificação, por falta de tempo, dado o entusiasmo dos alunos na realização do jogo.

Fez-se uma boa gestão da sala de aula e os alunos mantiveram uma postura e comportamento adequados ao contexto de sala de aula.

Apresento a planificação elaborada para esta aula:

---

<sup>229</sup> Cordeiro et al., *Quero Saber!: Manual do Aluno do 7.º Ano de Educação Moral e Religiosa Católica*, 109.



**Planificação de Aula**

Unidade Letiva: Riqueza e Sentido dos Afetos

Aula: nº 6/8

Ano: 8º | Turma: 2

Data: 27/04/2021

Tempo previsto: 50 minutos

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário			<ul style="list-style-type: none"> <li>Acolhimento</li> <li>Registo do sumário, no quadro, pelo(a) professor(a)</li> </ul>		Quadro branco e marcadores/canetas de quadro	3 min	
<b>SUMÁRIO: O agir moral e a questão religiosa.</b>							
Ética e Moral	Valorizar a família, os outros e a sociedade na construção da personalidade da pessoa	<ul style="list-style-type: none"> <li>O contributo do diálogo com os adultos de confiança para a resolução de dificuldades;</li> <li>O que o grupo de amigos pode fazer pela felicidade dos seus membros.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Breve recapitulação sobre a aula anterior.</li> <li><b>Leitura do texto da p. 109 e resolução do exercício</b> de preencher os espaços em branco (<a href="https://wordwall.net/play/3284/246/820">https://wordwall.net/play/3284/246/820</a>), sem a ajuda do livro. <b>Objetivo:</b> Promover a compreensão e a importância do tempo que passamos com as pessoas e que com elas vivemos e partilhamos, tornando-as importantes e queridas para nós.</li> <li><b>Chuva de ideias sobre o conceito “Responsabilidade”</b> com a ida ao quadro de um aluno/a para escrever os registos dos termos relacionados.</li> <li>Diálogo horizontal e vertical tendo presente a importância de ser responsável na nossa vivência diária.</li> </ul>	Conhecedor/sabedor/culto/informado (A, B, I)	Caderno do aluno (diário) Computador Projetor de vídeo Pen Drive	3 min	Cumprimento das regras de sala de aula;
			Crítico/Analítico (A, B, C, D)	Manual da disciplina Smartphone/pc ou papel	10 min	Grelhas observação direta: assiduidade, pontualidade, empenho, participação, atitudes e valores	
				Sistematizador/Organizador (A, B, C, I)	Manual da disciplina	10 min	Atenção/concentração;  Motivação/interesse;

			<ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura, debate e resolução sobre o <b>“Dilema de Heinz”</b>, p. 111 <b>Objetivo:</b> Promover a compreensão e a importância do crescimento moral.</li> <li>• Leitura do texto <b>“Acreditar em Deus... é possível?”</b>, p. 112.</li> <li>• Diálogo horizontal e vertical; pretende-se esclarecer as incertezas/certezas de que a religião ajuda na construção da vida pessoal e social.</li> </ul>			10 min	
			<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Resolução da tarefa 12, p. 112.</b></li> <li>• Partilha de respostas em grande grupo</li> </ul>			10 min	
			<ul style="list-style-type: none"> <li>• Breve síntese dos assuntos tratados na aula.</li> </ul>			4 min	

### 3.7. Aula 7 – Mensagem Cristã sobre a felicidade: Somos feitos para amar!

A sétima aula realizou-se no dia 04 de maio de 2021. As aprendizagens essenciais refletidas e apresentadas pretendem que os alunos valorizem a mensagem cristã para a vivência do amor humano. Os objetivos a atingir são essencialmente o assumir atitudes responsáveis na procura de felicidade pessoal e dos outros.

**Acolhimento e diálogo com os alunos:** o acolhimento aos alunos é realizado com uma saudação aos mesmos.

**Registo do sumário:** Após este breve diálogo de acolhimento e receção é feito o registo de sumário no quadro, e pelos alunos no caderno, com o tema “Mensagem Cristã sobre a felicidade: Somos feitos para amar!”

**Recapitulação da aula anterior:** breve diálogo vertical e horizontal acerca da aula anterior.

**Audição e exploração da letra de uma música:** A introdução ao tema da aula é feita com o clipe do vídeo “Eterno” da autoria de Sérgio Rosado, do grupo Anjos. (<https://www.youtube.com/watch?v=qxg0v7MMX94>).

A professora fez distribuição da letra da música pelos alunos, de forma a estes acompanharem o vídeo e a música e assim participarem no diálogo vertical e horizontal, orientado pela professora, com o objetivo de os alunos interpretarem o sentido simbólico da letra e perceberem que os dons de cada pessoa só fazem sentido se forem acompanhados de amor.

**Momento de leitura:** segue-se a projeção do texto “*Cântico do Amor*” (1 Cor 12,31-13,8a) da página 113 do manual. A professora convida os alunos a realizarem uma tarefa, que consiste em comparar o texto de S. Paulo aos Coríntios e a letra da música “Eterno”, através da palavra amor e de sinónimos e gestos/ações que são sinal de amor, o registo desta tarefa é feito no quadro por uma aluna. O objetivo desta tarefa é promover a compreensão da palavra amor como doação de si mesmo, pois só amando é que o ser humano se realiza como pessoa e encontra sentido para a vida. A professora realça que este texto, este Hino ao amor, é uma rejeição ao egocentrismo e a afirmação do amor, cada pessoa deve fazer de si mesmo uma dádiva para o outro.

**Visualização de um powtoon em formato de exportação de um vídeo:** Como forma de concluir esta temática e de consolidação da matéria a professora apresenta um powtoon com o tema “*A vocação da pessoa é o Amor!*” (<https://www.youtube.com/watch?v=Md6-axRr5Ms&rel=0>)

Para efeitos de avaliação, foi tido em conta o cumprimento das regras da sala de aula, a assiduidade e pontualidade, empenho, participação, atitudes e valores, atenção e concentração, motivação e interesse.

**Reflexão sobre a aula:** A aula manteve o nível gratificante que as anteriores para o docente para os alunos. A maioria dos alunos interagiu bem, participando de forma ativa e organizada, destacando-se o seu envolvimento particularmente na tarefa proposta e apresentada.

A professora tentou estimular a participação dos que não estavam inicialmente tão predispostos, motivando-os e interpelando-os diretamente. Os alunos acolhem muito bem estes momentos musicais que a professora tem apresentado ao longo da leção da Unidade Letiva. Existiu uma boa gestão da sala de aula e uma boa relação pedagógica com os alunos. O aspeto menos positivo foi a falta de tempo para cumprir com as duas últimas atividades, bem como, fazer a síntese da aula como previsto na planificação.

Fez-se uma boa gestão da sala de aula e os alunos mantiveram uma postura e comportamento adequados ao contexto de sala de aula.

Apresento a planificação elaborada para esta aula:



**Planificação de Aula**

Unidade Letiva: Riqueza e Sentido dos Afetos

Aula: nº 7/8

Ano: 8º | Turma: 2

Data: 04/05/2021

Tempo previsto: 50 minutos

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário							
<b>SUMÁRIO: Mensagem cristã sobre a felicidade: Somos feitos para amar!</b>			<ul style="list-style-type: none"> <li>Acolhimento</li> <li>Registo do sumário, no quadro, pelo(a) professor(a)</li> </ul>		Quadro branco e marcadores/canetas de quadro	3 min	
Cultura Cristã e Visão Cristã da vida	<p>Valorizar a mensagem cristã para a vivência do amor humano;</p> <p>Assumir atitudes responsáveis na procura da felicidade pessoal e dos outros</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>1 Cor 13, 1-13: Hino ao amor.</li> <li>Santo Agostinho, <i>in Ioannem</i> 8.7: «ama e faz o que quiseres»;</li> <li><i>Familiaris Consortio II</i>: a vocação da pessoa é o amor;</li> <li>Crescer a ser adulto é fazer escolhas na</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Breve recapitulação sobre a aula anterior.</li> </ul> <p>Introdução ao tema da aula com o clip de vídeo: Eterno, letra e música da autoria de Sérgio Rosado, Anjos. (<a href="https://www.youtube.com/watch?v=qxg0v7MMX94">https://www.youtube.com/watch?v=qxg0v7MMX94</a>)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li><b>Diálogo vertical e horizontal</b> sobre a letra da música com o objetivo de interpretar o sentido simbólico da mesma e perceber que os dons de cada pessoa só fazem sentido se forem acompanhados de amor.</li> <li>Leitura do Hino ao Amor, p. 113.</li> <li><b>Breve comparação</b> entre o texto de S. Paulo aos Corintos e a letra da música do início da aula: pesquisa da palavra “amor” e de sinónimos e gestos/ações que são sinal de amor, com registo no quadro pelos alunos.</li> </ul>	<p>Conhecedor/sabedor/ culto/informado (A, B, I)</p> <p>Crítico/Analítico (A, B, C, D)</p> <p>Sistematizador / Organizador (A, B, C, I)</p>	<p>Caderno do aluno (diário)</p> <p>Computador</p> <p>Projetor de vídeo</p> <p>Pen Drive</p> <p>Manual da disciplina</p> <p>Computador e projetor de vídeo</p>	<p>3 min</p> <p>13 min</p> <p>13 min</p>	<p>Cumprimento das regras de sala de aula;</p> <p>Grelhas observação direta: assiduidade, pontualidade, empenho, participação, atitudes e valores</p> <p>Atenção/concentração;</p> <p>Motivação/interesse;</p>

		<p>perspetiva do amor:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Procurar o bem-comum;</li> <li>- Viver a felicidade na entrega aos outros.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Objetivo:</b> Promover a compreensão da importância do amor como doação de si mesmo, pois só amando é que o ser humano se realiza como pessoa e encontra sentido para a vida.</li> </ul> <p>Apresentação do tema “<b>A vocação da pessoa é o Amor!</b>” usando o recurso powtoon. Formato de exportação de vídeo.  <a href="https://www.youtube.com/watch?v=Md6-axRr5Ms&amp;rel=0">https://www.youtube.com/watch?v=Md6-axRr5Ms&amp;rel=0</a></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura dos docs 26 e 27 da p. 117 e p. 118.</li> <li>• <b>Diálogo orientado pelo/a professor/a</b> acerca dos docs analisados, pretende-se esclarecer que tudo o que fazemos devemos fazê-lo com amor de maneira a garantir a felicidade e realização pessoal</li> <li>• Breve síntese</li> </ul>		Manual da disciplina	6 min	
						8 min	
						4 min	

### 3.8. Aula 8 – Continuação da aula anterior. Ficha de avaliação

A oitava aula realizou-se no dia 11 de maio de 2021. As aprendizagens essenciais refletidas e apresentadas pretendem que os alunos conheçam a mensagem cristã sobre a felicidade e a realização pessoal, na medida em que o crescimento implica fazer escolhas na perspectiva do amor. Os objetivos a atingir são, essencialmente, o assumir atitudes responsáveis na procura de felicidade pessoal e dos outros.

**Acolhimento e diálogo com os alunos:** o acolhimento aos alunos é realizado com uma saudação aos mesmos.

**Registo do sumário:** Após este breve diálogo de acolhimento e receção é feito o registo de sumário no quadro, e pelos alunos no caderno, com o tema “Continuação da aula anterior. Breve ficha de avaliação”

**Recapitulação da aula anterior:** breve diálogo vertical e horizontal acerca da aula anterior.

**Ficha de avaliação de conhecimentos (Cf. Anexo II):** A professora optou por iniciar a aula com a apresentação de uma pequena ficha de avaliação em formato Googleforms (<https://forms.gle/E6hCCEfrUap2DXwD7>). Para os alunos que não tinham meios informáticos para a realização da ficha a professora disponibilizou em formato papel. Os alunos tiveram 25 minutos para a realização desta ficha.

**Momento de leitura:** projeção do texto de Santo Agostinho da página 118 do manual, seguido de um diálogo vertical e horizontal, orientado pela professora, com o objetivo de esclarecer que tudo o que fazemos deve ser feito com amor, de maneira a garantir a felicidade e realização pessoais, pois o limite do amor encontra-se no rosto do outro. Este outro é aquele que precisa de ser amado e cuidado, sem ferir, sem julgar, sem condenar, vivendo desta forma a plenitude de um amor verdadeiro, com liberdade, com alegria, sem maldade e malícia. «Amar é entrar na beleza que é Deus [...]».<sup>230</sup>

**Momento de despedida expresso através de gestos de afeto:** Uma vez que era a última aula e como forma de concluir esta Unidade Letiva a professora entregou aos alunos uma mensagem personalizada, símbolo de afeto, esperança e incentivo, (um coração que formava um envelope) como lembrança.

Para efeitos de avaliação, foi tido em conta o cumprimento das regras da sala de aula, a assiduidade e pontualidade, empenho, participação, atitudes e valores, atenção e concentração, motivação e interesse e exercício de avaliação.

---

<sup>230</sup> Cordeiro et al., 118.

**Reflexão sobre a aula:** Ao refletir sobre esta última aula pode dizer-se que a mesma foi muito positiva. Os alunos manifestaram grande empenho na realização da ficha de avaliação, e foi possível constatar que as metas e aprendizagens essenciais que fazem parte integrante do programa foram bem alcançadas e desenvolvidas, pois os alunos não tiveram dificuldades em responder às questões pedidas. Os alunos acolheram muito bem e com grande satisfação a mensagem de afeto, esperança e incentivo, oferecida pela professora (um coração que formava um envelope).

Verificou-se uma boa gestão da aula e uma boa relação pedagógica com os alunos.

Apresento a planificação elaborada para esta aula:



**Planificação de Aula**

Unidade Letiva: Riqueza e Sentido dos Afetos  
Aula: nº 8/8

Ano: 8º | Turma: 2  
Data: 11/05/2021  
Tempo previsto: 50 minutos

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário			<ul style="list-style-type: none"> <li>Acolhimento</li> <li>Registo do sumário, no quadro, pelo(a) professor(a)</li> </ul>		Quadro branco e marcadores/canetas de quadro	3 min	
<b>SUMÁRIO: Continuação da aula anterior.</b> <b>Ficha de avaliação</b>							
Cultura Cristã e Visão Cristã da vida	Valorizar a mensagem cristã para a vivência do amor humano;	<ul style="list-style-type: none"> <li>Santo Agostinho, <i>in Ioannem</i> 8.7: «ama e faz o que quiseres»;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Breve recapitulação sobre a aula anterior.</li> </ul>	Conhecedor/sabedor/culto/informado (A, B, I)	Caderno do aluno (diário) Computador  Smartphone/pc ou papel  Manual da disciplina	3 min	Cumprimento das regras de sala de aula;
	Assumir atitudes responsáveis na procura da felicidade pessoal e dos outros	<ul style="list-style-type: none"> <li>Crescer a ser adulto é fazer escolhas na perspetiva do amor:</li> <li>- Procurar o bem-comum;</li> <li>- Viver a felicidade na entrega aos outros.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ficha de Avaliação de Conhecimentos (Googleforms). (<a href="https://forms.gle/E6hCCEfrUap2DXwD7">https://forms.gle/E6hCCEfrUap2DXwD7</a>)</li> <li>Leitura do texto de Santo Agostinho p. 118.</li> <li>Diálogo orientado pelo/a professor/a acerca do texto, pretende-se esclarecer que tudo o que fazemos devemos fazê-lo com amor de maneira a garantir a felicidade e realização pessoal.</li> </ul>	Crítico/Analítico (A, B, C, D)		25 min	Grelhas observação direta: assiduidade, pontualidade, empenho, participação, atitudes e valores;
			<ul style="list-style-type: none"> <li>Entrega pela professora de uma mensagem personalizada - símbolo de afeto, esperança e incentivo - a cada aluno como lembrança e encerramento desta UL.</li> </ul>	Sistematizador/Organizador (A, B, C, I)		10 min	Atenção/concentração;
						9 min	Motivação/interesse;  Exercício de avaliação;

#### 4. Avaliação da Prática de Ensino Supervisionada

Este é o momento de fazer a avaliação do que foi a experiência da Prática de Ensino Supervisionada ao longo do ano letivo 2020/2021.

A avaliação é indispensável para o processo ensino-aprendizagem, no entanto, é uma tarefa ampla e complexa, pois conjuga vários elementos que procuram determinar o desempenho dos alunos nas várias tarefas da aprendizagem.<sup>231</sup> Avaliar é um processo contínuo, sistemático e deve incluir sempre a «utilização de um leque amplo e variado de instrumentos e estratégias de avaliação [...]».<sup>232</sup> O Professor tem um papel essencial para o sucesso no processo ensino-aprendizagem, para isso, é fundamental ter capacidade refletiva sobre o seu próprio desempenho assim como deve ter conhecimento das suas capacidades e competências.

É partindo deste pressuposto que faço esta reflexão sobre a lecionação no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada, dada a sua enorme importância, e tendo por objetivo a orientação de forma gradual de competências e de aprendizagens, no sentido do desenvolvimento profissional do/a professor/a estagiário/a. A PES oferece a possibilidade de pôr em prática várias das competências adquiridas no percurso escolar, tornando, assim, o professor(a) estagiário(a) num mediador e transmissor de saberes; é, também, fundamental para o conhecimento do que é o meio escolar, no seu sentido prático, pelo contacto com a comunidade educativa.

A experiência da PES excedeu todas as minhas expectativas, pois ofereceu-me a possibilidade de alcançar e perceber o verdadeiro significado do que é ser professora e educadora. Foram enormes os desafios e os conhecimentos adquiridos, pela necessidade de sair da minha zona de conforto e procurar sempre novas formas de crescer em conhecimento, bem como, pela partilha de experiências. Só posso dizer que foi uma vivência marcadamente positiva e enriquecedora, quer na prática quer na teoria.

A lecionação da PES permitiu-me uma evolução pedagógica de aula para aula, quer a nível pedagógico quer a nível de conteúdos. Procurei em todas as aulas captar a atenção dos alunos, possibilitando-lhes uma aprendizagem diversificada, atrativa e dinâmica, utilizando diferentes estratégias e diversificados recursos. Procurei utilizar sempre uma linguagem clara e, ao longo das aulas, questionei-os sobre as dúvidas que poderiam sentir, procurei em cada início de aula, em conjunto com os alunos, fazer uma recapitulação e síntese dos conhecimentos anteriormente transmitidos.

---

<sup>231</sup> Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 159–60.

<sup>232</sup> Secretariado Nacional da Educação Cristã, 160.

Ao longo da lecionação da Unidade Letiva utilizei várias vezes as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC): projeção e visualização de vídeos e imagens; jogos com conteúdos lecionados; utilizei, também, dinâmicas formativas e práticas, bem como abordagens musicais com intuito pedagógico, que me pareceram excelentes ferramentas para atingir os objetivos de consolidação de conhecimentos. Com efeito, as metodologias utilizadas ao longo das aulas foram elaboradas de modo a despertar e incentivar o interesse dos alunos e para maior facilidade no processo ensino-aprendizagem.

O uso das TIC tornou-se uma ferramenta importante e de grande influência na prática pedagógica, dado possibilitar novas formas de aprender e ensinar, mediando a relação professor e aluno no processo ensino-aprendizagem. O rápido desenvolvimento das tecnologias tem atraído muitos jovens, dado que se identificam com os novos recursos das TIC; o/a professor/a deve procurar acompanhar o avanço dos programas, de modo a tornar as aulas mais interessantes e motivadoras.<sup>233</sup>

O recurso aos jogos, utilizados de uma forma lúdica, teve como intuito tornar as atividades letivas mais prazerosas para os alunos e, ao mesmo tempo, permitir uma real aprendizagem, pois o professor através do jogo constrói conhecimento.

Partindo do pensamento de Isabel Varanda o jogo é acessível a todo o ser humano, entra-se nele por gosto, alegria e descontração, dado que liberta da monotonia, das preocupações diárias, mas não deixa de ter regras, riscos e comportamentos imprevisíveis. Ao jogar aliamos alegria e prazer, mas, por vezes, tensão e sofrimento.<sup>234</sup>

A utilização da música como recurso pedagógico resulta do facto de esta ser importantíssima no processo ensino-aprendizagem, dado que facilita o desenvolvimento das relações afetivas, psicomotoras, cognitivas e linguísticas, favorecendo a abertura a expressões de emoções, de sensações, de sentimentos e na construção integral do ser humano.<sup>235</sup>

A relação que mantive com os alunos foi de proximidade e colaboração; é de referir que estes sempre mantiveram uma correta postura, empenho, dedicação e motivação o que permitiu o meu desenvolvimento como professora e o sucesso da prática pedagógica, pois a participação dos discentes foi fulcral para o bom funcionamento das aulas. Promoveu-se sempre

---

<sup>233</sup> Cf. Ione de Cássia Soares da Silva, Tatiane da Silva Prates, e Lucineide Fonseca Silva Ribeiro, «As Novas Tecnologias e Aprendizagem: Desafios Enfrentados pelo Professor na Sala de Aula», *Revista Em Debate* 16 (2016): 108–9, <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.5007/1980-3532.2016n15p107>.

<sup>234</sup> Cf. Isabel Varanda, «Nem Acaso, Nem Necessidade. O Jogo como Metáfora da Criação», *Didaskalia* 37 (2007): 146.

<sup>235</sup> Cf. Monica Cristina CAETANO e Roberto Kern GOMES, «A importância da música na formação do ser humano em período escolar», *Educação Em Revista* 13, n.º 2 (November 5, 2012): 75, <https://doi.org/10.36311/2236-5192.2012.v13n2.3288>.

a integração e inclusão de todos os alunos da turma, procurando sempre o bem-estar afetivo e social, elemento favorável a uma boa aprendizagem.

Durante a PES não houve situações que mereçam particular realce, no entanto, não posso deixar de referir algumas limitações impostas pelo atual contexto pandémico, que vivemos no presente ano letivo, provocado pelo vírus Covid-19.

Entre elas uma que considero de máxima importância, a saber, a impossibilidade de assistir às aulas dos colegas do núcleo de estágio, o que teria sido, para mim, uma mais-valia; permitiria, assim, fazer uma melhor autoanálise do meu desenvolvimento e da minha aprendizagem como professora, como também pela partilha de informações e experiências. No entanto, é conveniente mencionar que foram feitos todos os esforços no sentido de minimizar as condicionantes provocadas pelas restrições da pandemia, o que possibilitou a realização da PES na escola.

Por último, considero que os objetivos que me propus atingir no início da minha Prática de Ensino Supervisionada foram alcançados, quer na diversificada aprendizagem pelos discentes, quer no meu desenvolvimento e aprendizagem como futura professora de EMRC. Penso, pois, poder afirmar que contribui para a prossecução das metas do Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches: «Ser uma escola de cidadania voluntária e ser uma escola de qualidade».<sup>236</sup>

---

<sup>236</sup> Sanches, «Projeto Educativo 2018-2022».

## CONCLUSÃO

Nos primeiros tempos de pandemia, logo que foi decretado o estado de emergência e a imposição de um confinamento obrigatório – março de 2020 – várias foram as mensagens positivas, os gestos solidários, as ações concretas que manifestavam uma preocupação em ajudar e cuidar; o lema “Vai ficar tudo bem!”, tendo por fundo, regra geral, um arco-íris, que se viu em tantas janelas, através de folhas, cartazes, parecia anunciar um novo começo, uma nova oportunidade para a humanidade se regenerar e se humanizar ainda mais.

Volvidos dois anos e meio, o ímpeto inicial de entreajuda esmoreceu, as mensagens foram retiradas das janelas, os cartazes foram deitados ao lixo/reciclagem. Este não é um retrato negativo, mas sim uma constatação: a mudança de hábitos leva tempo e exige consistência e mudança de mentalidade.

Em educação, teremos de ter em conta sempre a questão temporal que leva a alcançar determinada aprendizagem. Veja-se o exemplo da história da humanidade, que apesar de ter assistido e enfrentado inúmeras guerras nacionais, se viu a braços com duas guerras mundiais na primeira metade do século XX. Parece que não se aprendeu com a história; poucas ou nenhuma ilações se retiraram destes flagelos de origem e causa humana.

Em pleno século XXI, quando parecia que uma pandemia seria o único cenário terrível, eis que surge um conflito armado, na Europa, que afeta não só aquela zona de conflito, como também a vida de todos os europeus: é um flagelo humano, milhares de deslocados em busca de refúgio, famílias separadas, sonhos e projetos em suspenso ou até dizimados.

Nunca como agora, as palavras do Papa Francisco, evocando as palavras do evangelho de Jesus Cristo, daquele que foi o Seu anúncio de vida, mostram a necessidade de se cuidar do outro; de derrubarmos as barreiras que impedem o encontro, a aceitação, o relacionamento sadio e profundamente humano. O “Vai ficar tudo bem!” não pode ficar apenas no papel, nas intenções, nas promessas.

Há que dar, há que ser dádiva, saber estar disponível para escutar, para estender e dar a mão a quem precisa; a afetividade pode ser proposta em sala de aula, em ambiente escolar. Quão mais cedo conseguirmos ensinar às nossas crianças e jovens que estas propostas são válidas, coerentes e necessárias para uma real e concreta fraternidade humana; relação cuidadora que começa em cada lar, em cada família, passando depois para o grupo de amigos, o grupo turma, a escola, como que numa espécie de bom contágio.

Usando o exemplo do Bom Samaritano, o Papa Francisco convida-nos a estar próximos uns dos outros, de maneira a construirmos uma sociedade que saiba cuidar e levantar

aqueles que mais sofrem, que saiba incluir e integrar. O Samaritano mostra que é possível vencer barreiras e preconceitos, que devemos passar da teoria à prática, do saber a Lei a cumprir com ações o normativo, não pela regra em si, mas pelo fim último: cuidar e ser próximo; manifestar o amor.

O amor leva-nos à responsabilidade por nós próprios e pelo(s) outro(s). O amor que o Samaritano demonstra, leva-o a alterar planos, a sair do seu percurso, da sua zona de conforto e a fazer o bem. Este amor, em gestos de afeto, forma-se e cultiva-se, deve cultivar-se, desde cedo na família, no grupo de amigos, em ambiente escolar e nas mais variadas instituições e formas de vida organizada em sociedade.

Se consideramos importante e fundamental educar para a reciclagem e para a ecologia, devemos manifestar uma vontade maior em educar para uma fraternidade humana real e afetiva. Que seja visível em gestos francos, concretos e dedicados; fora do anúncio em redes sociais virtuais, mas que se consubstancie em redes sociais fortes, reais, de vizinhança, de proximidade. Que cada pessoa aprenda do Bom Samaritano a ser próxima, isso mudará para melhor a condição humana das nossas sociedades hodiernas.

## BIBLIOGRAFIA

*Bíblia Sagrada*. Fátima: Difusora Bíblica, 2010.

### Documentos do Magistério da Igreja

Bento XVI, «Carta Encíclica *Deus Caritas Est* do Sumo Pontífice Bento XVI sobre o Amor Cristão», 2005. Acedido a 19 de fevereiro de 2021 em

[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20051225\\_deus-caritas-est.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html)

Catecismo da Igreja Católica. Torres Novas: Gráfica Almondina, 1999.

Católica, Sagrada Congregação para a Educação. «*Orientações Educativas Sobre o Amor Humano, Linhas Gerais Para Uma Educação Sexual*», 1983. Acedido a 7 de janeiro de 2021 em

[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc\\_con\\_ccatheduc\\_doc\\_19831101\\_sexual-education\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19831101_sexual-education_po.html).

Concílio Vaticano II. «Declaração "Gravissimum Educationis" sobre a Educação Cristã», 1965. Acedido a 18 de fevereiro de 2021 em

[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decl\\_19651028\\_gravissimum-educationis\\_po.html#](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html#).

Concílio Vaticano II. «Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* Sobre a Igreja no Mundo Atual», 1965. Acedido a 7 de janeiro de 2021 em

[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html).

Francisco, e Ahmad Al-Tayyeb. *Documento Sobre a Fraternidade Humana Em Prol Da Paz Mundial e Da Convivência Comum*. Adu Dahbi, 2019. Acedido a 13 de janeiro de 2021 em [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco\\_20190204\\_documento-fratellanza-umana.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html).

Francisco, «Carta Encíclica *Fratelli Tutti* do Santo Padre Francisco Sobre a Fraternidade e a Amizade Social», 2020. Acedido a 5 de dezembro de 2020 em

[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20201003\\_enciclica-fratelli-tutti.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html)

———. «Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*», 2013. Acedido a 11 de março de 2022 em [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-)

- francesco\_esortazione-ap\_20131124\_evangelii-gaudium.html.
- . «Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*», 2016. Acedido a 7 de junho de 2022 em [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20160319\\_amoris-laetitia.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html).
- . «Homilia do Papa: Vacina Para o Coração é o Cuidado, Cuidar Das Pessoas e Das Coisas», 2021. Acedido a 16 de junho de 2022 em <https://noticias.cancaonova.com/especiais/pontificado/francisco/papa-vacina-para-o-coracao-e-o-cuidado-cuidar-das-pessoas-e-das-coisas/>.
- . «Mensagem do Papa Francisco para o 106.º Dia Mundial do Migrante e do Refugiado», 2020. Acedido a 3 de fevereiro de 2021 em [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco\\_20200513\\_world-migrants-day-2020.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20200513_world-migrants-day-2020.html).
- . «Mensagem do Papa Francisco para o 107.º Dia Mundial do Migrante e do Refugiado», 2021. Acedido a 23 de janeiro de 2021 em [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco\\_20210503\\_world-migrants-day-2021.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20210503_world-migrants-day-2021.html).
- . «Mensagem do Papa Francisco para o 108.º Dia Mundial do Migrante e do Refugiado», 2022. Acedido a 6 de março de 2021 em <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/20220509-world-migrants-day-2022.html>.
- . «Mensagem do Santo Padre Francisco para a Celebração do 54.º Dia Mundial da Paz», 2021. Acedido a 19 de abril de 2022 em [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco\\_20201208\\_messaggio-54giornatamondiale-pace2021.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20201208_messaggio-54giornatamondiale-pace2021.html).
- . «Pacto Educativo Global», 2019. Acedido a 8 de junho de 2022 em <https://www.educationglobalcompact.org/resources/Risorse/vademecum-portuges.pdf>
- . «Exortação Apostólica Pós-Sinodal “Christus Vivit”», 2019. Acedido a 19 de dezembro de 2020 em [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20190325\\_christus-vivit.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html).
- Pontifício Conselho da Justiça e da Paz. «Compêndio da Doutrina Social da Igreja», 2004. Acedido a 19 de dezembro de 2020 em [https://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/justpeace/documents/rc\\_pc\\_justpeace\\_doc\\_20060526\\_compendio-dott-soc\\_po.html#SECRETARIA DE ESTADO](https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html#SECRETARIA DE ESTADO).

## **Documentos da Conferência Episcopal Portuguesa**

Conferência Episcopal Portuguesa. «Educação Moral e Religiosa Católica - Um Valioso Contributo para a Formação da Personalidade». *Pastoral Catequética: Revista de Catequese e Educação* 5 (2006): 7-16.

## **Legislação**

Assembleia da República. «*Constituição da República Portuguesa*». Abril, 2002. Coimbra: Livraria Almedina, 1976.

———. «Lei de Bases Do Sistema Educativo - Lei n.º 46/86». *Diário Da República* 237/1986, no. Série I (1986).

Presidência do Conselho de Ministros. «Decreto-Lei n.º 54/2018, de 6 de julho», do Ministério de Educação e Ciência, *Diário da República*, 1.ª série - N.º 129 § (2018). Acedido a 15 de junho de 2021 em [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EEspecial/dl\\_54\\_2018.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EEspecial/dl_54_2018.pdf).

———. «Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho», do Ministério de Educação e Ciência, *Diário da República: I série, N.º 129, de 6 de julho.º129, de 6 de julho § (2018)*. Acedido a 15 de junho de 2021 em <https://dre.pt/application/conteudo/115652962>.

Ministérios das Finanças e da Educação e Ciência - Gabinetes dos Ministros de Estado e das Finanças e da Educação e Ciência. «Despacho 5306/2012, de 18 de Abril» (2012). Acedido a 20 de janeiro de 2021 em <https://dre.pt/dre/detalhe/despacho/5306-2012-3033940>.

Secretário de Estado da Educação. «Despacho 6944-A/2018» (2018). Acedido a 20 de janeiro de 2021 em <https://dre.pt/application/conteudo/115738779>.

———. «Despacho 6478/2017, de 26 de julho» (2017). Acedido a 20 de janeiro de 2021 em <https://dre.pt/dre/detalhe/despacho/6478-2017-107752620>.

## **Bibliografia Geral**

Alves, Maria Palmira Carlos. *Currículo e Avaliação, Uma Perspetiva Integrada*. Porto: Porto Editora, Lda, 2004.

- Baggio, Fabio et Michael Czerny. «Migrantes & Refugiados», 2018. Acedido a 16 de junho de 2022 em <https://migrants-refugees.va/pt/blog/2018/12/10/pacto-global-migracao-segura/>.
- Barros de Oliveira, José Henrique. *Psicologia da Religião*. Coimbra: Livraria Almedina, 2000.
- Bianchi, Enzo. *Procura Os Outros: A Fraternidade e a Esperança*. Lisboa: PAULUS Editora, 2013.
- Boff, Leonard. *Saber Cuidar: Ética do Humano - Compaixão Pela Terra*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- CAETANO, Monica Cristina, e Roberto Kern GOMES. «A importância da música na formação do ser humano em período escolar». *Educação Em Revista* 13, n.º 2 (November 5, 2012): 71–80. <https://doi.org/10.36311/2236-5192.2012.v13n2.3288>.
- Carvalho, Cristina Sá. «A Experiência Religiosa Dos Adolescentes». *Theologica* 45, n.º 2 (2010): 411–33. <https://doi.org/10.34632/theologica.2010.2051>.
- . *Guia de Educação da Sexualidade*. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2008.
- . «Pastoral Juvenil e Diálogo Entre Carismas». *Theologica* 47, n.º 1 (2012): 222.
- . «Pressupostos Epistemológicos e Pedagógicos do Desenvolvimento Curricular em Educação Moral e Religiosa Católica, Edição 2014». *Pastoral Catequética: Revista de Catequese e Educação* 31–32 (2015): 173.
- Conesa, Francisco. «"Fratelli Tutti" y El Individualismo Contemporáneo». *Scripta Theologica* 53, n.º 1 (March 31, 2021): 123–49. <https://doi.org/10.15581/006.53.1.123-149>.
- Cordeiro, António, Fernando Moita, José Luís Dias e Margarida Portugal. *Quero Saber!: Manual do Aluno do 7.º Ano de Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015.
- Cordeiro, Mário. *Educar Com Amor, Um Guia de Afetos e Sentimentos Para Que Os Seus Filhos Cresçam Felizes e Equilibrados*. 2.ª edição. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2014.
- Corrêa, Fabiano Simões, e Sérgio Kodato. «As Redes Sociais e a Discussão Sobre Dependência Afetiva Nas Relações Virtuais». *Perspectiva em Psicologia* 18, n.º 2 (2014): 88–104.
- Correia, João Alberto Sousa. *A Hospitalidade na Construção da Identidade Cristã*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2014.
- Costa, J. Almeida, e A. Sampaio e Melo. *Dicionário de Língua Portuguesa*. 8.ª. Porto: Porto Editora, Lda, 1998.
- D'Aurea-Tardeli, Denise. «A Manifestação da Solidariedade em Adolescentes: Um Estudo

- Sobre a Personalidade Moral». *Psicologia: Ciência e Profissão* 28, n.º 2 (2008): 288–303. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932008000200006>.
- Damásio, António. *O Sentimento de Si: O Corpo, a Emoção e a Neurobiologia da Consciência*. 13.<sup>a</sup>. Mira-Sintra, Mem Martins: Publicações Europa-América, 1999.
- . *Ao Encontro de Espinosa: As Emoções Sociais e a Neurologia do Sentir*. 6.<sup>a</sup> edição. Mem Martins: Publicações Europa-América, 2004.
- Debray, Régis. *L'Enseignement Du Fait Religieux Dans l'école Laïque. Rapport Au Ministre de l'Éducation Nationale*. Paris: Odile Jacob, 2002.
- Duque, João. «Do Sentimento de Si ao Sentimento do Outro». *Theologica* 46, n.º 1 (2011): 196.
- Duque, João Manuel. *O Excesso do Dom*. Lisboa: Alcalá, 2004.
- . *O Próximo e a Comunidade - Breve Leitura Da Fratelli Tutti*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2021.
- . «Sobre a Educação Integral do Ser Humano». *Pastoral Catequética: Revista de Catequese e Educação* 26 (2005).
- Ferreira, Manuela, e Paula Batista Nelas. «Adolescência... Adolescentes». *Educação, Ciência e Tecnologia*, February 2006 acessado a 23 de janeiro de 2021 em <http://hdl.handle.net/10400.19/409>.
- Filgueiras, Isabel Girão. «"À Procura dos mais Jovens" Educando a Sexualidade (Por Projetos)». *Theologica* 42, n.º 2 (2007): 428.  
<https://doi.org/https://doi.org/10.34632/theologica.2007.1346>.
- Gauquelin, Michel, e Françoise Gauquelin. *Dicionário de Psicologia*. Lisboa: Verbo, 1980.
- Gevaert, Joseph. *El Problema Del Hombre - Introducción a La Antropología Filosófica*. 11.<sup>a</sup> Ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1997.
- González, Eugenio. «Educar en la Afectividad». *Revista Digital Universitaria* 510 (2011): 3–5. Acessado a 3 de janeiro de 2021 em <http://www.surgam.org/articulos/504/12%20EDUCAR%20EN%20LA%20AFECTIVIDAD.pdf>.
- Ivereigh, Austen. *Vamos Sonhar Juntos - O Caminho Para Um Futuro Melhor*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca Ltda, 2020.
- Japiassú, Hilton, e Danilo Marcondes. *Dicionário Básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. Acessado a 3 de janeiro de 2021 em [http://raycydio.yolasite.com/resources/dicionario\\_de\\_filosofia\\_japiassu.pdf](http://raycydio.yolasite.com/resources/dicionario_de_filosofia_japiassu.pdf).
- Jung, Carl Gustav. *O Desenvolvimento Da Personalidade*. Petrópolis: Editora Vozes, 1972.
- Larousse. *Grand Dictionnaire de La Psychologie*. Edited by Jean-Christophe Tamisier.

- Montréal: Larousse-Bordas, 1999.
- Machado, Maria do Céu. *Adolescentes*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2015.
- Martins (Coordenador), Guilherme D'Oliveira, Carlos Alberto Sousa Gomes, Joana Maria Leitão Brocardo, José Vítor Pedroso, José León Acosta Carrillo, Luísa Maria Ucha Silva, Maria Manuela Guerreiro Alves da Encarnação, et al. «*Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*». Lisboa: Ministério da Educação, Direção-Geral da Educação, 2017. Acedido a 21 de janeiro de 2021 em <http://hdl.handle.net/10400.26/22377>.
- Martins, Lígia Márcia. «A Natureza Histórico-Social da Personalidade». *Cadernos CEDES* 24, n.º 62 (Abril 2004): 82–99. <https://doi.org/10.1590/S0101-32622004000100006>.
- Matos, Margarida Gaspar de. *Adolescentes: As Suas Vidas, o Seu Futuro*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2020.
- Meneses, Ramiro Délio Borges. *O Desvalido no Caminho (Lc 10,25-37) Pela Inteligência Comotiva*. Roma: IF Press, 2019.
- Ministério da Educação. «*Aprendizagens Essenciais de Educação Moral e Religiosa Católica - 7.º Ano do 3.º Ciclo do Ensino Básico*», 2018. Acedido a 21 de janeiro de 2021 em [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens\\_Essenciais/3\\_ciclo/emrc\\_3c\\_7a.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/3_ciclo/emrc_3c_7a.pdf).
- . «Orientações Para a Recuperação e Consolidação das Aprendizagens ao Longo do Ano Letivo de 2020/2021», 2020. Acedido a 15 de junho de 2021 em [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/orientacoes\\_2020.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/orientacoes_2020.pdf).
- Organização das Nações Unidas, Assembleia Geral. «Declaração Universal dos Direitos Humanos» (1948). Acedido a 21 de janeiro de 2021 em <https://dre.pt/dre/geral/legislacao-relevante/declaracao-universal-direitos-humanos>.
- Patuzzo, Izabel, e Tarlei Navarro. «E Quem é o Meu Próximo? Uma Leitura de Lc 10,25-37 Em Chave Narrativa». *Revista Contemplação* 23 (2020): 159–73. Acedido a 9 de janeiro de 2022 em <http://site14076127167.provisorio.ws/contemplacao/index.php/contemplacao/article/view/261/285>.
- Paula, Sandra Regina de, e Moacir Alves de Faria. «Afetividade na Aprendizagem». *Revista Eletrônica Saberes Da Educação* 1, n.º 1 (2010). Acedido a 12 de fevereiro em <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdfs/sandra.pdf>.
- Piéron, Henri. *Vocabulario de Psicología*. Traducción. Madrid: Ediciones Akal, 1990.
- Ratzinger, Joseph. *Jesus de Nazaré*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2007.

- Rojas, Enrique. *A Vida Não Se Improvisa*. 1ª. Lisboa: Matéria-Prima Edições, 2018.
- Saint-Exupéry, Antoine de. *O Príncipezinho, O Grande Livro Pop-Up, Texto Integral*. 2.ª Edição. Lisboa: Editorial Presença, 2016.
- Sanches, Agrupamento de Escolas Dr. Francisco. «Projeto Educativo 2018-2022». Braga, 2018. Acedido a 18 de janeiro de 2021 em [https://www.aefranciscosanches.pt/97\\_PEA - AEFS-Aprovado\\_CG\\_23-01-2019.pdf](https://www.aefranciscosanches.pt/97_PEA-AEFS-Aprovado_CG_23-01-2019.pdf).
- Schaeffer Rocha, Abdruschin, e David Mesquiati de Oliveira. «Acolher o outro de nós mesmos: migração, cuidado e hospitalidade». *Estudos Teológicos* 60, n.º 3 (December 28, 2020): 851. <https://doi.org/10.22351/et.v60i3.4043>.
- Secretariado Nacional da Educação Cristã. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. Torres Novas: Gráfica Almondina, 2014.
- Silva, Ione de Cássia Soares da, Tatiane da Silva Prates, e Lucineide Fonseca Silva Ribeiro. «As Novas Tecnologias e Aprendizagem: Desafios Enfrentados pelo Professor na Sala de Aula». *Revista Em Debate* 16 (2016). <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.5007/1980-3532.2016n15p107>.
- Silvano Herrera Contreras, Jorge Luiz de Paula, e Cláudia Chesini (Org.). *Dicionário Do Pacto Educativo Global Organizadores: Diccionario Del Pacto Educativo Global*, 2021.
- Sousa, Pedro Miguel Lopes de. «Desenvolvimento Moral na Adolescência», 2006. Acedido a 26 de fevereiro de 2021 em <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0296.pdf>.
- Teixeira, Alfredo. «A Adolescência e a Juventude como Culturas». *Theologica* 47, n.º 1 (2012): 222. <https://doi.org/10.34632/theologica.2012.2224>.
- Varanda, Isabel. «Multiculturalidade e Diversidade Religiosa». *Communio: Revista Internacional Católica*. Lisboa, 2006.
- . «Nem Acaso, Nem Necessidade. O Jogo como Metáfora da Criação». *Didaskalia* 37 (2007): 141–59.
- Wolfe, Patricia. *Compreender o Funcionamento Do Cérebro*. Porto: Porto Editora, 2007.

## ANEXOS

### Anexo I - Ficha de caracterização do aluno

6. Habilitações literárias da mãe \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Ensino Básico (4.º, 6.º, 9.º ano)
- Ensino Secundário (12.º ano)
- Licenciatura
- Mestrado
- Doutoramento
- Outra

7. Profissão do pai \*

---

8. Profissão da mãe \*

---

9. Ano \*

*Marcar apenas uma oval.*

- 8.º

10. Turma \*

*Marcar apenas uma oval.*

- 2

11. Número \*

*Marcar apenas uma oval.*

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- 21
- 22
- 23
- 24
- 25
- 26
- 27
- 28
- 29
- 30

12. Morada completa \*

---

---

---

---

---

13. Vês bem? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

14. Ouves bem? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

15. Dormes bem? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

Ainda sobre ti... Vida familiar e meio envolvente

O quotidiano em tempo de aulas.

16. A que horas te costumavas levantar? \*

*Exemplo: 08:30*

17. A que horas te costumavas deitar? \*

21. Tens lugar próprio para estudar? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

22. Estudas... \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sozinho

Acompanhado

23. Os teus pais/encarregado de educação costumam falar contigo sobre a tua vida escolar? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

24. Quais as atividades em que ocupas o teu tempo livre? \*

---

---

---

---

---

25. Tens computador em casa? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

26. Com acesso à internet? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

Sobre ti e a escola...

27. O ano passado frequentaste esta escola? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

28. Sentes-te bem na escola? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

29. Quando não obténs resultados positivos, como te sentes? \*

*Marcar tudo o que for aplicável.*

Indiferente

Preocupado

Desanimado

Decidido a fazer melhor

30. Tens dificuldades na aprendizagem? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

31. Que fatores consideras que afetam o processo de ensino-aprendizagem? \*

*Marcar tudo o que for aplicável.*

- Dificuldades em compreender a explicação do/a professor/a.
- Situações de indisciplina na sala de aula.
- Prestar pouca atenção durante as aulas.
- Falta de assiduidade
- Falta de estudo
- Inadaptação à turma
- Timidez em esclarecer os assuntos não compreendidos.

32. Em que disciplina(s) tens mais dificuldades? \*

---

33. Em que disciplina(s) tens mais sucesso? \*

---

34. Gostaria de estudar até que ano? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- 12.º ano
- Licenciatura
- Mestrado
- Doutoramento

35. O que gostarias de ser no futuro? \*

---

36. O que mais gostas num professor? \*

---

---

---

---

---

37. Que tipo de aluno te consideras? \*

*Marcar tudo o que for aplicável.*

- Preguiçoso
- Trabalhador
- Atento
- Distraído
- Bom
- Mau
- Muito bom
- Péssimo
- Razoável

38. O que mais gostas de fazer nas aulas de EMRC? \*

---

---

---

---

---

39. O que menos gostas de fazer nas aulas de EMRC? \*

---

---

---

---

---

40. O que esperas das aulas de EMRC? \*

---

---

---

---

---

Sobre ti... e a pandemia da Covid-19

41. Tens consciência de que estamos a viver uma fase muito complicada nas nossas vidas? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não
- Talvez

42. Sentes receio relativamente à Covid-19? Se sim, porquê e a quê? \*

---

---

---

---

---

43. Estiveste em confinamento. Como lidaste com o facto de não poderes sair de casa, de não estares fisicamente com os teus amigos, de não poderes ir para a escola? \*

---

---

---

---

---

44. O que pensas sobre esta pandemia? \*

---

---

---

---

---

45. O que entendes por afeto? \*

---

---

---

---

---

46. Sabes que os afetos estão associados ao despertar da adolescência e da sexualidade?  
Sentes que tens muitas dúvidas relativamente a este assunto? Se sim, quais? \*

---

---

---

---

---

47. Gostarias de esclarecer essas dúvidas nas aulas de EMRC? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não
- Talvez

48. Do conjunto seguinte, quais as palavras que te parecem mais relacionadas com afeto? \*

*Marcar tudo o que for aplicável.*

- Amizade
- Diálogo
- Individualismo
- Hospitalidade
- Dádiva
- Namoro
- Convívio
- Festa
- Indiferença
- Família
- Crítica
- Amigos
- Solidão

## Anexo II – Ficha de Avaliação e consolidação de conhecimentos



# Riqueza e sentido dos afetos.

Ficha de avaliação e consolidação de conhecimentos.

**\*Obrigatório**

1. Email \*

---

2. Nome completo \*

---

3. Ano \*

*Marcar apenas uma oval.*

8º Ano

4. Turma \*

*Marcar apenas uma oval.*

2

5. Número \*

*Marcar apenas uma oval.*

1

2

3

4

5

6

7

8

- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- 21
- 22
- 23
- 24
- 25

### Mudanças na Adolescência

6. Todas as mudanças que se operam na vida de cada adolescente são importantes para a construção da sua identidade. Relaciona as características da coluna da esquerda com as mudanças da coluna da direita. \*



*Marcar tudo o que for aplicável.*

	Mudanças fisiológicas	Mudanças afetivas e sociais	Mudanças intelectuais
Pensa por si próprio, questionando as opiniões dos outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Umás vezes sente-se o melhor e outras o pior.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
É capaz de gerar vida nova.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O corpo cresce intensamente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O grupo de amigos torna-se uma segunda casa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
É capaz de um pensamento abstrato.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Questiona tudo o que está à sua volta.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

### Dúvidas e Angústias

7. Assinala a resposta correta. Qual o significado da expressão "a Primavera da vida" na canção "Não há estrelas no Céu"? \*



Marcar apenas uma oval.

- A pessoa está chegar ao fim da sua via.
- Na Primavera podemos sair à rua.
- A adolescência é como a Primavera.
- Na Primavera está frio.

8. Identifica 6 sentimentos e esperanças manifestados na canção "Não há estrelas no Céu"? \*



*Marcar tudo o que for aplicável.*

- Descrença
- Solidão
- Frustração
- Dúvida
- Indiferença
- Instabilidade
- Raiva
- Ciúme
- Esperança
- Conforto

#### Identidade e Risco

9. Das seguintes atitudes, assinala 6 que deves tomar no teu processo de crescimento para decisões livres e responsáveis. \*



*Marcar tudo o que for aplicável.*

- Desespero
- Determinação
- Coragem
- Prudência
- Confiança
- Desânimo
- Coerência
- Respeito

10. Na afirmação da identidade e autonomia podemos assumir várias atitudes, umas positivas outras negativas. Consegues identificar as 3 negativas? \*



*Marcar tudo o que for aplicável.*

- Ousadia
- Diálogo
- Certeza
- Otimismo
- Desconfiança
- Inveja
- Isolamento
- Coragem
- Generosidade

11. A sexualidade é uma das componentes estruturais da realização pessoal. Identifica as 2 frases que se apresentam como manifestação de amor. \*



*Marcar tudo o que for aplicável.*

- A sexualidade é a expressão de afetos, partilha, prazer e reprodução.
- Sexualidade e erotização são a mesma realidade humana.
- Na adolescência a sexualidade manifesta-se de forma brusca e acelerada.
- A sexualidade é a busca do prazer e a exaltação do corpo.

12. Identifica as seguintes características numa relação de namoro \*



Marcar apenas uma oval por linha.

	Relação saudável	Relação não saudável
Boa comunicação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Empurrões	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Privacidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Respeito mútuo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Apalpões/toques indesejados	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Confiança	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Honestidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Insultos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Igualdade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Manipulação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Apoio mútuo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Humilhação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Perseguição	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>